

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ADRIANA GOMES BANDEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. LUCIANO NOVAES VIDON

**CULTURA SURDA E TRANSCULTURALIDADE: A QUESTÃO DAS
IDENTIDADES NUMA COMUNIDADE ACADÊMICA DA GRANDE VITÓRIA**

Vitória - ES, Agosto de 2018.

ADRIANA GOMES BANDEIRA

**CULTURA SURDA E TRANSCULTURALIDADE: A QUESTÃO DAS
IDENTIDADES NUMA COMUNIDADE ACADÊMICA DA GRANDE VITÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa em Linguística Aplicada.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais da
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
Bibliotecário: Saulo de Jesus Peres – CRB-6 ES-000676/O

B214c Bandeira, Adriana Gomes, 1983-
 Cultura surda e transculturalidade : a questão das identidades
 numa comunidade acadêmica da Grande Vitória / Adriana Gomes
 Bandeira. – 2018.
 123 f.

 Orientador: Luciano Novaes Vidon.
 Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade
 Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e
 Naturais.

 1. Surdos – Vitória, Região Metropolitana de (ES). 2.
 Identidade social. 3. Estudos interculturais. 4. Fusão cultural. 5.
 Dialogismo. I. Vidon, Luciano Novaes. II. Universidade Federal do
 Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III.
 Título.

CDU: 80

ADRIANA GOMES BANDEIRA

**CULTURA SURDA E TRANSCULTURALIDADE: A QUESTÃO DAS
IDENTIDADES NUMA COMUNIDADE ACADÊMICA DA GRANDE
VITÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa em Linguística Aplicada.

23 de agosto de 2018

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon (UFES)
Orientador e Presidente da Comissão

Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz (UFES)
Membro titular interno

Prof.^a Dr.^a Michele Freire Schiffler (PPGL-UFES)
Membro titular externo

Prof.^a Dr.^a Lucyenne Matos da Costa Vieira Machado (UFES)
Membro suplente interno

Prof.^a Dr.^a Simone de Jesus Padilha (UFMT)
Membro suplente externo

Ao meu filho Artur, por esta e pelas demais conquistas que alcançaremos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais Ademar Bandeira dos Santos (*in memorian*) e Edite Gomes Bandeira por serem desde sempre meus primeiros incentivadores, que me estimularam aos estudos. E se hoje estou aqui, alcançando mais uma formação, isso se deve muito ao incentivo e esforço deles.

Pelo igual apoio e incentivo, agradeço ao meu professor orientador Dr. Luciano Novaes Vidon, por ter acreditado no meu projeto, por ter acreditado no meu potencial, e também por ter aceitado o desafio de orientar um trabalho que fala sobre a comunidade surda, visto que são poucos os professores, por desconhecimento ou por não atuarem nessa área, acabam tendo receio de aceitar essa proposta, e o senhor com a sua generosidade se abriu a este universo. Obrigada!

Quero agradecer também aos professores que compõem esta banca. Prof.^a. Dr.^a. Michele Schiffler pela sua dedicação e atenção pelas suas orientações desde a banca de qualificação, suas preciosas dicas de leitura e pelo olhar carinhoso para o meu trabalho. E ao Prof. Dr. Daniel Ferraz por ser a minha grande motivação para esta pesquisa, pois foi a partir das suas aulas em uma disciplina que me despertou o interesse e a curiosidade de iniciar este projeto. Muito obrigada por me ajudarem na minha formação.

Do mesmo modo, quero agradecer a Prof.^a. Dr.^a. Lucyenne Matos por ser uma das pioneiras nos Estudos Surdos no nosso estado e grande incentivadora desta pesquisa, sempre solícita a me ajudar. Assim como quero agradecer ao chefe de departamento de Línguas e Letras em exercício, Prof. Dr. Alexandro Rodrigues Meireles, pelo apoio e autorização para o afastamento das minhas atividades como servidora desta universidade para que eu pudesse concluir a etapa final do meu curso de mestrado. E à Prof.^a. Dr.^a. Simone Padilha por ter se disponibilizado a participar da minha banca como suplente.

Gostaria de agradecer aos meus colegas tradutores intérpretes de Libras que atuam junto comigo, a saber: Brígida Mariani Pimenta, Elizabeth Martins dos Reis e Mário

Vieira Cots, pois sem a colaboração destes para que eu pudesse concluir o mestrado teria sido bem mais difícil.

Agradeço a todos e todas que de alguma forma, direta ou indiretamente ajudaram nessa minha trajetória. Aos entrevistados desta pesquisa, pois o relato de vocês foi bastante enriquecedor para a minha análise. Também quero agradecer a todos os professores e coordenação do PPGEL por terem sido atenciosos e prestativos. Aos colegas do curso de mestrado onde o nosso encontro nos enriqueceu pelas trocas e pelas amizades.

Agradeço aos amigos do Grupo de Estudos Bakhtinianos, o Gebakh, por terem sido tão generosos nos nossos encontros, nos diálogos, nas trocas de aprendizagem.

Também quero agradecer igualmente a toda a equipe do curso Letras Libras no qual faço parte, aos alunos da graduação, aos professores, por sempre torcerem por mim e me incentivarem.

Gratidão! Esse é o sentimento que expressa tudo o que sinto neste momento.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo pensar de uma forma responsiva e responsável como os sujeitos surdos da Grande Vitória constituem os termos cultura surda e identidade surda nos seus discursos. Através, principalmente, das discussões levantadas pelos Estudos Culturais, a comunidade surda buscou transformar o olhar sobre o sujeito surdo, tradicionalmente concebido pelo viés da medicina, do assistencialismo, da deficiência e da falta de audição, para um viés cultural, em que se valoriza o sujeito crítico, com identidades e língua próprias, ou seja, as identidades surdas e a língua de sinais. Por meio desses estudos criam-se os Estudos Surdos, com o objetivo de fomentar novos conceitos e ideias a respeito da pessoa surda. Como proposta de desenvolvimento nesses estudos, buscamos o pensamento da transculturalidade para incrementar essa pesquisa e trazer novas perspectivas culturais em vista de ainda existirem tantos episódios de intolerância e ódio entre as pessoas. A ideia de uma cultura superior, fechada e que se divide entre “nós” e “eles” muitas vezes acaba por produzir mais segregação e preconceito. Por isso, a proposta da nossa pesquisa é pensar a cultura surda através do transculturalidade, do dialogismo, da escuta do outro e, além disso, repensar os conceitos de identidades e cultura surdas, visando contribuir para a construção de uma sociedade mais sensível à escuta e receptiva ao outro. O *corpus* desta pesquisa é formado por entrevistas realizadas com representantes da comunidade surda da Grande Vitória que estão inseridos na comunidade acadêmica sobre questões como: identidade surda e cultura surda, que são termos comumente utilizados/pesquisados por estudiosos dos Estudos Surdos. A hipótese elencada é a de que a comunidade surda tem assumido um posicionamento fechado nos conceitos de cultura e identidade surda. Para analisarmos se essa hipótese se sustenta, utilizamos uma metodologia dialógica da escuta com a pretensão de compreender as vozes que perpassam os sujeitos envolvidos nesse processo da pesquisa.

Palavras-chave: Cultura surda, Identidade surda, Estudos Surdos, Estudos Culturais, Dialogismo.

ABSTRACT

This research aims to think responsively and responsibly how the deaf subjects of the Grande Vitória about the terms deaf culture and deaf identity in their discourses. Through the discussion of cultural studies, the deaf community sought to transform the view of the deaf subject, traditionally conceived by the bias of medicine, assistance, disability and lack of hearing, to a cultural bias, the critical subject, with their own identities and language, that is, deaf identities and sign language. Through these studies the Deaf Studies are created, with the aim of fomenting new concepts and ideas about the deaf person. As a proposal for development in these studies, we seek the idea of transculturality to increase this research and bring new cultural perspectives in view of the fact that there are still so many episodes of intolerance and hatred among people. The idea of a closed, superior culture that divides between "us" and "them" often ends up producing more segregation and prejudice. Therefore, the purpose of our research is to think deaf culture through transculturality, dialogism, listening to the other, and also to rethink the concepts of deaf identities and culture, in order to contribute to the construction of a more tolerant and receptive society to the other. The corpus of this research is formed by interviews with representatives of the deaf community of Grande Vitória that are inserted in the academic community on issues such as: deaf identity and deaf culture, which are terms commonly used / researched by scholars of the Deaf Studies. The hypothesis is that the deaf community has assumed a closed position in the concepts of culture and deaf identity. To analyze if this hypothesis is supported, we use a dialogic methodology of listening with the pretension of understanding the voices that pass through the subjects involved in this research process.

Keywords: Deaf Culture, Deaf Identity, Deaf Studies, Cultural Studies, Dialogism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 10
1 - CULTURA E CULTURA SURDA À LUZ DOS ESTUDOS CULTURAIS	p. 16
1.1 - O QUE SIGNIFICA SER SURDO? A MUDANÇA DESSE SIGNIFICADO AO LONGO DO TEMPO.....	p. 19
1.2 - CONCEITUAÇÃO DO SER SURDO A PARTIR DA PERSPECTIVA CULTURAL....	p. 23
1.3 - CULTURA SURDA E A TRANSCULTURALIDADE: O QUE ESPERAR DESSA ABORDAGEM?	p. 26
1.4 - IDENTIDADES E A NOSSA REPRESENTAÇÃO SOCIAL	p. 30
2 - DESAFIOS PARA A LINGUÍSTICA APLICADA EM UM MUNDO EM MOVIMENTO	p. 34
2.1 - PRIMEIRO DESAFIO: (RE)PENSAR A CULTURA/ IDENTIDADE.....	p. 35
2.2 - SEGUNDO DESAFIO: (RE)PENSAR NAÇÃO E COMUNIDADE	p. 38
2.3 - TERCEIRO DESAFIO: (RE)PENSAR AS DIÁSPORAS.....	p.42
3 - METODOLOGIA	p. 45
4 - ANÁLISE	p. 49
CONCLUSÃO	p. 62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 64
ANEXOS	p. 66
• ROTEIRO 1	p. 66
• ROTEIRO 2	p. 69
• TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO	p. 71
• TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO	p. 86

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, tratar de temáticas que envolvem cultura e identidade parece ser bem pertinente, principalmente quando acompanhamos pelos noticiários nacionais e internacionais tantas cenas de ódio, violência, atentados contra pessoas inocentes, pelo simples fato de pertencerem a uma determinada nacionalidade, religião, grupo, cor ou raça se tornarem tão recorrentes. Os Estudos Culturais buscam discutir, refletir e analisar como essa relação entre cultura e sociedade se estabelece e procura identificar quais são as consequências desse relacionamento. O que mostra a relevância dessa discussão até hoje.

Falar sobre cultura surda e transculturalidade neste contexto mundial nos ajuda a refletir sobre como discursos produzidos por pessoas ou grupos prestigiando apenas um único padrão de ser, de sentir, de produzir, numa ideologia de padrões homogêneos e igualitários pode trazer conflitos e segregações tanto entre seus pares como em associação com o outro.

Como o objeto desta pesquisa trata da questão da(s) cultura(s) surda(s) e das identidades no discurso produzido pela comunidade surda da Grande Vitória, o problema de pesquisa é: “Como a(s) cultura(s) e as identidades surdas são constituídas discursivamente?”

Devido a essa problematização, outras perguntas surgem, como: “Quais relações dialógicas constituem esse discurso?” “Como ele se materializa discursivamente?” “Como a questão das identidades se apresenta nessa materialização discursiva?”

Para a delimitação desta pesquisa, o *corpus* é uma comunidade surda da Grande Vitória representada por pessoas da comunidade acadêmica como um professor e alunos. Essa escolha se deve à localização. O meu contato maior atualmente são com os surdos, intérpretes, familiares, professores e religiosos, que circulam pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.

Na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) temos o curso Letras Libras e nas instituições de ensino superior, de um modo geral, temos a disciplina de Libras nos cursos previstos em decreto. Ou seja, o fato de hoje contarmos com essas

conquistas provém das lutas dessa comunidade e que nesse estado foi representada pelos surdos e seus familiares, professores e intérpretes.

Desse modo, trazer o conceito de cultura surda para a academia pode ser considerado relativamente novo, pois muitos desconhecem esse termo. Falar sobre cultura surda apresenta, de certa forma, o local de onde venho. Sou filha de pais surdos e tenho parentes por parte de pai que são surdos, além de amigos dos meus pais que também são surdos, colegas de trabalho, alunos, pessoas com quem sempre convivi e desde cedo acompanho suas dificuldades de viver num mundo sonoro, onde a língua de sinais muitas vezes é desconhecida ou desvalorizada.

Tive o primeiro contato com o termo cultura surda durante as aulas da graduação em Letras Libras quando numa disciplina passaram a abordar esse tema além de identidade surda, valorização da língua de sinais, e etc... quando toda a turma recebeu um livro com o título “As imagens do outro sobre a cultura surda”, que passou a ser uma das referências na difusão do que é a cultura surda. Ao ler pela primeira vez este livro surgiram algumas inquietações, mas que durante a disciplina e durante todo o curso foram perdendo força até que adormeceram e eu não me incomodava mais com isso.

Já no mestrado, assistindo aulas do Programa de Pós Graduação em Linguística sobre Estudos Culturais, Língua e Diversidade, esse incômodo que havia sentido sobre cultura surda na graduação voltou com maior intensidade, quando tive contato com os Estudos Culturais e alguns de seus conceitos, como multiculturalismo e transculturalidade (como uma ideia mais atual). Percebi que abordar esse tema faz com que tanto pessoas surdas quanto ouvintes reflitam e problematizem como a promoção de uma cultura pode trazer tanto benefícios - como fortalecimento do grupo, reconhecimento, garantia de direitos -, quanto malefícios, como preconceito, xenofobia, violência e várias outras manifestações de intolerância.

Fazer demarcações de território, com falas como “*Isso nos pertence e aquilo pertence à cultura deles*”, distancia ainda mais esses grupos. Escolher problematizar esse tema não significa que quero desmerecer toda a luta, trabalho e conquistas realizados pela comunidade surda e sua militância até agora, mas sim mostrar o quão perigoso é reforçar essa separação entre “Nós” e “Eles” e propor a

transculturalidade como alternativa a esse pensamento. Para justificar a minha escolha por este tema, cito Hall (2009):

Todos nós nos originamos e falamos a partir de “algum lugar”: somos localizados - e neste sentido até os mais “modernos” carregam traços de uma “etnia”. (...) Às vezes nos revelamos mais pelos nossos vínculos quanto mais lutamos para nos livrar deles, ou discutimos, criticamos ou discordamos radicalmente deles. (p. 79, 80)

Desta forma, nos sentimos mais próximos e ligados à comunidade surda por vezes criticá-la ou por discutir algumas afirmações, do que simplesmente ignorar que opiniões e ideias existam e que podem ser divergentes daquilo que acreditamos.

Ao longo deste trabalho, buscamos entender como os conceitos de cultura e identidades surdas são elaborados pela comunidade surda, principalmente por esses sujeitos que estão na faixa etária dos trinta anos, alguns são surdos, outros são ouvintes familiares e intérpretes. São três os entrevistados, que além de fazerem parte da comunidade surda, foram selecionados pelo fato de participarem das discussões teóricas acerca da cultura e identidades surdas na academia. Por isso, trazemos como objetivo geral: Compreender dialogicamente os conceitos de cultura e identidades surdas no interior do discurso da comunidade surda da Grande Vitória.

E a partir desse objetivo geral, traçar como objetivos específicos:

- Identificar, através dos discursos produzidos pela comunidade surda acadêmica da Grande Vitória, como os conceitos de cultura e identidades surdas aparecem nas falas de membros dessa comunidade;
- Investigar como esses conceitos influenciam na maneira como vivem e se relacionam com as demais pessoas, ouvintes ou surdas;
- Problematizar os conceitos de cultura e identidades surdas tendo como bases teórico-metodológicas os Estudos Culturais, os Estudos Surdos e os Estudos Bakhtinianos.
- Refletir, a partir da filosofia da linguagem, acerca do caráter ideológico do signo linguístico.

A hipótese considerada, se ela se sustenta ou não, é a de que a comunidade surda, com base em discursos, comportamentos e atitudes de alguns representantes dessa comunidade, tem assumido conceitos fechados de cultura e identidade. Compreendemos conceito fechado como um discurso pensado de forma homogênea e única.

Estamos entendendo por conceito fechado de cultura e identidade a postura do indivíduo que tende a privilegiar sua cultura em detrimento de outras, e que compreende identidade como algo singular, “central” e não plural, “descentrado” (HALL, 2011).

Os termos cultura surda e identidades surdas, entre outros, são conceitos recentemente produzidos pelos Estudos Surdos e que estão sendo amplamente difundidos; por isso, a importância de discutirmos e refletirmos sobre essas construções. Esta pesquisa pretende contribuir com o campo da Linguística Aplicada, pois tratará de questões culturais, linguístico-identitárias, que possam interessar à comunidade surda.

Também contribuirá com publicações e com novas perspectivas para essa comunidade, o que fomentará novos estudos e debates sobre como o sujeito surdo se vê na sociedade em que vive, quais conquistas ainda precisam ser alcançadas e o que precisa ser revisto nas relações dialógicas do eu (surdo) e do outro (ouvinte). Essas podem ser algumas contribuições no âmbito social.

Esta é uma pesquisa qualitativa e para a sua realização foi implementada uma metodologia dialógica da escuta, baseada nos estudos bakhtinianos, na qual se procura, através de uma relação dialógica, que pode ser convergente ou divergente, escutar todas as vozes envolvidas, inclusive a do pesquisador, para tentar entender, responsiva e responsavelmente, se há indícios de conceitos fechados dentro da cultura surda ou se há aberturas, brechas para o outro, para o diferente.

Pensarmos cultura nos dias de hoje é levarmos em conta a influência direta que o movimento da globalização faz de flutuação, de mudança, de instabilidade. Essa atuação também fomenta discussões sobre identidades múltiplas, nas quais podemos nos identificar com vários movimentos, com vários discursos, com várias

tribos e isso tudo os Estudos Culturais atualmente abordam. Para esta pesquisa, o conceito de multiculturalismo já não nos atende mais, pois já não nos basta apenas compreender e reconhecer que existem várias outras culturas diferentes da minha, mas de apresentar a transculturalidade como um novo conceito que traz esses elementos da globalização como fluidez, conexões, transformações e diversidade.

Por isso, convido ao leitor à apreciação desta dissertação que foi dividida nos seguintes capítulos:

No capítulo 1: “Cultura e cultura surda à luz dos Estudos Culturais”, fizemos um apanhado dos significados que a palavra cultura assumiu ao longo do tempo e de como os estudiosos da área da surdez tentam transformar o olhar clínico-terapêutico ou assistencialista da pessoa surda como deficiente para um olhar crítico, encarando esses sujeitos como sujeitos históricos-sociais. Esses estudos, que se denominaram Estudos Surdos, criaram o conceito de cultura surda, que contempla o sujeito pós-moderno com a necessidade de uma, ou múltiplas, identidade(s), de reconhecimento, e podemos até dizer, de fortalecimento de um grupo.

No capítulo 2: Desafiamos-nos a pensar em alguns conceitos como cultura, nação e comunidade, dialogando basicamente com Stuart Hall (2009) e Homi Bhabha (1998).

No capítulo seguinte, de número 3, tratamos da metodologia utilizada. Optamos por uma metodologia dialógica da escuta, pois entendemos que foi necessário escutar todas as vozes envolvidas, inclusive a da pesquisadora, para percebermos a polifonia e a alteridade desse *corpus* constituído por relatos de pessoas que fazem parte da comunidade surda acadêmica da Grande Vitória, surdos e ouvintes.

No capítulo 4 apresentamos a análise das entrevistas feitas na comunidade acadêmica por integrantes da comunidade surda. Para a execução destas, foram elaborados dois roteiros: o primeiro para as pessoas surdas e um segundo para os ouvintes. Essa divisão foi necessária porque queríamos que cada um relatasse a sua vivência como surdo ou como ouvinte na comunidade surda; e refletissem como encaravam temas como identidades surdas, cultura surda, entre outros.

E, por último, a conclusão, finalizando todo este trabalho que é de problematizar conceitos trazidos pela cultura surda e de escutar as vozes envolvidas neste

contexto cultural; na pretensão de contribuir ainda mais com esta área de estudo, tanto dos Estudos Surdos quanto da Linguística, mas também trazer a discussão para o meio das pessoas, provocá-las, fazê-las refletir e contribuir de alguma forma para o desenvolvimento desta comunidade surda.

1- CULTURA E CULTURA SURDA À LUZ DOS ESTUDOS CULTURAIS

“A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.” (HALL, 2009, p. 43)

Apesar da sua atualidade, falar sobre cultura não é uma atividade recente. Muitos estudiosos e pesquisadores ao longo dos tempos tentam explicar fenômenos através do viés cultural.

Inicialmente a palavra cultura nos remete à agricultura, ao cultivo, cultivar. Lembramos-nos de cultura de arroz, algodão, soja, etc... se referindo a plantio, colheita. Isso é um tipo de cultura. Mas para esse trabalho não iremos nos ater a esse aspecto da palavra cultura e sim ao significado que ela foi ganhando, como o de cultivar.

Etimologicamente, cultura é uma palavra de origem latina e significa cultivar. Porém, esse sentido de origem agrícola ganhou outros contornos quando pensadores romanos antigos passaram a usar esse termo para definir refinamento, sofisticação social e educação. E esse pensamento nos influencia até os tempos atuais (SANTOS, 2006).

Além desse significado etimológico para cultura, muitos de nós quando nos deparamos com esse termo, nos lembramos de festas típicas, comidas, música, língua, cumprimentos, costumes, tradições, algo que nos faça lembrar um país ou povo. Tudo nos remete o modo de viver de determinados grupos. Essas definições acima são identificadas como senso comum, como Santos (2006, p.21, 22) pontuou:

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida a seu idioma. A lista pode ser ampliada.

De fato, o conceito de cultura entre as pessoas pode ser bem amplo, pode incluir uma ou todas as definições descritas acima. Mas, procuremos nos aprofundar um pouco mais sobre o que é cultura para entendermos o quão importante é discuti-la e como esses estudos influenciaram na formação de uma cultura surda.

A concepção de cultura ganha novos formatos de acordo com as influências que recebe. Na era moderna, pela influência científica, o conceito de cultura ganhou uma perspectiva evolucionista; diferenciando o humano do animal, o desenvolvido do não desenvolvido (SANTOS, 2006). Podemos inferir que os conceitos dicotômicos de superior x inferior, desenvolvido x subdesenvolvido, tenham ganhado força na modernidade devido a essa influência científica de perspectiva evolucionista, em que alguns estariam mais bem evoluídos do que outros e possivelmente esse pensamento tenha perdurado por muitos anos, inclusive nos deparamos com esses pensamentos até os dias de hoje. Muitos países defendem essa postura por defenderem uma cultura ocidental e por quererem se destacar como superiores. Argumento que sustenta preconceitos, estereótipos e reproduz histórias de opressão e silenciamento.

É preciso lembrar que toda essa conceituação evidencia que a cultura não é algo estanque, fechado, mas sim dinâmico. As pessoas mudam, as circunstâncias também. O contato com o outro nos transforma, então não podemos levar a crer que exista apenas um único tipo de cultura.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é "algo natural", não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana.(...) Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. (...) em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade. (SANTOS, 2006, p. 45)

Outros autores dos Estudos Culturais apresentam o seu modo de pensar a respeito do que é ou do que não é cultura, como por exemplo, para Stuart Hall (2009):

a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento de tradição enquanto "o mesmo de mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. (...). A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (p. 43)

Hall (2009, p. 43) afirma que: "A cultura é uma produção". Dessa forma podemos afirmar que a cultura surda é uma produção que tem como objetivo "nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos" (p. 43). A cultura surda, como produção, como forma de resistência, contribui para que novos sujeitos surdos se formem.

Uma das autoras dos Estudos Surdos, Karin Strobel (2008), descreve cultura como:

A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas. (p.19)

Entendemos que a autora acima corrobora com a ideia de que “cultura é uma produção”, pelo que podemos deduzir que a mesma entende cultura surda como uma produção também.

Um outro conceito que Hall (2009) aborda é sobre identidade cultural. Neste trecho o autor afirma que: “Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linguagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior” (p. 28). Ou seja, quando perguntamos a alguém ou quando somos perguntados sobre o que entendemos por identidade cultural, geralmente temos a resposta de que é algo que nos identifica com uma cultura, algo do tipo: “*Nasci no Brasil, logo sou brasileiro (a)*” ou “*me identifico como brasileiro (a)*”.

A impressão que temos com esse tipo de resposta é a de que a nossa identidade está vinculada a um grupo ou a uma comunidade, onde nós encontramos algo que nos conecte a eles, como as tradições, por exemplo.

Ainda em Hall (2009), encontramos a ideia de que a tradição influencia na formação de uma identidade cultural pois age como se fosse um elo, um “cordão umbilical” (p. 29) que liga passado, presente e futuro de uma comunidade. As pessoas se ligam a uma ideia de “fidelidade às origens”, a uma “autenticidade” (p. 29).

Devido a essas conceituações de cultura e identidades culturais, surgem alguns conflitos referentes à disputa cultural ou estratégias de poder/hegemonia, em que se questiona qual é a melhor cultura, qual é a superior, entre outras coisas. Atualmente a abordagem científica mais utilizada é a do multiculturalismo em que se reconhece que existe uma variedade de culturas, que devemos respeitá-las, mas por muitas vezes somente esse conceito não evita que alguns continuem a se sentir superiores a outros. Por isso que essas discussões sobre cultura se mantêm pertinentes até hoje.

O termo “multiculturalismo” é hoje utilizado universalmente. Contudo, sua proliferação não contribuiu para estabilizar ou esclarecer seu significado. (...) na falta de conceitos menos complexos que nos possibilitem refletir sobre o problema, não resta alternativa senão continuar utilizando e interrogando esse termo. (HALL, 2009, p. 49)

Atualmente, nos Estudos Surdos, muitos trabalhos e pesquisas ainda apontam para o multiculturalismo como alternativa mais comum quando tratam de temáticas da Cultura Surda. No entanto, o multiculturalismo não deu conta de episódios que ainda acontecem como desrespeito à língua de sinais, aos seus usuários, à comunidade surda. Também o desconhecimento dos valores e dos seus princípios.

Grupos ou povos considerados minoritários nessa perspectiva elitizada passaram a lutar por direitos e deveres igualitários, levando em conta suas características, língua, costumes, etc... É o caso da comunidade surda espalhada pelo mundo todo. “Vejam pois que a discussão sobre cultura pode nos ajudar a pensar sobre nossa própria realidade social” (SANTOS, 2006, p. 9). E foi exatamente isso que a comunidade surda mundial fez, pensar a sua realidade social por meio da cultura.

1.1- O que significa ser surdo? A mudança desse significado ao longo do tempo

No mundo todo, durante muitos séculos, sempre houve pessoas surdas. Mas o modo como às percebemos foi mudando ao longo do tempo. De incapazes a sujeitos críticos houve um grande trajeto. Na antiguidade os surdos eram encarados como anormais ou como seres sem alma. Acabavam excluídos da vida social, escondidos por suas famílias em asilos ou dentro de suas casas. E alguns casos eram eliminados pois eram considerados inúteis para aquela sociedade. Conforme Assis Silva (2012, p. 33) explica:

Essa história se inicia na Antiguidade, quando os *surdos* eram desacreditados, atirados de penhascos e navios em alto-mar. Aristóteles surge como um filósofo que teria duvidado da capacidade de reflexão dos *surdos*, devido à ausência de oralidade nessas pessoas. Durante a Idade Média, foram segregados em asilos, apartados da sociedade.

Em torno do ano de 1700, os surdos passaram a ter mais visibilidade, pois com o crescimento das cidades e o desenvolvimento dos estudos científicos, os surdos da época passaram a circular mais na sociedade. Começaram a se encontrar e a combinarem códigos linguísticos por meio de sinais e gestos que se sistematizaram

e passaram a formar as línguas de sinais. Podemos citar como exemplo a língua de sinais francesa, que é a base para a formação da língua brasileira de sinais, da língua de sinais americana, dentre outras.

Essa sistematização muito se deu pelo estudo e pelo registro desses sinais, como o realizado pelo abade L'Epée, na França do século XVIII, para entrar em contato com os surdos da cidade. Esse grupo foi crescendo e a língua francesa de sinais se concretizando, quando se formaram escolas para surdos onde ampliou a gama de ensinamentos, como “geografia, astronomia, álgebra, artes de ofício, atividades físicas”, além da leitura e da escrita em três línguas distintas: “o francês escrito, o latim e uma outra língua estrangeira também de forma escrita.” (SILVA, 2006, p. 23 - 24)

Em paralelo com o desenvolvimento das cidades, do encontro desses surdos e da formalização de uma língua de sinais, houve um avanço nos estudos científicos da medicina, o que acabou fazendo dos sujeitos surdos da época objetos de estudo para buscar entender a falta de audição ou da fala. E esses estudos avançaram a ponto de concluírem que para a cura da surdez seria necessário que esses sujeitos aprendessem a falar, no caso, a oralizar, pois dessa forma estariam curados e aptos a se integrarem à sociedade. Segundo Silva (2006, p.31):

Desde o século XVII até o Congresso de Milão, a crença no paradigma homem-máquina, engendrada pela ciência moderna, vai excluindo os surdos do processo educativo e transformando-os em deficientes. Simultânea e contraditoriamente, o surdo que se expande e se organiza política e socialmente vai se tornando, ao mesmo tempo, objeto de pesquisa para a medicina, uma vez que, no novo paradigma, a surdez é uma anomalia orgânica e, portanto, sujeita à cura.

Surgem então algumas questões: Como lidar com essa população surda? Continuariam sinalizando seus sinais que somente eles ou os próximos a eles entenderiam? Ou se adequariam ao resto da população e falariam uma língua só, prioritariamente oral? Vale lembrar, também, que, nesse mesmo período, para se constituir um Estado-nação¹ se levava muito em conta o uso de uma língua padrão oficial. Deixariam um grupo usar uma língua diferente do que o Estado pretendia como padrão?

¹ Estamos pensando Estado-nação como sugere Bhabha (1998, p.199) como: “estratégias complexas de identificação cultural de interpelação discursiva que funcionam em nome ‘do povo’ ou ‘da nação’ e os tornam sujeitos imanentes e objetos de uma série de narrativas sociais e literárias”.

As respostas às indagações acima se deram em 11 de setembro de 1880, quando, em um congresso em Milão, para o qual os surdos não foram convidados a participar, decidiram que daquela data em diante o ensino da língua de sinais, que já havia extrapolado as fronteiras europeias e chegado à América, inclusive ao Brasil, seria proibido. Começa aí, segundo a comunidade surda, o que os surdos consideram como a época da escuridão, o 11 de setembro dos surdos em diálogo com os atentados de 11 de setembro ocorrido nos Estados Unidos.

De acordo com Assis Silva (2012):

[...] narra-se a ocorrência de sucessivos avanços na educação especial voltada para a surdez. Escolas especiais foram abertas tanto na Europa como nos Estados Unidos e, crescentemente, as línguas de sinais eram utilizadas em salas de aulas, muitas vezes com professores *surdos*. Durante essa “Idade de Ouro” da educação voltada para a surdez, foi fundada a primeira escola de ensino superior para *surdos*, em 1864, em Washington, hoje denominada Gallaudet University. Contudo, o processo de sucessivos avanços é formalmente interrompido em 11 de setembro de 1880, data emblemática que marca o começo do sofrimento do *povo surdo*. Nesse dia, no Congresso de Milão, em que estiveram presentes educadores de *surdos* do mundo todo, foi definido que a educação especial relativa à surdez deveria ser oralista, tornando não recomendável o uso das línguas de sinais na sala de aula. [...] A partir de então, a história mundial dos *surdos* que se seguiu até o final do século XX foi uma história de sofrimento e opressão no qual foram obrigados a falar. (p. 33 - 34)

Durante um século, o método oralista obrigou os surdos à prática verbal, à fala, à leitura labial, que para poucos deu certo, mas para a grande maioria foi sinônimo de sofrimento e fracasso. Os surdos passaram a ser vistos pela falta: falta da audição, falta da fala, seres deficientes. A partir dessa concepção, validada pela área médica, foram surgindo muitas intervenções assistencialistas e o paternalismo começou a aflorar com compadecimento dessas pessoas desprovidas de sentidos, ausentes de som, que, no pensamento deles, sofriam por viver no silêncio.

Nos registros da história dos surdos revela-se que a sociedade sempre se preocupou em ‘cuidar’ do sujeito surdo, desde os séculos passados até os dias atuais; com esta representação paternalista o sujeito surdo era identificado na sociedade como um ser que necessita de cuidados. (STROBEL, 2008, p. 32)

Durante esses cem anos que contamos a partir de 1880, indo a 1980, surdos pelo mundo todo foram criando estratégias de sobrevivência, resiliência, resistência da sua língua e dos seus valores. Lógico que com essa imposição opressora das técnicas oralistas muito se perdeu das produções científicas e culturais em língua de

sinais, porém os surdos se articularam, não deixaram a língua de sinais morrer. Clandestinamente, nos encontros no banheiro da escola, na hora do recreio, fora do alcance dos olhos dos inspetores, nos encontros dos clubes, das associações de surdos, nas igrejas, nesses e em outros lugares o uso da língua de sinais era livre.

De certa forma, a resistência e a resiliência ajudaram a fortalecer esse grupo e passaram a formar o conceito de comunidade surda, que não se limita ao território, mas que é ampla em aceitar surdos, ouvintes, familiares, amigos, profissionais, religiosos, todos aqueles que usam a língua de sinais para comunicarem entre si, que consideram os seus valores e que interagem entre si. A partir de alguns relatos de pessoas surdas, eles se identificam facilmente com situações constrangedoras de barreira linguística como: pessoas que não sabem língua de sinais, de sentimentos de tristeza e fracasso em relação ao método oralista, dificuldades diárias num mundo prioritariamente baseado no som. Por esses fatos que ocorrem comumente e por um sistema linguístico que os identifica, os surdos denominam o que é, ou o que são, a(s) comunidade(s) surda(s) para eles.

Para Assis Silva (2012, p.29), o termo comunidade surda “é uma categoria histórica criada apenas recentemente”. Esse autor traz uma trajetória de como esse termo, aqui no Brasil, foi ampliando o conceito. Inicialmente, era utilizado pelas igrejas para identificarem seus fiéis surdos e depois o significado se ampliou para escolas, bares, shoppings, locais que são pontos de encontro dos surdos. Por outro viés, esse é um termo utilizado politicamente pela Feneis - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - para legitimar sua atuação como entidade escolhida para representar os interesses das pessoas surdas no Brasil.

Porém, comunidade surda pode ser vista por um olhar um pouco menos limitado a pontos de encontros ou representação legal, mas a partir de um grupo amplo de interação, como vemos em Strobel (2008, p.31):

Então entendemos que a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes - membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros - que participam e compartilham os mesmos interesses comuns em uma determinada localização.

A autora ainda afirma que:

isto não quer dizer que os povos surdos se isolem da comunidade ouvinte, o que estamos explicando é que os sujeitos surdos, quando se identificam com a comunidade surda, estão mais motivados a valorizar a sua condição cultural e, assim, passariam a respirar com mais orgulho e autoconfiantes na sua construção da identidade e ingressariam em uma relação intercultural, iniciando uma caminhada sendo respeitado como sujeito “diferente” e não como “deficiente.” (STROBEL 2008, p.33)

Há um desejo inerente às pessoas surdas de se encontrarem pois se reconhecem como par linguístico e como sujeitos histórico-culturais. Segundo Vieira-Machado (2007, p. 57): “Um dos marcos culturais dos surdos é a necessidade de estarem juntos e, como consequência, a constituição de uma comunidade é eminente, cujo fator aglutinante é a língua de sinais.”

Certamente, a grande força em comum entre os surdos na comunidade surda é o compartilhamento da língua de sinais. Essa comunidade organizada ao longo dos tempos conquistou muitas coisas, dentre elas, mais destaque nos estudos acadêmicos, como veremos a seguir.

1.2- Conceituação do ser surdo a partir da perspectiva cultural

A comunidade surda, inicialmente nos Estados Unidos, entre as décadas de 1970 e 1980, passou a elaborar estudos baseados nos Estudos Culturais com a proposta de mudança da perspectiva da pessoa surda como portadora de deficiência, do olhar assistencialista, para uma perspectiva cultural, levando em conta hábitos e costumes em comum e tendo como seu principal objetivo a legalização e o reconhecimento das línguas de sinais pelo mundo como língua natural e pertencente a esse grupo. Esses estudos passaram a ser denominados como Estudos Surdos.

Segundo Skliar (1998, p. 29, apud SÁ, 2002, p.10), os Estudos Surdos, baseados nos Estudos Culturais, buscam:

um horizonte epistemológico na definição da surdez, onde ela possa ser reconhecida como uma questão de diferença política, de experiência visual, de identidades múltiplas, um território de representações diversas que se relaciona mas não se refere aos discursos sobre a deficiência.

Na conceituação de cultura surda percebe-se uma ligação forte entre língua e cultura, como se elas estivessem intrinsecamente vinculadas uma à outra. Pois, é através da língua de sinais que as pessoas surdas que convivem no mesmo espaço-tempo podem compartilhar e repassar para as outras gerações as narrativas, as

experiências, os costumes, o modo de ser daquela geração. A língua aparece como o principal fator da cultura surda, porém existe outro fator que a constitui, que é a percepção visual, a noção do mundo através do olhar. Para os surdos esse é o fator mais predominante além da língua. Outros fatores também contribuem, mas posso destacar que esses dois são os mais relevantes para os surdos. Conforme Strobel (2008, p. 24) :

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

A falta da audição não parece ser o principal fator que liga os surdos na comunidade surda, ela aparenta ser uma característica em comum, mas o que realmente define bem a cultura surda é a experiência visual dos surdos e a língua de sinais. Pensarmos dessa forma nos ajudará a entender que a cultura surda também é perpassada por outras culturas.

Tomemos como exemplo um surdo brasileiro que utiliza Libras. Ele é jovem, negro, gay, esotérico e gosta de jogar futebol. Que outros costumes, narrativas, percepções o perpassam? Podemos eleger um padrão de surdo homogêneo na cultura surda? Dessa forma, Wilcox (2005, p.78, apud STROBEL, 2008, p. 27) explica que “embora o termo cultura surda seja usado frequentemente, isso não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura”. Ou seja, existe uma variedade de fatores que nos constituem e constituem o outro, de modo que devemos ter cautela ao definirmos alguma cultura para não incorrerem na falsa ideia de algo estanque, engessado.

Ao afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da cultura surda norte-americana. Esses grupos usam línguas de sinais diferentes e possuem diferentes experiências de vida. (KARNOPP 2006, p.99 apud STROBEL, 2008, p.27)

Por isso que mesmo na comunidade surda pode haver o equívoco de se pensar numa cultura surda idealizada em que todos os surdos são usuários de uma língua de sinais; preferencialmente que tenham nascido surdos para que não haja

nenhuma “contaminação” do mundo ouvinte (WRIGLEY 1996, p. 15 apud STROBEL, 2008, p. 62); que se casem e se relacionem com pessoas surdas; que não oralizem, ou nem tentem oralizar ou fazer intervenção cirúrgica para tentarem ouvir, pois isso seria tentar ser um ouvinte. Enfim, uma série de restrições que mais segrega do que une. Conforme Assis Silva (2012, p.30):

Assim, o que ocorreu nas últimas décadas do século XX, foi a emergência da crença por parte de muitos agentes da existência de uma cultura particular dos *surdos*, a denominada *cultura surda*. Religiosos, ativistas políticos e intelectuais concordam precisamente com o argumento de que em razão de *surdos* terem uma língua particular, a chamada *libras*, e, além disso, devido à ausência de um sentido - a audição - eles teriam outra *cultura*. O que fundamenta tal crença é um senso prático presente entre esses agentes que faz da *língua e cultura* categorias que se implicam e estabelecem equivalências.

Portanto, entendemos que o posicionamento da comunidade surda favorece o fortalecimento da Cultura Surda e da língua de sinais. Torna-se um movimento político, de afirmação dos seus valores, da sua cultura e da sua língua. Porém, há que se ter cuidado com o pensamento homogeneizante como “*Todos os surdos são iguais*” ou a idealização de um surdo homogêneo. E, ainda, ter o cuidado com atitudes excludentes como classificar o que pertence à cultura surda e o que pertence à cultura ouvinte.

Deste modo, este trabalho afirma a cultura surda com seus atravessamentos é pluri e transcultural e que está sempre em movimento, em constante transformação. Mais adiante esclareceremos a concepção de transculturalidade que entendemos e como a relacionaremos com a ideia de cultura surda.

No Brasil, a influência dos Estudos Surdos chegou nos anos de 1980 e se desenvolveu nos anos seguintes. Muitos surdos e ouvintes apoiadores da causa, doutores, mestres e pesquisadores, passaram a propagar esse conhecimento e a lutar pelos ideais do reconhecimento da cultura surda e da língua de sinais, que aqui no Brasil é conhecida como Língua Brasileira de Sinais ou Libras.

Através dessa militância, algumas conquistas foram realizadas, como o reconhecimento da Libras como língua nacional, em 2002; a regulamentação de vários profissionais para atuarem na educação de surdos como professores de Libras, professores bilíngues e tradutores intérpretes Libras/Português; a criação do

curso de graduação Letras Libras, licenciatura e bacharelado; além da implementação da disciplina de Libras nos cursos de Pedagogia, de Fonoaudiologia e nas licenciaturas; entre outras conquistas que envolvem ações de acessibilidade e inclusão.

Mas as demandas e necessidades dessa comunidade aqui no Brasil não param. Outras reivindicações ainda são feitas e até mesmo o que já foi conquistado até agora precisa ser amplamente difundido no nosso país, pois, especialmente no interior, muitos direitos assegurados ainda não são garantidos, o que faz com que a militância pela cultura surda permaneça ativa atualmente.

O Estado do Espírito Santo tem acompanhado as mudanças em nível nacional e possui, apesar dos questionamentos da efetividade dessas ações, escolas regulares com proposta inclusiva, onde os alunos surdos contam com a equipe anteriormente citada de professores de Libras, bilíngues e intérpretes. No entanto, também é preciso levar em consideração as falhas do sistema, a falta de formação qualificada dos agentes envolvidos nesse processo, o que também ocorre nos demais estados brasileiros.

Portanto, os Estudos Surdos, baseados nos Estudos Culturais, foram determinantes para a elaboração de uma cultura surda e a criação de uma visão cultural das pessoas surdas. No entanto, nos serve o alerta de Santos (2006, p. 25 - 26)

Devo alertá-los de que ambas as concepções levam muitas vezes a que se entenda a cultura como uma realidade estanque, parada. O esforço de entender as culturas, de localizar traços e características que as distingam, pode acabar levando a que se pense a cultura como algo acabado, fechado, estagnado. Como já disse antes, as culturas humanas são dinâmicas. De fato, a principal vantagem de estudá-las é por contribuírem para o entendimento dos processos de transformação por que passam as sociedades contemporâneas.

1.3- Cultura surda e a transculturalidade: o que esperar dessa abordagem?

Numa perspectiva atual, a transculturalidade traz certa fluidez e diversidade diferente do conceito de multiculturalismo que também prevê a diversidade cultural, heterogeneidade, porém deixa a desejar nos quesitos distanciamento e barreiras culturais, visto que ser multicultural, reconhecer e respeitar culturas variadas da minha não quer dizer que há uma abertura para o transitar entre essas culturas. Pois

podemos entender que há uma cultura diferente da nossa, mas eles lá e nós aqui, sem troca de experiências, sem se deixar permitir colocar no lugar do outro e o outro se colocar no nosso lugar.

Segundo Goldberg (1994 apud HALL, 2009, p. 52):

As sociedades multiculturais não são algo novo. Bem antes da expansão europeia (a partir do século quinze) - e com crescente intensidade desde então - a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra do que a exceção, produzindo sociedades étnica ou culturalmente "mistas". "Movimento e migração (...) são as condições de definição sócio-histórica da humanidade".

Isto é, reconhecer que somos multiculturais não é um fenômeno recente. Por isso que, em nossa opinião, o multiculturalismo não dá conta de resolver o problema de distanciamento entre culturas, do pensamento binário cultura superior x inferior. De acordo com Hall (2009): "O termo 'multiculturalismo' é hoje utilizado universalmente. Contudo, sua proliferação não contribuiu para estabilizar ou esclarecer seu significado." (p. 49)

Ainda para Hall (2009):

o "multiculturalismo" não é uma única doutrina, não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado. Não é uma forma disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados. Assim como há distintas sociedades multiculturais, assim também há "multiculturalismos" bastante diversos. (p. 51)

Portanto, ainda sob o nosso ponto de vista, a transculturalidade pode ser a chave para a abertura dessas barreiras, do trânsito, do movimento, da fluidez, do experimentar e sair transformado. De fato, o conceito de transculturalidade traz essa ideia de movimento, leveza, fluidez, trânsito, transformação, emaranhado. Conforme Rocha (2014, p. 801):

With regard to the concept of transculturality, based on Rojo (2009), I should say that it acknowledges the fluid, heterogeneous and historically based nature of what is seen as culture. The concept of transculturality also involves the idea of entanglement of canonic, mass, and popular cultures, highlighting the relation of intermixing and interdependence among them².

² "No que diz respeito ao conceito de transculturalidade, baseado em Rojo (2009), devo dizer que reconhece a natureza fluida, heterogênea e historicamente baseada no que é visto como cultura. O conceito de transculturalidade também envolve a ideia de emaranhamento de culturas canônicas, de massa e populares, destacando a relação entre mistura e interdependência entre eles". (tradução minha)

Mesmo sendo poucas as produções acadêmicas e científicas que tratam especificamente do termo transculturalidade, nos baseamos em outros autores que trazem outros conceitos que dialogam com a perspectiva transcultural nesse sentido de transformação e de movimento.

Boaventura de Sousa Santos (1997) sugeriu o diálogo intercultural e uma hermenêutica diatópica em que: “Imperialismo cultural e epistemicídio são parte da trajetória histórica da modernidade ocidental. Após séculos de trocas culturais desiguais, será justo tratar todas as culturas de forma igual?” (p. 29).

Segundo Santos (1997):

No caso de um diálogo intercultural, a troca não é apenas entre diferentes saberes, mas também entre diferentes culturas, ou seja, entre universos de sentidos diferentes e, em grande medida, incomensuráveis. (...) Compreender determinada cultura a partir dos *topoi* de outra cultura pode revelar-se muito difícil, se não mesmo impossível. (...) A hermenêutica diatópica baseia-se na ideia de que os *topoi* de uma dada cultura, por mais fortes que sejam, são tão incompletos quanto à própria cultura a que pertencem. (p. 23)

O reconhecimento de culturas diferentes é realmente o primeiro passo para uma proposta transcultural. Mas o que fazer a partir desse reconhecimento é o que vai determinar se estamos dispostos à trocas, “transformar e sair transformados” (FERRAZ; SILVA, 2016, p. 229).

Outro conceito que pode expressar bem o sentido de transculturalidade é a carnavalização em Bakhtin. No seu livro, “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento”, Bakhtin traz o conceito de carnaval através da análise literária do autor François de Rabelais.

Para Bakhtin (2013), o carnaval, ou os festejos carnavalescos, exprimiam o que era a cultura popular na Idade Média. Apesar dos ritos religiosos darem o tom mais sério e formal, era na cultura popular que as pessoas comuns se identificavam. A ideia do carnaval era “uma fuga provisória dos moldes da vida ordinária (isto é, oficial)”. (p.6)

Ou seja, o carnaval representava a própria vida. “O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua *vida festiva*. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média”. (BAKHTIN, 2013, p. 7)

O interessante no carnaval em Bakhtin é que nos faz relacionar com a transculturalidade no sentido de transgressão, de possuir essa característica transgressiva, como podemos observar na citação a seguir:

O carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto. (BAKHTIN, 2013, p. 8, 9)

Outra característica em comum que podemos fazer entre o carnaval e a transculturalidade é de não serem criadas barreiras ou estigmas nos contatos entre as pessoas. Vejamos:

A abolição das relações hierárquicas possuía uma significação muito especial. Nas festas oficiais, com efeito, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente, cada personagem apresentava-se com as insígnias dos seus títulos, graus e funções e ocupava o lugar reservado para o seu nível. Essa festa tinha por finalidade a consagração da desigualdade, ao contrário do carnaval, em que todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar. (BAKHTIN, 2013, p. 9)

A partir dessa conceituação do carnaval em Bakhtin e refletindo sobre o que pode ser definido como transculturalidade que pontuamos algumas características em comum: a capacidade de romper com padrões, hierarquias e privilégios. E a capacidade de eliminar as barreiras impostas e apresentar a possibilidade das pessoas serem tratadas com igualdade. Portanto, percebemos o carnaval em Bakhtin da seguinte forma:

O carnaval suprime a distância e fusiona as diferenças. Fusão e efusão, a relação de alteridade, nesse caso, não consiste em *reconhecer o outro*, mas em *torna-se o outro*. As diferenças tornam-se reversíveis e sua alternância produz-se por metamorfose. (...) Na realidade, a relação carnavalesca é de puro movimento: nada se fixa, nada se define. (...) No carnaval, a única coisa que se afirma é a própria transformação. (AMORIM, 2001, p. 167)

A partir da descrição acima, podemos parafraseá-la para definir o que chamamos de transculturalidade. Podemos dizer que ela “suprime a distância e fusiona as

diferenças”. (AMORIM, 2001). Que a transculturalidade “não consiste em *reconhecer o outro*, mas em *tornar-se o outro*.” (p. 167). Na transculturalidade, “as diferenças tornam-se reversíveis” (p. 167) e que nela “nada se fixa, nada se define”. (p. 167). Ainda, na transculturalidade “a única coisa que se afirma é a própria transformação” (p. 167). Usando as palavras de Amorim (2001) que tratam da carnavalização na perspectiva de Bakhtin, trocando o termo carnaval pelo termo transculturalidade, é possível chegarmos a uma definição bem próxima do que entendemos por esse processo.

Seria a transculturalidade uma boa opção para a cultura surda? Permitir que todos que participam dessa cultura possam transitar, experimentar, pegar para si coisas de outras culturas e que permitam que outras culturas transitem por ela, experimentem, absorvam, contribuam? Acreditamos que seja uma boa solução. Daí o interesse desta pesquisa em observar na comunidade surda como o discurso da cultura surda perpassa por eles, se nesse discurso há uma tendência de resistência ou abertura? Falaremos mais a seguir.

1.4 - Identidades e a nossa representação social

Até agora abordamos os conceitos de cultura, cultura surda e transculturalidade. Chegou à vez de falarmos um pouco sobre identidade, ou sobre o que entendemos por ela. Concordamos com Stuart Hall (2014, p. 108) quando percebemos a identidade pela perspectiva social, no qual o conceito de identidade não é um conceito essencialista, de uma identidade imutável, que permanece a mesma ao longo do tempo. E também não é uma identidade em que se estabelece um paradigma para uma identidade em comum para todas as pessoas daquele grupo desconsiderando as suas individualidades, suas nuances e as suas diferenças. Acreditamos que as identidades são fragmentadas, múltiplas, e que são construídas ao longo do discurso, nas práticas e posições discursivas e ideológicas. E que elas estão sujeitas a transformações.

Hall (2014) afirma:

A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” -

mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado.
(p. 110)

Dessa forma, o autor entende identidade como “ponto de encontro, ponto de sutura, ponto de apego temporário”, assumindo o nosso lugar como sujeito do discurso social, mas também como um sujeito atravessado por subjetividades. (p. 111, 112)

A identidade aqui entendida no espaço-tempo da pós-modernidade não é a mesma entendida na modernidade, pois ela era considerada estável socialmente, tornando o sujeito único. (HALL, 2011, p. 7)

Para nos ajudar a entender um pouco melhor sobre modernidade e pós-modernidade, abordamos outro teórico que utilizamos nesta dissertação que foi Homi Bhabha. Na sua obra “O local da cultura”, Bhabha (1998) traz conceitos como modernidade e o “pós”: “pós-modernidade, pós-colonialidade, pós-feminismo” (p. 23). Inicialmente trataremos do termo modernidade que o autor nos trouxe.

Bhabha (1998, p. 339, 340) conseguiu sintetizar o que se entende por modernidade como um período de transição do período do Feudalismo para o Colonialismo. O fortalecimento da ideia de nação, da conquista e exploração de novos territórios, pela criação de uma visão do Oriente a partir do Ocidente.

Segundo Bhabha (1998):

A modernidade, proponho, tem a ver com a construção histórica de uma posição específica de enunciação e interpelação histórica. (...) Ela lhes dá uma posição representativa através da distância espacial, ou do *entre-tempo* entre o Grande Acontecimento e sua circulação como signo histórico do “povo” ou de uma “época”, que constitui a memória e a moral do acontecimento *enquanto narrativa*, uma pretensão a um sentido comunitário cultural, uma forma de identificação social e psíquica. (p. 335, 336)

Então, podemos entender a modernidade como uma “construção histórica” (BHABHA, 1998, p. 335). O que Bhabha (1998) notou foi que algumas “questões como a diferença cultural foram deixadas de lado” (p. 345) na consideração da modernidade. Por isso o autor propôs: “É precisamente esses momentos transicionais, irresolvidos, no interior do presente disjuntivo da modernidade que são então projetados em um tempo de retroversão histórica ou um lugar inassimilável exterior à história”. (BHABHA, 1998, p. 346), ou ainda, para tratar de todas as outras questões que o autor traz sobre a modernidade, ele sugere que: “o local cultural da

modernidade se transfere para o lugar pós-colonial". (id), ou seja, o que não dá para tratar na modernidade, que seja então transferido para um outro tempo.

Desde então é bem comum os termos pós-modernidade, pós-colonial serem utilizados no âmbito acadêmico, principalmente nas ciências humanas. Para um esclarecimento melhor desses termos, Bhabha (1998) nos traz algumas explicações:

Se o jargão de nossos tempos - pós-modernidade, pós-colonialidade, pós-feminismo - tem algum significado, este não está no uso popular do "pós" para indicar sequencialidade - feminismo *posterior* - ou polaridade - *antimodernismo*. Esses termos que apontam insistentemente para o além só poderão incorporar a energia inquieta e revisionária deste se transformarem o presente em um lugar expandido e ex-cêntrico de experiência e aquisição de poder. (p.23)

Deste modo, o pós, no caso a pós-modernidade, não é uma sequência da modernidade. Ao mesmo tempo não é o contrário da modernidade. É um outro tempo, onde as questões do hibridismo, da diferença culturais, das identidades múltiplas, podem ser consideradas e ponderadas, diferentemente do tempo moderno onde esses termos não tinham condições de serem tratados por questões hierárquicas, econômicas e políticas. Pois segundo Bhabha (1998):

A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os "limites" epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes - mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas. Isto porque a demografia do novo internacionalismo é a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas e aborígenes, as poéticas do exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos. (p. 23, 24)

Se hoje nós temos a possibilidade de tratar de questões sobre cultura surda, identidades surdas e de tantas outras questões de minoria, é porque estamos nesta condição identificada por Bhabha (1998) como pós-moderna.

Considerando a conceituação acima sobre modernidade e pós-modernidade, percebemos na citação de Taylor (2011, p. 55) como as identidades eram entendidas na modernidade:

Naquelas sociedades antigas, o que agora chamaríamos de identidade de uma pessoa era, em grande medida, estabelecida por sua posição social. Ou seja, o pano de fundo que dava sentido ao que a pessoa reconhecia como importante era em grande parte determinado por seu lugar na sociedade e por qualquer papel ou atividades associados a ele. A chegada de uma sociedade democrática não põe fim a isso, porque as pessoas

ainda podem se definir por seu papel social. No entanto, o que decisivamente mina essa identificação derivada socialmente é o próprio ideal de autenticidade. Conforme emerge, por exemplo com Herde, ele me convoca a descobrir minha própria maneira original de ser. Por definição, não pode ser derivado socialmente, mas deve ser gerado interiormente.

Ou seja, a identidade antes era centrada no indivíduo. Ele era aquilo que o definiram socialmente. Com um novo olhar, com uma nova perspectiva da pós-modernidade, percebe-se um movimento de descentralização no qual o indivíduo em uma relação com o outro deve dizer o que ele é. É o que os autores acima citados entendem como “crise de identidade”.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sendo sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL 2011, p.9)

Vivemos essa “crise de identidade” na pós-modernidade pois a todo tempo estamos em relação com o outro que nos constitui. Também vivemos, teoricamente, num sistema democrático em que, hipoteticamente, as pessoas têm a livre escolha de ser o que desejarem. E no mundo globalizado em que vivemos, com constantes mudanças, nunca somos os mesmos todo o tempo.

As identidades na realidade mudam, mas as formamos como a identidade de uma pessoa que viveu parcialmente e vai completar essa vivência. Não defino uma identidade para “eu em 1991”, mas, em vez disso, tento dar sentido a minha vida como foi e como eu a projeto mais adiante com base no que ela foi. (TAYLOR 2011, p. 60)

Levando em consideração tudo o que abordamos sobre identidade(s), buscamos durante esta pesquisa um distanciamento do olhar do pesquisador para o objeto estudado, pois apesar da familiaridade com o tema e com o *corpus* estudado, o nosso intuito foi de estudarmos com algo novo e estranho, reconhecendo toda a pluralidade e diversidade dos sujeitos que encontramos nas entrevistas.

Para nos ajudarmos com este distanciamento, nada melhor como a polifonia para nos ajudar pois o reconhecimento de que ela é uma “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis...” (BEZERRA 2008, p.198) nos ajuda a entender que o *corpus* estudado possui sujeitos diferentes, autores de seus discursos que podem ser influenciados ou influenciáveis, numa relação dialógica.

2 - DESAFIOS PARA A LINGUÍSTICA APLICADA EM UM MUNDO EM MOVIMENTO

A Linguística Aplicada, doravante LA, é um campo de estudo no qual realizamos a nossa pesquisa sobre a Cultura Surda, identidades surdas e sobre a transculturalidade. Mas, será possível relacionar os temas desta pesquisa com a LA? Vejamos:

O embasamento desta pesquisa partiu da seguinte afirmação:

Se, no passado, a questão da identidade da área de LA tinha a ver com suas fronteiras em relação à linguística, hoje se reconhece a natureza transdisciplinar da LA em suas relações com a educação, a psicologia, a etnografia da comunicação, a sociologia etc. (ROJO, 2006, p. 256 - 257)

Na LA, os linguistas aplicados têm a oportunidade de dialogar com diversas áreas como: “educação, a psicologia, a etnografia da comunicação, a sociologia etc” (p. 257), e por isso nós escolhemos os Estudos Culturais, os Estudos Surdos e os Estudos Bakhtinianos para dialogar com as questões linguísticas das pessoas surdas, e não só isso, dialogar também com os conceitos de identidades, cultura e comunidade, por exemplo.

Segundo Rojo (2006, p. 258), “Já não se busca mais “aplicar” uma teoria a um dado contexto para testá-la.”, mas sim de considerar: “problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico”. (p. 258)

Dessa forma nos sentimos confortáveis em dialogar com diversas áreas das ciências humanas, mostrando a transdisciplinaridade da LA, conforme Rojo (2006):

No caso da pesquisa sócio-histórica, a maneira do fazer transdisciplinar em LA não tem dispensado um diálogo intenso com conceitos da filosofia, da sociologias e da política, da antropologia, da história, da educação, da psicologia, das análises de discurso - em especial, teoria da enunciação bakhtiniana -, mas, como vimos, ressignificados como facetas de interpretação do objeto de estudo e não como níveis estanques de análise. (p.273 - 274)

Essa é a nossa proposta nesta pesquisa, aproveitar esta faceta ou o caráter transdisciplinar da LA para dialogarmos com os Estudos Culturais, Estudos Surdos e Estudos Bakhtinianos. Mas para isso, se faz necessário rever alguns conceitos muito

utilizados nesses campos de estudos e repensá-los de acordo com a nossa perspectiva, como veremos a seguir.

2.1 - Primeiro desafio: (Re)Pensar a cultura/identidade

O nosso primeiro desafio será (re)pensar a respeito do termo cultura. Isso se faz necessário pois, segundo Bhabha (1998):

Não basta simplesmente se tornar consciente dos sistemas semióticos que produzem os signos da cultura e sua disseminação. De modo muito mais significativo nos deparamos com o desafio de ler, no presente da performance cultural específica, os rastros de todos aqueles diversos discursos disciplinadores e instituições de saber que constituem a condição e os contextos da cultura. (p. 229)

Certamente, as definições de cultura possuem “diversos discursos disciplinadores e instituições de saber” (BHABHA, 1998, p. 229) que a constituem, e como estudiosos das ciências humanas, investigamos como o conceito de cultura ganhou várias formas. Inicialmente, falaremos sobre identidade cultural.

Quando nos referimos à identidade cultural, o senso comum nos leva a pensar numa ideia mais essencialista como Hall (2009) descreve:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. (...) Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. (HALL 2009, p. 28 - 29)

No imaginário de muitas pessoas, identidade cultural tem muito a ver com a ideia de tradição, costumes do lugar onde nasceu, no qual se identifica, que se está habituado. Este pensamento é reforçado em Strobel (2008) quando a autora afirma:

O essencial é entendermos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e de comportamentos. (p.25)

Podemos dizer que a formação de uma identidade cultural para os surdos que nascem no nosso país também passa pelo raciocínio do que é nacional pois se identificam como: surdos brasileiros. Segundo Karnopp (2006, p. 27) apud Strobel (2008), “os surdos brasileiros” fazem parte de uma “cultura surda brasileira” pois

nem “todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem”.

Ao pensarmos os surdos daqui como surdos brasileiros, notamos uma dificuldade em relação à língua majoritária do país porque se trata de uma língua oral. Além disso, acredito que a metodologia de ensino dessa língua aos surdos ainda não é assertiva a ponto de atender a sua demanda linguística. O que quero dizer é o que se tem visto desde o século anterior é o ensino da língua portuguesa aos surdos pela perspectiva do som, com a mesma metodologia que se ensina aos ouvintes. Com este tipo de método, as chances da pessoa surda aprender o português, por exemplo, se tornam mínimas.

Por isso os questionamentos: como tratar da identidade cultural das pessoas surdas nesse contexto de língua majoritária, língua nacional, sendo que existe uma barreira neste relacionamento? A explicação pode ser encontrada nas palavras de Bhabha (1998):

Cada vez mais, as culturas “nacionais” estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas. (...) põem em campo o hibridismo cultural de suas condições fronteiriças para “traduzir”, e portanto reinscrever, o imaginário social tanto da metrópole como da modernidade. (p. 25, 26)

A intenção, segundo Bhabha (1998), não é criar “histórias alternativas dos excluídos” (p. 25), mas sim “reinscrever” (p. 26), “traduzir” (p. 26) essas identidades culturais. Trazer a riqueza da hibridização que ocorre no nosso país, no nosso estado, nas nossas cidades, nos lugares onde percorremos, há sempre uma multiplicidade de pessoas e de identidades. A garantia do uso da língua de sinais pelos surdos demonstra a importância de reconhecermos o quão híbrida é a nossa sociedade.

Quando falamos de língua majoritária, língua nacional, entendemos que há um processo homogeneizante da nossa sociedade, uma espécie de tentativa de apagamento das diferenças, nesse caso das diferenças linguísticas. Para Hall (2009, p. 74), o autor define cidadania universal e neutralidade cultural do estado como “as duas bases do universalismo liberal ocidental”. E demonstra que ambos os conceitos idealizados na prática não ocorrem de fato, apesar de vários benefícios conquistados por ambos como: “Tolerância religiosa, liberdade de expressão, estado

de direito, igualdade formal, e a legalidade processual” (p. 74), Porém, Hall (2009) conclui que:

Entretanto, a neutralidade do Estado funciona apenas quando se pressupõe uma homogeneidade cultural ampla entre os governados. Essa presunção fundamentou as democracias liberais ocidentais até recentemente. Sob as novas condições multiculturais, entretanto, essa premissa parece cada vez menos válida. (p. 74)

Portanto, entendendo a sociedade como heterogênea e plural, o incentivo à troca, ao contato entre surdos e ouvintes pode ser bem enriquecedor para ambos e para toda a sociedade.

A polarização cultura surda x cultura ouvinte evidencia a diferença cultural. Para alguns autores, como em Strobel (2008), “A música, por exemplo, não faz parte da cultura surda” (p. 70), separando o que pertence ou não a cultura surda e, logo, o que pertence ou não à cultura ouvinte, determinado a cultura surda pertencente à comunidade surda e a cultura ouvinte pertencente à comunidade ouvinte, aparentemente na afirmação acima, sem nenhuma troca ou abertura. Mas, de acordo com Bhabha (1998), por exemplo,:

A diferença cultural não representa simplesmente a controvérsia entre conteúdos oposicionais ou tradições antagônicas de valor cultural. (...) As designações da diferença cultural interpelam formas de identidade que, devido à sua implicação contínua em outros sistemas simbólicos, são sempre “incompletas” ou abertas à tradução cultural. (p. 228)

Entendendo a incompletude das identidades, percebemos que elas estão “abertas à tradução cultural” (id), ou seja, se elas estão “abertas” ou disponíveis à tradução, significa que há uma necessidade de troca, de contato, pois sem esse movimento não há renovação, não há mudança.

A possibilidade de incitar traduções culturais por entre discursos minoritários surge devido ao presente disjuntivo da modernidade. Este assegura que o que *parece* o “mesmo” entre culturas é negociado no entre-tempo do “signo” que constitui o domínio intersubjetivo, social. (BHABHA, 1998, p, 341)

A nossa intenção é refletir sobre o que precisa ser atualizado no presente das afirmações sobre cultura surda que vem se repetindo desde o passado. A nossa reflexão é sobre o que precisa ser traduzido da Cultura Surda para o tempo atual.

Numa comunidade surda cada vez mais híbrida no sentido de heterogênea, múltipla, plural, o contato com o outro ou com a cultura ouvinte se tornou cada vez mais

frequente. Desde a sua experiência diaspórica - refiro-me ao tempo do oralismo quando os surdos estavam distantes da sua língua “nativa”, podemos dizer assim, da sua língua de sinais para uma língua “estrangeira”, estranha, no caso a língua oral - até o fenômeno da globalização contemporânea, a comunidade surda vem vivenciando um processo de hibridização pelo contato justamente com os que são diferentes, com o outro, com o estrangeiro. Podemos dizer que com o acesso a internet esse processo se intensificou pois se abriu uma gama de possibilidades para os sujeitos surdos interagirem com toda sorte de pessoa, seja ela ouvinte ou não, fale ela a mesma língua ou não. De acordo com Hall (2009)

Um termo que tem sido utilizado para caracterizar as culturas cada vez mais mistas e diaspóricas dessas comunidades é “hibridismo”. Contudo, seu sentido tem sido comumente mal interpretado. Hibridismo não é uma referência à composição racial mista de uma população. É realmente outro termo para a lógica cultural da *tradução*. Essa lógica se torna cada vez mais evidente nas diásporas multiculturais e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial. (...) O hibridismo *não* se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade. (p. 71)

Portanto, concluímos que o fato de ser híbrido não é demérito nenhum, ao contrário, ser híbrido representa uma riqueza de possibilidades.

2.2 - Segundo desafio: (Re)Pensar nação e comunidade

Uma frase nos chama à atenção: “A nação preenche o vazio” (Bhabha, 1998, p. 198). Vejamos a citação a seguir:

A nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando esta perda na linguagem da metáfora. A metáfora, como sugere a etimologia da palavra, transporta o significado de casa e de sentir-se em casa através da meia-passagem ou das estepes da Europa Central, através daquelas distâncias e diferenças culturais, que transpõem a comunidade imaginada do povo-nação. (BHABHA, 1998, p. 198 - 199)

O conceito de nação durante a modernidade trouxe a ideia de homogeneidade. Por isso indagamos este conceito por entendermos que contradiz com o que estamos entendendo como sociedade heterogênea, híbrida e plural.

Para Homi Bhabha (1998), não era do seu interesse “o discurso do nacionalismo” (p. 199), mas, no seu capítulo “DissemiNação: o tempo, a narrativa e as margens da

nação moderna”, o autor considerou “deslocar o historicismo que tem dominado as discussões da nação como força cultural” (p. 199), pois a história, muitas vezes, apresenta uma sequência de fatos, inventados ou não, lineares para narrar uma nação. E essas histórias passam a ser o registro, o costume, a tradição daquela nação. Mas, para Bhabha (1998), “a força narrativa e psicológica que a nacionalidade apresenta na produção cultural e na projeção política é o efeito da ambivalência da “nação” como estratégia narrativa”. (p. 199, 200). Ou seja, a ideia de nação é uma estratégia narrativa. Pois continuando a sua linha de pensamento:

Os historiadores transfixados no evento e nas origens da nação nunca indagam, e teóricos políticos possuídos pelas totalidades “modernas” da nação - “homogeneidade, alfabetização e anonimato são características chaves” - nunca fazem a pergunta essencial sobre a representação da nação como processo temporal. (BHABHA, 1998, p. 202)

Dessa forma, questionar ou repensar a ideia de nação muitas vezes é deixada de lado por questões políticas, ou por talvez comodismo e desconhecimento mesmo. Mas, se não questionarmos, se não indagarmos a respeito do que entendemos por nação e do que entendemos por sociedade, por pessoas, a nação será sempre aquela ideia que “preenche o vazio”, ou seja, sempre haverá pessoas deslocadas, exiladas, migrando de um lugar a outro.

Para Hall (2009), a ideia de nação como ideia homogeneizante se reinventa. Ela revive de acordo com o movimento da globalização. Segundo o autor, o movimento homogeneizante da globalização se dá pela “americanização da cultura global” (p. 57) como uma força vertical. Entretanto, essas tendências homogeneizantes da globalização também convivem com uma “proliferação subalterna da diferença” (p. 57) pelas laterais, ou seja, com as diferenças locais como “conexões laterais”(p. 57).

É tão interessante essa ideia de nação homogeneizante que se reinventa que podemos analisar o que a autora Strobel (2008) diz a respeito de “povo surdo”:

Quando pronunciamos “povo surdo”, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código de ética de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (p.31).

Para a autora acima citada, “povo surdo” são “sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem” (p. 31). Essa afirmação

demonstra o quão homogeneizante é essa ideia de “origem”. E continua: “Quando estamos descrevendo sobre os sujeitos surdos que vivem no Brasil, que usam a mesma língua de sinais do Brasil, que tem costumes, história, tradições comuns e interesses semelhantes estamos nos referindo ao Povo Surdo do Brasil”. (STROBEL 2008, p.34)

E numa tentativa de pluralizar a concepção que está elaborando, Strobel (2008) inclui:

o povo surdo poderia ser os surdos das zonas rurais, os surdos das zonas urbanas, os surdos índios, as mulheres surdas, os surdos sinalizados, os surdos oralizados, os surdos com implante coclear, os surdos gays e outros. Estes surdos também se identificam com o povo surdo apesar de não pertencerem às mesmas comunidades surdas. (p.32)

Ou seja, na tentativa de pluralizar uma ideia inicialmente hegemônica, a autora incluiu minorias dentro de um grupo minoritário, no caso como citou: “surdos índios”, “mulheres surdas”, “surdos gays”. Mas conclui dizendo:

Assim, para finalizar, o povo surdo são sujeitos que compartilham os costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades culturais, ou seja, constrói sua concepção de mundo através do artefato cultural visual, isto é, usuários defensores do que se diz ser povo surdo, seriam os sujeitos surdos que podem não habitar no mesmo local, mas que estão ligados por um código de formação visual independente do nível linguístico. (p.34)

Entretanto, na conclusão, a autora revela seu principal argumento que é ter: “usuários defensores do que se diz ser povo surdo” (STROBEL 2008, p. 34). Sim, a ideia de povo também é um conceito, pois, para Bhabha (1998), “povo” pode ter um conceito duplo onde:

o povo consiste em “objetos” históricos de uma pedagogia nacionalista, que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no preestabelecido ou na origem histórica constituída *no passado*; o povo consiste também em “sujeitos” de um processo de significação que deve obliterar qualquer presença anterior ou originária do povo-nação para demonstrar os princípios prodigiosos, vivos, do povo como contemporaneidade, como aquele signo do *presente* através do qual a vida nacional é redimida e reiterada como um processo reprodutivo. (p. 206, 207)

O que Strobel (2008) defende como “povo surdo” é a ideia de sujeitos com uma particularidade em comum: a materialidade da surdez nos seus corpos. A partir desse pressuposto, não faz diferença se esse sujeito sabe língua de sinais ou não, se ele está inserido na comunidade surda ou não. O fato de uma pessoa ser surda a

faz ter experiências de vida muito parecidas com a de outras pessoas surdas pelo mundo: dificuldades de comunicação, de interação, de informação, dentre outras tantas experiências. Esses fatos em comum entre elas as fazem se reconhecerem entre si.

Porém, ao considerar a ideia de nação moderna homogeneizante e vertical, pensei em como esses sujeitos surdos são apagados, ou suas vozes são silenciadas, justamente pela idealização de nação igualitária onde as pessoas permanecem no anonimato. Essa conceituação de “povo surdo” pode ser uma resposta a esta tentativa de apagamento, pois de acordo com Bhabha (1998):

A partir do lugar do “enquanto isso”, onde a homogeneidade cultural e o anonimato democrático articulam a comunidade nacional, emerge uma voz do povo mais instantânea e subalterna, discursos de minoria que falam em um espaço intermediário e entre tempos e lugares. (p. 223)

Decerto seja isso, a formulação do conceito de “povo surdo” seja uma voz emergente que traz, dentre tantos outros discursos, o discurso das minorias.

E para pensarmos sobre comunidade, Bhabha (1998) entende a “comunidade concebida como projeto” (p. 22) levando em consideração “o acesso ao poder político e o crescimento da causa multiculturalista” (p. 21). Seja para evidenciar as diferenças sociais e as minorias, ou para fortalecer a ideia homogeneizante do “Povo-come-Um” (p. 344) da cultura nacional.

Analisando alguns trechos que Strobel (2008) traz sobre a comunidade surda, notamos a tentativa de generalizar os participante dessa comunidade, deixando de uma forma mais eclética e heterogênea por incluir: “sujeitos ouvintes - membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros” (p. 31)

Porém, a autora acima citada traz como fortalecimento da ideia de comunidade surda o seguinte argumento:

os sujeitos surdos, quando se identificam com a comunidade surda, estão mais motivados a valorizar a sua condição cultural e, assim, passariam a respirar com mais orgulho e autoconfiantes na sua construção da identidade e ingressariam em uma relação intercultural, iniciando uma caminhada sendo respeitado como sujeito “diferente” e não como “deficiente.”(STROBEL, 2008, p.33)

A autora entende que, para que os sujeitos surdos consigam ter êxito na sua “relação intercultural” (STROBEL, 2008, p. 33), neste caso aqui é em relação às pessoas ouvintes; eles teriam que “valorizar a sua condição cultural” (p. 33), pois assim “passariam a respirar com mais **orgulho** e autoconfiantes na sua construção da identidade” (p. 33) (grifo meu).

A palavra orgulho não aparece por acaso pois ela exprime o sentimento que muitas vezes está ligado à ideia de nação, de povo, na modernidade. No entanto, para autores dos Estudos Culturais, como Stuart Hall (2009), há que se atentar para o seguinte:

O termo “comunidade” (como em “comunidades de minorias étnicas”) reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos. Entretanto, isso pode ser algo perigosamente enganoso. Esse modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior. As chamadas “minorias étnicas” de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico. Elos de continuidade com seus locais de origem continuam a existir. (...) Mas existem ainda diferenças que se negam a ser consolidadas. (p. 62 - 63)

Hall (2009), quando escreveu esta citação acima, estava se referindo aos caribenhos no seu livro “Da diáspora: identidades e mediações culturais”. Porém, esta mesma citação serve para todas as pessoas que pensam em fortalecimento de comunidade ao invés de valorizar o que se tem de mais plural e heterogêneo nela, reforçam a ideia de homogeneidade. De acordo com Hall (2009):

A tentação de essencializar a “comunidade” tem que ser resistida. (...) Assim, ao se fazer um movimento em direção à maior diversidade cultural no âmago da modernidade deve-se ter cuidado para não se reverter simplesmente a novas formas de fechamento étnico. (p. 79)

2.3 - Terceiro desafio: (Re)Pensar as diásporas

Pensando na diáspora, seja ela voluntária ou não, as pessoas se movem, saem do seu local de origem e partem para outro. Algumas na expectativa de encontrarem algo melhor do que elas têm, ou porque são obrigadas a ir por causa de guerras, fome, falta de água, falta de emprego, entre outros motivos.

Fazendo uma comparação, se a Libras fosse um território, seria como se os surdos que estavam sendo submetidos às práticas oralistas no século XX estivessem num exílio, onde não poderiam se expressar na sua língua habitual. Quando o exílio acaba, com o fim das práticas oralistas já no final do século XX, os surdos retornam ao seu território, no caso a Libras, porém não são mais os mesmos. O tempo e as experiências vividas os transformaram. Alguns se adaptaram à oralização, outros somente à língua de sinais, alguns a ambos. Houve surdo que preferiu não mais utilizar aparelho sonoro nenhum enquanto outros decidiram se submeter a cirurgias e implantes cocleares. Dessa forma, entendo que os surdos já não são mais os mesmos do passado. Como numa experiência diaspórica, “sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente.” (HALL 2009, p. 27)

Nessa analogia que fiz sobre a diáspora surda, ela se dava geralmente à revelia, pois a grande maioria se sentia forçada a falar numa língua que não era a sua e submetidos a um método pouco eficaz. Dessa forma a experiência foi mais negativa do que positiva e a ida dos surdos “ao exílio” era mais compulsória do que voluntária, salvo algumas exceções.

Em relação às diásporas que os surdos vivenciaram, podemos dizer que foram não só no âmbito linguístico, mas também foram físicas, literais. Houve muitos casos de surdos e de seus familiares que se deslocavam para outros estados brasileiros à procura de tratamento ou de cura. No País, existiam pólos de referência em habilitação de surdos e dependendo da época, alguns pais deixavam seus filhos num sistema de internato, pois não tinham condições financeiras para estar sempre se deslocando. Porém, houve um tempo em que esse sistema de internato se encerrou. Como exemplo, citamos um trecho do relato da entrevista de A1, um dos sujeitos dessa pesquisa:

Sim, viajamos pro Rio, fiz exames e descobriram que eu era surdo. E aí meus pais perguntaram como eu iria frequentar a escola. E informaram que em Vitória tinha escola para surdos, com treino fonoaudiológico, que seria bom pro meu desenvolvimento. Voltamos a Vitória e fizeram a minha inscrição nessa escola quando eu tinha três anos. (A1, 2017)

Assim como A1, outros surdos realizaram verdadeira peregrinação entre consultórios, clínicas, laboratórios e toda assistência médica da época para obterem

algum resultado. Com o diagnóstico de surdez, eram encaminhados para locais onde realizavam, como o entrevistado disse acima, treino fonoaudiológico. Algumas dessas famílias decidiram se mudar para perto de onde eram realizados os tratamentos para facilitar o acesso.

Dessa forma, pessoas surdas, e como consequência seus familiares também, vivenciaram momentos no século XX de uma diáspora. Atualmente os surdos têm a liberdade de utilizar a língua de sinais, mas depois dessa experiência diaspórica, eles não são mais os mesmos do século passado.

A partir dessas considerações feitas neste capítulo, prosseguiremos a seguir com a metodologia e análise das entrevistas.

3 - METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa com uma metodologia dialógica da escuta que tem na questão da alteridade seu norte fundamental. A intenção desta pesquisa é o encontro com o outro. Pretende-se dar conta da presença do outro nesta pesquisa que estão representados pelos sujeitos da comunidade surda aqui entrevistados.

Ao adotarmos uma perspectiva dialógica não queremos dizer que não haverá um discurso monológico porque não há monologismo ou dialogismo absolutos (AMORIM 2001, p.16). O texto ora se apresentará monológico por tentar manter um distanciamento, uma certa supressão da alteridade; Ora se apresentará dialógico por apresentar “diferentes enunciações num mesmo enunciado”(p. 152). Dessa forma:

Diante de uma obra, as categorias *monológico/ dialógico* não servem para classificá-la ou incluí-la em uma tipologia qualquer de relações de alteridade. Em vez disso, elas servem para inscrever o texto numa nova problemática onde o que está em jogo é a questão da *representação* e da *presentificação* da alteridade. Pois um texto, assim como uma voz, é algo que sempre chama outros, que faz sempre com que outras vozes cheguem, seja por intenção, seja por efeito. Nossa proposição é de que essas categorias convidam a um certo tipo de investigação: a pesquisa dos diferentes caminhos que pode percorrer um texto para encontrar seu objeto, através da complexidade da relação com o *outro*. Ao utilizar essas que são as categorias centrais do pensamento bakhtiniano, uma escuta deve se instaurar e o ouvido deve se afinar: as vozes são múltiplas e múltiplos são os momentos e os modos em que elas se fazem ouvir. (AMORIM, 2001, p. 154, 155)

Para tanto, escutaremos as enunciações dos entrevistados por meio das suas respostas a um roteiro de perguntas elaborado pela pesquisadora. O objeto desta pesquisa é portanto, segundo Amorim (2001, p. 19), “objeto já falado, objeto a ser falado e objeto falante.” Pois, ao mesmo tempo em que é alvo da pesquisa também atua nela. Cabe a mim como pesquisadora escutar as vozes desses sujeitos.

Para delimitação da pesquisa, o meu *corpus* é a comunidade surda acadêmica da Grande Vitória, especificamente da Universidade Federal do Espírito Santo, no campus de Goiabeiras. Essa escolha se deve ao fator localização. O meu contato maior atualmente são com os surdos, intérpretes, professores e servidores que atuam no espaço acima citado. Gostaria de poder contemplar mais sujeitos da comunidade surda capixaba, porém, para esta pesquisa, vou dar ênfase aos integrantes da comunidade surda acadêmica da Ufes.

As entrevistas foram realizadas em agosto de 2017 e a partir do material produzido, analisamos todas as respostas para nos ajudar a chegar à parte conclusiva deste trabalho. Um questionário, ou um roteiro, nos norteou e as entrevistas foram divididas da seguinte forma: uma individual e a outra em dupla. Esses diálogos foram realizados em Libras e em português de acordo com a língua que os entrevistados preferiram usar.

Os entrevistados foram: um professor surdo universitário de aproximadamente 30 anos de idade e os outros dois foram intérpretes ouvintes com a mesma faixa etária do professor. Eles são alunos de graduação e de pós-graduação desta universidade.

Uma entrevista foi filmada em Libras, no caso, a entrevista feita com o professor, e a outra foi gravado o áudio dos intérpretes. Em seguida, essas entrevistas foram analisadas e transcritas para esta dissertação.

Escolhemos a Ufes como ponto de encontro, pois para ambas as partes era um local de fácil acesso, até mesmo para conseguimos um espaço com o mínimo de interferência possível na imagem e/ou no áudio. E para que essa empreitada ocorresse a contento, foram previamente agendadas salas onde as entrevistas ocorreram.

Com o professor foi elaborado um roteiro com perguntas específicas para que ele pudesse contar um pouco da sua vivência como surdo, a entrevista foi gravada em vídeo e realizada em Libras. Quanto às entrevistas dos ouvintes foram gravadas em áudio, nesse caso utilizamos a língua portuguesa e o roteiro também era específico, pois a intenção era que eles contassem suas experiências na comunidade surda como ouvintes.

Durante esta pesquisa percebemos que era necessário transformar algo familiar em algo desconhecido, novo para nós, ou estranho de início, para que nós pudéssemos ao final retraduzí-lo. Refletindo sobre assimilar as alteridades, concluímos que a alteridade não é só o simples reconhecimento do que é diferente, mas sim um distanciamento, um afastamento do que é evidente. É, ainda segundo Amorim (2001, p.26), “uma espécie de exílio deliberado.” O pesquisador “abandona seu território, desloca-se em direção ao país do outro para construir uma determinada

escuta da alteridade, e poder traduzi-la e transmiti-la.” Por isso, a escolha por tentar compreender as alteridades na comunidade surda tornaram-na o “objeto”, no sentido científico de ser o material a ser estudado, e fez da pesquisadora uma “estrangeira” no sentido de traduzir esta comunidade.

De acordo com Amorim (2001, p.31), “o outro se torna estrangeiro pelo simples fato de eu pretender estudá-lo”. Por isso, a metodologia empregada foi de fazer desse encontro um diálogo da escuta. Ouvir, fazer-se ouvido, compreender, traduzir, influenciar e ser influenciado, numa relação dialógica sempre buscando o encontro.

Para Amorim (2001, p. 93), “a escrita dialógica” leva em consideração “as situações discursivas e as condições de enunciação”. Dentro dessa “escrita dialógica” estão inclusos: “o diário, o relato, o caderno de notas da estrada e a história de vida” (p. 93). Nas entrevistas realizadas foram considerados justamente “o relato” e “a história de vida” dos entrevistados, demonstrando assim o nosso intuito de refletir a partir desses relatos, das vivências desses sujeitos, e então produzirmos uma escrita dialógica neste texto.

Consideramos o dialogismo nas reflexões das entrevistas por levarmos em conta “a pluralidade de vozes que constituem toda pesquisa, seja em campo, seja no texto”. (AMORIM 2001, p. 93 - 94). E consideramos também a alteridade pois além de escutarmos as respostas, as enunciações dos entrevistados, respeitamos as suas opiniões, observando “o contexto de enunciação no interior do enunciado” (ibidem, p. 107) pois isso revela muito do sujeito que está sendo analisado. “A análise refere-se então ao modo como as vozes dos outros se misturam com a voz do sujeito do enunciado”. (p. 107)

Dessa forma, concluiremos que o texto polifônico, ou escrita dialógica, “presentificam vozes e convocam outras”. (AMORIM 2001, p. 163) Nossa intenção, mais uma vez, foi de escutá-las, considerá-las, no encontro com o outro, pois “podemos dizer que o texto polifônico não apenas representa alteridades, mas que ele é alteridades”. (id)

E para que esse diálogo se expanda a nossa intenção é que haja uma devolutiva para a comunidade surda através da publicação desta pesquisa, assim como apresentações deste trabalho e possivelmente produzir eventos onde possamos

discutir mais sobre esse assunto e que artigos possam ser produzidos a partir dessas trocas, desses diálogos.

A produção de dois roteiros distintos se tornou necessária porque a nossa intenção foi de coletarmos as experiências de vidas individuais, visto que um entrevistado trouxe a experiência de vida dele como surdo de nascença e os outros entrevistados como ouvintes que pertencem à comunidade surda, que são filhos ou pais de surdos, e que são intérpretes de Libras. Por essas características, acreditamos que a melhor maneira de entrevistá-los foi por criarmos dois roteiros diferentes, porém as perguntas se baseiam em temas que eram iguais para ambos os roteiros.

Os entrevistados foram identificados por uma letra e número. Portanto, o entrevistado surdo foi denominado por A1, e os entrevistados ouvintes por J1 e J2. Passamos às nossas análises.

4 - ANÁLISE

O entrevistado A1 nasceu surdo, durante a gravidez, a sua mãe contraiu rubéola. A família só teve a confirmação da sua surdez quando A1 já era uma criança. O fato de a família tomar conhecimento da surdez de A1 não significou que ele sabia da sua surdez, pois não percebia nada de diferente na sua rotina diária. Até que um dia A1 descobre que é surdo. Vejamos:

A1: É... Foi muito estranho, eu não sabia o que era surdo. Sinalizaram que eu era surdo: *_ Mas o que é esse sinal SURDO? _ Não ouve nada, pessoa lá nasceu não era surdo, o seu ouvido quebrou (estragou) e o dele não.* Eu vi isso, pensei: meu ouvido quebrou? Aí eu passei a ter mais contato com os surdos, eles sinalizavam bastante comigo. No ônibus, na van, em todos os lugares, tínhamos muito contato, sinalizávamos bastante. Me ensinaram os sinais e o alfabeto manual. Soletravam os nomes das coisas com alfabeto manual, aí eu via uma palavra e soletrava em Libras. Os professores não aceitavam Libras. Eu comecei a aprender Libras com seis, sete anos. Aos cinco, seis eu comecei a abrir minha mente. Com seis, sete comecei a sinalizar.

Esse trecho, quando o entrevistado descobre que é surdo, é muito interessante, pois até então quem tinha conhecimento da sua surdez era a sua família. Ele mesmo não percebia a materialidade da surdez no seu corpo e não se percebia diferente das outras pessoas. A1 apenas descobre que é surdo através de outros surdos que o avisam utilizando um sinal que ele não conhecia, que era SURDO (sinal em Libras) e sinalizando que o ouvido dele “quebrou” no sentido de não funcionar.

Ao refletirmos sobre essa passagem da entrevista, percebemos uma urgência por parte dos surdos mais velhos em ensinar e demonstrar para os mais jovens que eles são surdos. E que o intuito de avisá-los não fica em apenas comunicá-los da falta de audição, mas de passarem a ensinar uma língua de sinais que não era permitida naquele espaço e que passassem a fazer parte daquele grupo.

Ora, a palavra *surdo*, seja oralizada, grafada ou sinalizada, é um signo. Segundo Bakhtin/Volochínov (2006, p.31), “tudo que é ideológico é um *signo*”, portanto podemos inferir que o signo *surdo* é ideológico. Se levarmos para o campo da medicina a ideologia por detrás da palavra *surdo* indica deficiência, necessidade de intervenção médica, tratamento, etc... Já no campo cultural, *surdo* pode ter outros sentidos, pode indicar, por exemplo, sujeito com uma língua própria, que faz parte de

uma comunidade, de uma sociedade, tem uma história. Ainda segundo Bakhtin/Volochínov (2006):

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. (p.33)

Baseado na vivência de A1, o que a informação “Você é surdo” poderia implicar? Quais decisões A1 poderia tomar a partir da apreensão dessa informação? Ele poderia aceitar ou não aprender uma língua de sinais? Ele poderia continuar ou não com o método da oralização? Ele poderia escolher se associar com a comunidade surda ou não? E quais seriam as consequências dessas escolhas? Essa enunciação “Você é surdo” veio carregada de ideologia, pois ela acaba influenciando na formação da identidade que a cultura surda denomina de identidade surda. De acordo com Strobel (2008):

Este contato criança surda X adultos surdos, através de uma língua em comum, que é a língua de sinais, é que proporcionará o acesso à linguagem e desta forma, estará também assegurada à identidade e a cultura surda, que é transmitida naturalmente à criança surda em contato com a comunidade surda. (p.41)

Problematizando a citação da autora, dizer que uma criança surda só tem acesso a uma linguagem a partir do momento que interage com um adulto surdo através da língua de sinais é um equívoco, pois entendemos que a criança adquire uma linguagem em relação ao outro. Mesmo numa família ouvinte, a criança surda irá interagir primeiramente com seus pais. E apesar de não compartilharem da mesma modalidade de língua, um utiliza a língua oral e o outro uma língua gestual, ambos empreenderam uma comunicação. Uma língua caseira, que só eles entendam. Mas, daí afirmar que uma criança surda está como uma tabula rasa para a linguagem, sem nenhuma leitura de mundo, que ela irá saber o que é linguagem somente a partir do encontro com um surdo adulto sinalizante, soa um pouco equivocada.

Porém, na mesma citação acima, percebe-se que a ênfase está não só na aprendizagem de uma linguagem, mas na possibilidade de assegurar a identidade e a cultura surdas. O discurso produzido pela comunidade surda incentiva que uma criança surda se encontre com um adulto surdo para que haja uma identificação. Mas outros tipos de identificação com outras pessoas da família, ou com professores

e amigos, não são possíveis? Não estamos afirmando que o encontro com o adulto surdo não seja necessário para uma criança surda, acreditamos que tenha muitas vantagens para ambos, mas esta não pode ser a única e exclusiva maneira de uma criança surda desenvolver língua e/ou identidade.

Para Strobel (2008):

Os sujeitos surdos que tem acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda tem maior segurança, auto-estima e identidade sadia. Por isto é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas em quem se identificarem e ter acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano. (p.45)

A autora enfatiza a importância desse encontro da criança surda com o adulto surdo; e afirma que os surdos que possuem conhecimento da língua de sinais possuem uma “identidade sadia”. Infelizmente, a autora, na escrita do seu livro, não explicitou com mais clareza o que ela pretendeu dizer com “identidade sadia”. A palavra *sadia* num sentido de *saudável*? Numa perspectiva médica? E se pensarmos o oposto, o que seria uma identidade *doente*? Algumas questões ficaram em aberto a partir da afirmação acima citada pela autora.

Na entrevista com os ouvintes, conversamos com dois intérpretes de Libras que têm surdos na família. J1 é intérprete, pai de um jovem surdo e J2 também é intérprete e é filho de pais surdos. Ambos são militantes na comunidade surda, fazem parte da comissão da Associação dos Intérpretes do Espírito Santo - (APILES), atuam profissionalmente na área há algum tempo.

Uma das primeiras perguntas elaboradas para os ouvintes foi “Como você aprendeu Libras?” e o entrevistado J2 respondeu:

J2: Desde sempre. Aí eu fico viajando... Libras, a gente fala do reconhecimento legal em 2002, antes eu aprendi o quê? Era Libras, ou que língua é essa? Né? Tipo assim, eu não sei. Já era Libras? Era Libras antes de saber que era Libras? Não sei? O quê que é Libras? Se formos pegar pelo marco legal a gente utilizava era o quê? Uma língua? [...] Aí entra a questão do balbucio, interessante né? Porque, tipo assim, quando é bebê você aprende é Libras mesmo? Por exemplo, você tem a E2, eu tenho a M.S, você tem o seu filho, ele aprende o português primeiro? Ou a gente utiliza um outro tipo de linguagem para se comunicar, e a partir dali ele desenvolve uma língua? Então, é muito a se pensar né? Para problematizar.

Continuando a nossa reflexão sobre o contato da criança surda com o adulto surdo, que o quanto antes for feito, melhor para a criança surda, pois ela aprenderá a língua de sinais e adquirirá uma identidade e uma cultura surda. No caso do entrevistado acima, J2 é ouvinte, filho de pais surdos, ou CODA, que é a sigla comumente usada na comunidade surda que numa tradução livre seria Criança de surdos adultos (Child of Deaf Adults), ou mesmo filho de adultos surdos.

No próprio relato de J2, refletindo sobre a sua aquisição de linguagem, ele observa que naquele momento quando era criança, mesmo sendo ouvinte, ele não percebia que estava aprendendo Libras como uma língua institucionalizada e reconhecida, com o peso da conquista da comunidade surda, mas sim a sua língua materna. Que inicialmente poderia ser como o balbucio, ou movimento de mãos sem muito nexos, até que passam a ser repetidos, a ganhar significado, e passam a fazer parte da comunicação entre ele e seus pais.

Com o passar do tempo obviamente J2 se tornou fluente na sua língua materna, que por acaso é Libras. Mas para que ele chegasse a ter um nível de fluência levaria tempo em contato com os falantes daquela língua. Agora, imaginemos a criança surda filha de pais ouvintes. Neste caso, a língua materna dessa criança é uma língua oral, suponhamos que seja a língua portuguesa. Inicialmente, haverá alguma comunicação entre esta criança e seus pais, mesmo que não seja uma língua oficial. Porém, para as crianças surdas, geralmente, a fluência na língua oral não virá com o tempo assim como acontece com um CODA que aprende a língua de sinais.

Pela falta do estímulo auditivo não se adquire uma língua oral, não por essa via. Aquisição de linguagem não é bem o foco desta pesquisa. Mas, a partir desta reflexão queremos chegar ao ponto da necessidade do contato da criança surda com o adulto surdo. Imaginemos que quando uma criança surda quando entrar em contato com o adulto surdo, ela não será fluente nem em uma língua oral, nem em uma língua de sinais. Mas, podemos afirmar que ela tem uma língua na qual compreende o mundo a sua volta.

Devido a esta conclusão, entendemos que o adulto surdo não pode ser a única referência para uma criança surda somente porque ele sabe uma língua de sinais. Esta criança surda formará uma identidade não apenas porque viu um adulto surdo,

mas porque tem uma vivência com várias outras pessoas, sejam familiares, professores, amigos, vizinhos, e nem todos são surdos.

Vejamos o caso de J1, ele é pai de um jovem surdo que ele cria desde os sete anos:

J1: Então o E1, ele veio pra gente, eu fui intérprete dele na escola, uma história muito longa, porque o pai dele, a família dele, principalmente o pai dele. A mãe dele abandonou ele com dois anos de idade. Foi nessa idade que ele ficou surdo, por conta de uma infecção, e o pai dele, infelizmente assim, por conta da sociedade, não sei, envolvido num mundo de crimes. Então, quando eu conheci o E1, eu queria que ele se envolvesse com a comunidade surda pra ele aprender a língua de sinais. Porque ele era pequenininho, sete anos, e não tinha contato com a comunidade surda, em casa era só sinais caseiros.(...) E a gente acabou indo além do assistencialismo, não só porque a nossa família sabia a língua de sinais, (...) E na família dele, ninguém sabia língua de sinais. E quando ele descobriu a língua de sinais, ele só queria ficar com a gente, por quê? Porque na nossa casa ele tinha uma comunicação. (...) J2 mesmo já viu: _ *Cadê seu pai?* A primeira pessoa que ele fala onde está seu pai é J1. O primeiro indicativo de pai é J1. Todos que perguntam, a referência que ele tem somos nós. Mas a gente sempre, como ele tem esse contato com a família biológica, a gente sempre fala com ele a questão do respeito que ele tem que ter, independente do que tenha acontecido na família.

Neste exemplo o pai adotivo da criança surda é um intérprete de Libras. A princípio, ele entendia que para que aquela criança pudesse aprender a língua de sinais, ela deveria estar em contato com a comunidade surda. E o que aconteceu foi que essa criança não só aprendeu a língua de sinais como escolheu o J1 como pai, e a sua família como a família dele, porque a escolha da criança se motivou pelo o que o próprio entrevistado falou: “Porque na nossa casa ele tinha uma comunicação”.

Vejamos que a referência para aquela criança surda passou a ser o pai adotivo que é um ouvinte e não um adulto surdo. Por quê? Porque além da questão linguística que é um dos fatores principais, há outras questões envolvidas como afeto, cuidados, identificação, proteção, todos esses fatores que foram determinantes para tal escolha.

Portanto, não é possível inferirmos que a Libras ou uma língua de sinais pertença apenas aos surdos, e que para outras crianças surdas possam aprender essa língua ocorre somente no encontro com outro surdo adulto. A Libras serve para todas as pessoas. Mesmo que ela circule com mais facilidade na comunidade surda, mas todas as pessoas podem ter acesso a ela. Segundo Amorim (2001) “Não há posse possível de nenhuma língua e mesmo aquela dita ‘maternal’ já é, desde sempre,

língua do outro. (...) somos todos falantes e estrangeiros e essa é a única condição que torna possível uma ética/política da relação com o outro.” (p. 27 - 28)

E considerando este espaço-tempo onde predomina a multiplicidade de informações e tecnologias, pensarmos que a criança surda adquirirá somente a cultura surda é simplório, pois existe uma infinidade de culturas que ela poderá ser exposta, e dessa forma, fica cada vez mais difícil apostar no discurso que fixa língua-identidade-cultura entre si.

No campo dos relacionamentos afetivos, perguntamos a A1 se ele tinha alguma preferência quanto a namorar surdo ou ouvinte. Essa pergunta foi realizada pelo fato da autora Strobel (2008) afirmar “casamento entre os surdos” (p. 61) como se fosse um artefato da vida social da cultura surda. Se relacionamento amoroso entre surdos for um artefato da cultura surda, não há possibilidade de envolvimento com pessoas ouvintes? De acordo com a experiência de A1:

A1: Já aconteceu de eu namorar ouvinte que não sabia Libras, que não tinham vontade de aprender e a comunicação era difícil porque eu não dominava bem esse uso em duas línguas, achei que não estava legal oralizando, essa é a minha opinião, eu prefiro usar a minha língua, eu gosto mais de Libras. Mas falar..., eu não escuto, como a comunicação vai avançar? Eu não sou implantado. Eu não uso aparelho auditivo. Alguns usam, mas é limitado ouvir o falar. E eu sou surdo.

Neste trecho, A1 explica que, para ele, independe se a pessoa que ele escolher namorar é surda ou ouvinte, isso não seria um indicador para a sua escolha, porém o uso da língua de sinais aparece como fator determinante. Se o ouvinte souber a língua de sinais, a comunicação flui, logo o relacionamento se torna agradável. Mas ao experimentar namorar um ouvinte que não sabia e que não queria aprender Libras, o posicionamento de A1 foi mais incisivo ao dizer: “Eu sou surdo”, ou seja, a relação não irá adiante se o outro não aprender a minha língua.

Notamos que uma língua falada em comum pelo casal facilita a comunicação de ambos, o que é positivo para uma relação afetiva. No entanto, a língua não pode ser a única característica a ser considerada na escolha de um par amoroso. Observamos na fala de A1: “Com o surdo é bom, mas às vezes não combina o modo de pensar, o grau de escolaridade diferente. Porque eu já tenho ensino superior e às vezes não dá pra interagir”. Deste modo, entendemos que num relacionamento afetivo, uma língua em comum é importante, porém não pode ser um único fator

determinante para a escolha de um namorado ou namorada. Complementando, A1 diz: “Mas precisa ser alguém que pense igual a você. Não comparando alguém como superior ou inferior, mas com a mesma mentalidade”.

Ora, se a afirmação de Strobel (2008, p. 61) sobre o artefato da vida social na cultura surda fosse determinante, nenhum surdo namoraria um ouvinte porque além de não falarem a mesma língua, não compartilham de elementos culturais em comum. Mas, vejamos, como A1, outros surdos também já tiveram ou tem relacionamentos afetivos tanto com surdo quanto com ouvintes. Para os entrevistados J1 e J2, eles consideram que nos relacionamentos há que se levar em consideração o sentimento entre o casal. O que um pode ceder, o que um pode aprender com o outro.

Entendemos que, numa sociedade, num grupo social, podem haver algumas normas, regras ou convenções, mas são as escolhas individuais que prevalecem e elas devem ser respeitadas. Para Bakhtin (2010):

tudo é um ato meu, inclusive o pensamento e o sentimento. (...) Não existem normas morais determinadas e válidas em si, mas existe o sujeito moral com uma determinada estrutura (não, obviamente, uma estrutura psicológica ou física), e é sobre ele que necessitamos nos apoiar: ele saberá em que consiste e quando deve cumprir o seu dever moral ou, mais precisamente, o dever (porque não existe um dever especificamente moral). (p. 43 - 44)

Segundo Bakhtin (2010) *postuplenie-postupok* (p. 43) pode ser traduzido como agir-ato. Somos responsáveis pelos nossos próprios atos, estamos conscientes das nossas atitudes, e também dos nossos sentimentos, independente do que se dita em uma comunidade ou cultura.

Para Bakhtin (2010) a impressão que se tem é que cultura e vida se dividem em dois mundos em direções opostas. Ele cita o Jano bifronte, como aquele que tem dois rostos onde cada um olha para as direções diferentes. Bakhtin (2010) propõe que o nosso ato seja “um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções” (p. 39) pois “Somente assim se pode superar a perniciosa separação e a mútua impenetrabilidade entre cultura e vida”. (p. 40)

Quando indagado sobre a sua identidade, como ele se identifica, a resposta que tivemos de A1 foi a seguinte:

A1: Minha identidade... parece ser de surdo mesmo, mas antes eu não sabia, eu era uma criança. Conforme eu fui crescendo eu fui percebendo que ser surdo é diferente. Eu sou diferente, sou deficiente. Mas não deficiente como uma doença, mas como uma classificação médica, pela falta de audição, eu não escuto. (o entrevistado sinaliza dessa forma: ouvido quebrou). Mas eu comecei a reconhecer que tenho valor, que tenho uma língua de sinais que forma a minha identidade. Eu tenho interesse, gosto de aprender outras línguas de sinais como a ASL, de interagir com outros surdos, e aí eu consegui transformar a minha identidade. No passado eu não sabia de nada, só oralizava e a minha identidade parecia ser indefinida. Comigo foi diferente. Se eu ouvisse, ou fosse implantado, eu poderia ter uma identidade híbrida. E comigo não foi assim, foi diferente. Eu fui acostumado a estar junto com os outros surdos na escola Oral e Auditiva e tive a influência deles. Antigamente eu frequentava a associação de surdos, depois ela parou, mas parece que agora estão retomando as atividades na associação.

Percebemos pela resposta de A1 que ele entende a sua identidade pela diferença. Quando diz: “Parece ser de surdo mesmo” pois talvez tente definir em uma única palavra o que ele entende que é, pois nota que não é um ouvinte. Se ouvisse parcialmente ou fosse implantado poderia ter uma identidade híbrida, ou seja, ele poderia ser outra coisa se escutasse. Pela fala do entrevistado inferimos que para ele identidade parece ser algo único e essencial, ou você é uma coisa ou outra conforme as condições e as variáveis.

Há também uma valorização da autoestima quando se identifica com um grupo específico como: “Mas eu comecei a reconhecer que tenho valor, que tenho uma língua de sinais que forma a minha identidade.” De fato, o reconhecimento de pertença retratado com essas palavras o ajudou a ter uma autoconfiança.

Como diria o autor Charles Taylor (2011):

Nossa identidade exige reconhecimento dos outros. Nossas identidades são formadas em diálogo com os demais, em concordância ou conflito com seu reconhecimento de nós. (...) O meu descobrir a minha identidade não quer dizer que a trabalho em reclusão mas que a negocio através do diálogo, parcialmente exposto, parcialmente internalizado, com outros. É por isso que o desenvolvimento de um ideal de identidade gerada interiormente dá uma nova e crucial importância ao reconhecimento. Minha própria identidade depende crucialmente de minhas relações dialógicas com os outros. (p. 53, 55)

E através da relação com o seu par linguístico, ou seja, com outros surdos que o entrevistado pode transformar sua identidade que anteriormente ele acreditava estar indefinida, quando ele só oralizava. E fica claro como a relação com o outro é importante na formação da identidade, pois o mesmo declara que: “Eu fui

acostumado a estar junto com os outros surdos na escola Oral e Auditiva e tive a influência deles.”

Na entrevista com os ouvintes, respondendo a questão sobre identidade surda, J2 respondeu:

J2: Hoje a gente consegue discutir mais amplamente o conceito de identidade surda. Eu acho que existe o lado negativo e o lado positivo. Eu acho que hoje no mundo que a gente vive a questão da identidade é um lado muito mais político, só que também tem as suas armadilhas. Então se você não souber lidar com isso você pode acabar dando um tiro no próprio pé. Você pode acabar indo contra o seu próprio discurso.

Por essa resposta percebemos que o entrevistado entende que o discurso da identidade surda, no momento, tem uma abordagem mais política e o mesmo pondera que há vantagens e desvantagens de se usar esse discurso identitário por essa perspectiva. O entrevistado continua ao dizer que está pra sair uma emenda constitucional do decreto 5626 que especifica que os profissionais que irão ensinar Libras devem ser surdos e o entrevistado questiona-se porque até hoje discussões nesse âmbito ainda precisam ser feitas, visto que o decreto de doze anos atrás já prevê isso. Daí ele entende a importância da luta, da militância do movimento surdo.

Para o outro entrevistado, J1, a luta por garantia de direitos, por uma identidade surda, significa afirmação por parte das pessoas surdas, daí faz uma analogia com grupos minoritários como os negros no Brasil que muitas vezes precisam reafirmar sua negritude não bastando apenas a evidenciação da cor da pele. Como foi dito:

J1: É a questão da afirmação A., porque tipo assim, eu enquanto negro né, eu não preciso falar, não precisaria falar pras pessoas que eu sou negro. Poxa, está em mim isso aqui, mas eu tenho hoje por questão política e social, eu tenho que fazer essas afirmações.

E continuando, J2 entende que a identidade surda: “Vem pra afirmar né, pra afirmar a cultura, afirmar a comunidade, afirmar a pessoa surda. Afirmar que eles estão ali e que eles estão atentos ao que está acontecendo”.

Ambos os entrevistados ouvintes enfocam muito o termo afirmação. Para eles parece ser válido o posicionamento afirmativo de identidade como forma de fortalecimento das pessoas surdas, da sua comunidade e cultura. No entanto, vale considerar a orientação de Bhabha (1998) que alerta, a partir de Fanon, para os perigos da “fixidez” de identidades:

Fanon reconhece a importância crucial, para os povos subordinados, de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas. Mas ele está consciente demais dos perigos da fixidez e do fetichismo de identidades no interior da calcificação de culturas coloniais para recomendar que lancem “raízes” no romancioso celebratório do passado ou na homogeneização da história do presente. (p. 29)

Ou seja, Bhabha (1998) reconhece os perigos que possam envolver a afirmação de identidades a partir de essencialismos, ou homogeneização, pois como se observa na sequência da entrevista, o outro entrevistado J2 pondera que apesar dos discursos minoritários, nem todos acabam abraçando a causa. No caso, nem todo surdo se identifica como surdo, e para J2, esses são denominados deficientes auditivos.

J2: Outra coisa, é muito arriscado generalizar, eu vou até falar por conta da questão do negro. Muitos negros não estão no movimento negro e muitas vezes até discordam do discursos do movimento negro. Como você vê surdos também que não se consideram surdos e falam que... (inaudível)

A: Que são o quê?

J2: Que são deficientes auditivos.

Notem, conforme colocado por J2, nem todo surdo é militante, nem todo surdo discursa sobre a identidade surda, nem todo surdo está nesse movimento político. E continuando: “Então quer dizer quando a gente começa a olhar mais, acho que é marcação de espaço, acho que isso é necessário, é político, só que também é arriscado. É um risco que se assume”.

E em seguida, J2 comenta que:

J2: Então tem todo o discurso da identidade, vou falar até a questão dos muçulmanos. Tem a ala radical, a não radical. Na identidade surda você vê quem são bastante radical e os que são moderados, todos os movimentos são assim. O mundo hoje é de marcação, acabou, é a sua identidade. Então, eu acho que a identidade surda hoje no campo político ela é se faz necessária. Tanto que a gente vê pelas lutas. E é como você falou, é um discurso.

Dessa forma, perceber a identidade surda como ato político nos remete às lutas dos grupos considerados minoritários: mulheres, negros, índios, gays, entre outros, que se fazem necessários, pois segundo Taylor (2011): “A projeção de uma imagem inferior ou degradante sobre outrem pode realmente distorcer e oprimir, na medida em que é interiorizada”. (p. 57 - 58).

Porém, não podemos perder de vista que a luta pelo reconhecimento das identidades surdas pela diferença é um momento de negociação com a sociedade. Pois para Bhabha (1998):

A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. (p. 20)

Continuando, o entrevistado J2 conclui que:

J2: E as pesquisas acadêmicas, as discussões que a gente tem, muitas vezes não chega aos surdos. Quem fala de identidade é a gente, se for numa associação você falar o que é identidade, pra eles ó... (cara de indiferente)

A: Na associação, ali no dia a dia, com os surdos, na rotina, no dia a dia, ninguém fica discutindo o que é identidade?

J2: Os que tem acesso acadêmico sim. Só que hoje a gente sabe que isso é minoria. Quando você vê o time de futebol lá ontem, tinha uns trinta, se for olhar só tinha o G. que é daqui. Poderia talvez discursar. Os outros...

A: Pros outros tanto faz como tanto fez. Entendi, legal, beleza.

J2: Sei lá, é muito complexo, muito arriscado, envolve uma discussão muito maior.

O entrevistado J2 chega à conclusão de que a discussão sobre identidade surda fica mais no âmbito acadêmico do que no cotidiano das pessoas surdas, que estão vivendo as suas vidas sem ter a preocupação de saber qual é a identidade delas. Quanto a esta afirmação, concordamos com Taylor (2011) quando diz:

As identidades na realidade mudam, mas as formamos como a identidade de uma pessoa que viveu parcialmente e vai completar essa vivência. Não defino uma identidade para “eu em 1991”, mas, em vez disso, tendo dar sentido a minha vida como foi e como eu a projeto mais adiante com base no que ela foi. (p. 60)

Quer dizer, por mais que no cotidiano não se discuta identidade com um teor acadêmico, mas as pessoas podem sim refletir sobre si mesmas de como eram antes e de como pretendem ser daqui a alguns anos. Isso é também é uma forma de pensar identidade, como diria Taylor (2011): “em um plano pessoal” (p. 57).

Durante as entrevistas, perguntamos aos entrevistados sobre o que eles achavam de música, se música era para surdos. Baseamo-nos no trecho de Strobel (2008), uma vez que a autora declara que:

A música, por exemplo, não faz parte da cultura surda, os sujeitos surdos podem e tem direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural. São raros os sujeitos surdos que entendem e gostam de música e isto também deve ser respeitado. (p. 70)

Ao entrevistar A1, perguntamos a respeito do que ele acha de música e ele respondeu:

A: E você gosta de música?

A1: Gosto! Mas não é aquela música que vem do aparelho de som, da caixa de som ou do fone de ouvido porque eu sou surdo, não me dá desejo de escutar. Mas, sim a vibração, a batida da música combina com o surdo. Mas na música não dá pra perceber as palavras, então essa parte não combina com os surdos.

Percebemos pela alegação de Strobel a seguinte afirmação: “Música não é e não faz parte da cultura surda”. Porém, na comunidade surda, nem todos os surdos rejeitam a música. Não só por curiosidade, para saber como é, mas para sentir e vivenciar a sensação de perceber as vibrações musicais. Cada surdo, a sua maneira, pode aproveitar e experimentar a música; e dizer sim, por que não?

Para o entrevistado J1:

J1: Quem falou para o surdo que ele não pode apreciar a música? Só que aí eu comecei a entender, o ouvinte ele tem o pensamento de que, a música enquanto som. Ele esquece toda a estrutura musical, tudo o que envolve a música. Ela vai muito além de notas, de uma partitura, de uma pauta, de um pentagrama. Ela vai muito além de letras rimadas, ela vai muito além de sons, né, de harmonia, de melodia, vai muito além disso! A música não precisa ter todos esses componentes pra ser música. Eu não sou formado em música, eu cresci no meio musical, mas eu não sou formado em música. (...) Mas, aí quando a gente pensa em música, a primeira questão quanto a nós como ouvintes que vem é a questão sonora. Melodia, harmonia, pronto, música! Aí você fala assim: Música para surdo. Como assim? Música para surdo? A música ela tem ritmo, ela tem uma poesia, uma poética que envolve ela ali. Ela tem uma vibração. E essa vibração ela acaba trazendo uma cadência rítmica, isso acontece no nosso respirar, no nosso andar, no nosso bater do coração. Então, isso tudo é música! Entendeu? (...) Então, tipo assim, se os surdos percebem esses contratempos, se ele percebe essa vibração, se ele percebe esse ritmar, então ele tem música! Não é a música oral-auditiva que nós pensamos. Isso que limita o surdo a acreditar que ele possa usufruir dessa cultura musical, dessa arte. (...) Então, tipo assim, eu vejo que essa fala é totalmente ouvintista, mais uma imposição ouvintista, de que a música não é para os surdos, de que é bobeira estar tendo música. Principalmente isso acontece muito no meio religioso, que é bobeira o intérprete está lá na frente interpretando uma música, ou o surdo copiando música, e tal. (...) Eu vejo a música para o surdo, no quesito rítmico, no quesito poético, na essência da poesia que ela trás. Tanto é que a própria posição, o seu corpo quanto o cenário, o seu próprio corpo sendo o próprio palco pra essa atuação artística, ela muda de postura. Então, se ela muda de postura, ela mudou o contexto. Se ela mudou o contexto, ela é outra coisa. Entendeu?

Esse comentário de J1 nos remete ao que Bakhtin (2013) nos fala sobre o carnaval:

Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente. (p. 6)

Entendemos a música, assim como Bakhtin (2013) entende o carnaval como manifestação da cultura popular e um modo de ser e estar no mundo, como sendo universal porque pode ser compartilhado com todos. Assim como o carnaval, a música pode ser vivida e ela existe também “para todo o povo” (p. 6). A música transmite uma sensação de liberdade e as pessoas podem senti-la “intensamente” (id). Por isso a comparação entre música e o conceito de carnavalização bakhtiniano. Ainda de acordo com Bakhtin (2013):

Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. (p. 8)

Podemos pensar a música da mesma forma, como: “uma liberação de todas as regras e tabus” (p. 8). Se para a cultura surda, a regra seria “a música não faz parte da cultura surda” (STROBEL 2008, p. 70), podemos inferir que a música só pode ser compreendida como “uma liberação de todas as regras e tabus” (BAKHTIN 2013, p. 6). Se “os sujeitos surdos podem e tem direito de conhecê-la (a música) como informação e como relação intercultural” (STROBEL 2008, p. 70), nós acreditamos que eles possam viver intensamente a música, visto que ela é universal e não um mero elemento da cultura ouvinte. Podemos dizer que a música é cultura popular, assim como carnaval é para Bakhtin.

Encerramos aqui a nossa análise e partimos nesse momento para a conclusão desta pesquisa.

CONCLUSÃO

“Ainda é cedo, amor

Mal começaste a conhecer a vida

Já anuncias a hora de partida

Sem saber mesmo o rumo que irás tomar”

(Cartola - O mundo é um moinho)

Chegamos aqui, nesse momento da pesquisa que é o da conclusão, mas sem o tom de despedida; pois pensamos, assim como Cartola, que ainda é cedo para concluirmos todo esse trabalho.

Ao final desta pesquisa esperamos encontrar as respostas às hipóteses elencadas, como a cultura e identidade surda são constituídas nos discursos, quais relações dialógicas constituem esse discurso? Como ele se materializa discursivamente? Como a questão da identidade se apresenta nessa materialização discursiva?

Porém verificamos que não há uma resposta definitiva para todas essas questões, pois assim como o mundo está em constante transformação, as pessoas também mudam, suas opiniões, suas convicções. Dessa forma, esta pesquisa é um olhar sobre acontecimentos atuais e que não finda apenas com os resultados.

Mesmo não tendo respostas definitivas, toda esta pesquisa foi válida, visto que pudemos interagir com integrantes da comunidade surda acadêmica da UFES, com suas vivências e isso é o que enriquece uma pesquisa como essa, qualitativa, com uma proposta do diálogo e da escuta.

Assim como Stuart Hall (2009, p. 39) fala sobre: “Retrabalhar a África na trama caribenha” ou seja ressignificar a “África” para os caribenhos depois da diáspora. Seria como se pensássemos no surdo dos tempos atuais, “ressignificar” o surdo depois de tantas histórias e transformações. Uma nova releitura de tudo o que se produziu sobre cultura(s) surda(s) e identidades. Uma atualização desses conceitos e uma tentativa de ressignificar o surdo da cultura surda. Podemos aceitar o aconselhamento de Hall (2009): “A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de ‘pertencimento cultural’, mas abarcar os processos mais

amplos - o jogo da semelhança e da diferença - que estão transformando a cultura no mundo inteiro.” (p.45)

Nossa expectativa é que esta pesquisa fomente novas discussões a respeito de cultura(s), identidade(s) surdas numa perspectiva linguística, social e dialógica. Que possa estimular a reflexão sobre o tema e que possa de alguma forma dar uma devolutiva à sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas.** São Paulo: Musa Editora, 2001.

ASSIS SILVA, César Augusto de. **Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade.** São Paulo: Terceiro Nome, 2012. p. 33 - 38

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013

BAKHTIN, M. M. (V.N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006. 12ª ed

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 4ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 191 - 200

CARTOLA, **O mundo é um moinho.** 1976. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/cartola/44901/>. Acesso em: 29 de agosto de 2017.

FERRAZ, Daniel de Mello; SILVA, Andréa Cotrim. Língua e Cultura em *Babel*: problematizando o Outro. In: FERRAZ, Daniel de Mello; TOMAZ, Micheline Mattedi. (orgs.) **Línguas, c(C)ultura(s) e educação linguística.** 1ª ed. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 223 - 242.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Organização Liv Sovik; tradução Adelaine La Guardia Resende ... [et al.]. 1ª edição atualizada. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 2009.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. - Rio de Janeiro: DP&A, 2011. p. 7 - 23.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Cap. 3. p. 103 - 133

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. **Plurilingualism and Critical Literacies in the Teaching of English in Higher Education.** Sino-US English Teaching, ISSN 1539-8072. November 2014, Vol. 11, No. 11, 797-811

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita. (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 253 - 276

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002. p. 1-16.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos**. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 48, junho de 1997. p. 11 - 32.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense 2006 - Coleção primeiros passos, 110.

SILVA, Vilmar. Educação de Surdos: Uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, Ronice Müller de. (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ. Arara Azul, 2006. p. 14 - 37

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

TAYLOR, Charles. A ética da autenticidade. Tradução de Talyta Carvalho. - São Paulo: É Realizações, 2011. p. 51 - 61

VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa. **Traduções e marcas culturais dos surdos capixabas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história**. 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

ANEXOS

ROTEIRO 1

1) Conte-me a sua trajetória:

- Você nasceu surdo(a) ou ficou surdo(a) depois?;
- Família ouvinte ou surda?;
- Você aprendeu Libras como?;
- Como foi o seu primeiro contato com Libras?;
- Como você descobriu, percebeu que era surdo(a)?

2) Ensino:

- Como foi seu período escolar? Método oralista? Inclusão? Teve intérprete?;
- Fez faculdade?;
- Teve professor surdo? Como foi, ou é, a sua relação com ele?;
- E com os professores ouvintes. Como foi, ou é, a sua relação com eles?;
- Os professores ouvintes que deram, ou dão, aula pra você sabem Libras?

3) Trabalho:

- Qual a sua ocupação? Trabalha atualmente?;
- No seu serviço tem mais surdos além de você?;
- No seu serviço tem pessoas que sabem Libras? Colegas, gestores?;
- Há intérpretes de Libras no seu serviço?
- Como você recebe as informações nas reuniões ou eventos?

4) Relacionamento:

- Você é casado(a)? Tem filhos(as)?;
- Seu marido, esposa, companheiro(a), ou namorado(a) é surdo ou ouvinte?;
- Se for ouvinte, como é a comunicação entre vocês?;
- Como se conheceram?;
- Se tem filhos, são surdos ou ouvintes? Como funciona a comunicação entre vocês?;
- Se for solteiro, já namorou? Com surdo ou ouvinte?;

- Você acha sua família barulhenta ou quieta?
- Você prefere namorar ou casar com surdo ou ouvinte?

5) Religião:

- Você pertence a alguma instituição religiosa? Já pertenceu?;
- Lá nessa igreja tem outro surdos? Tem intérprete?;
- A pregação é feita em Libras ou é interpretada do português para Libras?;
- Vocês cantam louvor? Em caso positivo, como é feito?

6) Música:

- Qual a sua relação com a música? Gosta ou não gosta, por quê?;
- Como foi seu primeiro contato com a música?;
- Como você sente a música?
- Você já fez, ou faz, apresentação de música em Libras? Como você se sente?
- Quando você vê alguém interpretar uma música em Libras, como você se sente?

7) Associação:

- Você participa da associação dos surdos?;
- Quais lugares vocês costumam ir?;
- O que costumam fazer?;
- Como se sente quando estão todos juntos na associação?

8) Lazer:

- Qual lazer você gosta de fazer? Sozinho ou com amigos?

9) Identidade:

- Qual a sua identidade? Você se identifica como?

10) Literatura surda:

- Você já leu ou viu vídeo em Libras que a pessoa conta um clássico da história infantil e faz adaptação para surdo? Ex: História Cinderela original e história Cinderela surda. O que você sente em relação a isso?;
- Se sente representado nessas versões incluindo surdos?

11) Tecnologia:

- Quais tipos de tecnologia acessível você usa: celular, aplicativo, VPAD, TDD?;
- Nos locais onde frequenta tem acessibilidade? Trabalho, escola, igreja, associação?

12) Preconceito:

- Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser surdo?;
- Se você for surdo oralizado, você já sofreu preconceito por outro surdo?

13) Aparelho:

- Você usa ou já usou aparelho auditivo?;
- O que acha de quem usa?;
- Você é a favor do implante coclear, sim ou não?;
- Teria coragem de fazer essa cirurgia para o implante?;
- Se você é implantado, continua usando o aparelho, sim ou não? Por quê?

ROTEIRO 2

1) Trajetória:

- Como foi seu primeiro contato com surdo? Tem surdos na família?;
- Como aprendeu Libras?

2) Trabalho:

- Qual a sua ocupação? Já atuou, ou atua, como intérprete de Libras?;
- Em caso afirmativo, há quanto tempo? Como foi sua formação? Ainda está se formando?

3) Relacionamento:

- Você é casado(a) ou namora uma pessoa surda? ;
- Em caso negativo, o que pensa a respeito? Surdos e ouvintes se relacionarem;
- Tem filhos surdos? Como é a comunicação e a relação com eles?

4) Religião:

- Você pertence a alguma instituição religiosa?;
- Em caso afirmativo, surdos congregam na sua igreja?;
- As celebrações são feitas em Libras?;
- Há coral em Libras, como são feitos os louvores?

5) Música:

- O que você acha das interpretações de música em Libras?;
- A música é para os surdos?;
- Em caso afirmativo, quais estratégias você usaria para aproximar a música dos surdos.

6) Associação:

- Você participa na associação dos surdos?;
- Como é sua participação na comunidade surda?

7) Identidade:

- Como você imagina a identidade surda? O que vem a sua mente com esse termo identidade surda?

8) Preconceito:

- Você já sofreu preconceito por parte de algum surdo? Ou por estar associado com eles?

9) Aparelhos:

- O que você acha do surdo usar aparelho auditivo, ou implante coclear?

10) O que acha de afirmações como:

- As melhores pessoas para ensinarem Libras são os surdos, o que pensa a respeito?

TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO MOV08B EM 01/08/2017

Entrevistado: A1

Entrevistadora: A

Tempo de duração: 00:41:18

A1: Você faz as perguntas em Libras sentada aqui em frente, tá bom? Porque eu não preciso ficar olhando o tempo todo pra folha e pra frente, assim fica mais rápido para responder.

A: Tudo bem, ok. Eu fiz esse roteiro, você leu, se você quiser responder. Se não quiser não tem problema. De acordo com o termo de consentimento que você assinou. Se você não quiser responder uma pergunta, achar que é um assunto particular, ok, eu vou respeitar.

A1: Não, tudo bem.

A: Eu achei melhor fazer um roteiro porque achei mais fácil porque a nossa entrevista vai ser como uma conversa, um bate-papo, mas com temas. Fica mais fácil para contemplar esses pontos. Por isso eu queria agradecer por ter aceitado o convite de ser entrevistado para a minha defesa, muito obrigada! Vamos começar? Eu gostaria que você me contasse como foi sua trajetória: seu nascimento; sua família é ouvinte ou surda? E como você nasceu: ouvinte ou surdo? Como foi?

A1: Eu nasci surdo. Minha mãe teve rubéola e não sabia que estava doente, foi ao médico e melhorou. Passou o tempo teve o parto normal. Depois de um ano minha mãe percebeu algo estranho, eu era muito calado. Ela me comparava com minha irmã mais velha.

A: Ela foi a primeira filha e você o segundo?

A1: Sim, eu sou o mais novo. Ela novinha era muito atenta, percebia os sons. E eu era um bebê muito calado. As pessoas conversavam e eu não prestava atenção. Então, minha mãe achou estranho mas resolveu esperar pra ver se eu desenvolvia essa habilidade porque cada bebê se desenvolve de um jeito. Isso minha mãe me falou. Passou mais um tempo, conversaram e decidiram observar conforme eu crescesse. Batiam palma e eu não sentia o barulho, pensavam que deveriam esperar mais um pouco pois o aprendizado, o desenvolvimento é diferente. Esperaram até eu completar um ano e meio, continuaram estranhando. Chamaram meu tio, ele era professor aqui na Ufes, pra ficar me observando e ele sugeriu que aguardassem até eu completar dois anos. E continuaram achando estranho pois batiam palma, a vassoura caía no chão, fazia barulho e eu não olhava. Só se sinalizasse na minha frente, passassem uma mão na frente do meu rosto, eu olhava. E eu era sempre quieto. Por exemplo, piano, um barulho de colher na tampa da panela, não ouvia nada. Aí decidiram me levar no médico. E na época não tinha médico especialista em Vitória e região, na área de fonoaudiologia, só lá no Rio de Janeiro.

A: S3rio?

A1: Sim, h3 muito tempo n3o tinha. S3 no Rio. Ent3o, n3s fomos eu e meus pais.

A: Viajaram?

A1: Sim, viajamos pro Rio, fiz exames e descobriram que eu era surdo. E a3 meus pais perguntaram como eu iria frequentar a escola. E informaram que em Vit3ria tinha escola para surdos, com treino fonoaudiol3gico, que seria bom pro meu desenvolvimento. Voltamos a Vit3ria e fizeram a minha inscri3o nessa escola quando eu tinha 3 anos.

A: Legal! Mas esse lugar que voc4 foi no Rio era no INES ou voc4s foram em outro lugar?

A1: N3o, Vit3ria mesmo.

A: N3o, quando voc4 viajou para o Rio para exame m3dico, foi em outro lugar ent3o.

A1: N3o, foi em outro lugar.

A: Entendi.

A1: Eu n3o morava no Rio, n3o tinha como frequentar o INES.

A: Sim, l3 no INES era um sistema de internato e voc4 era de 1980, por a3, j3 n3o era esse sistema mais. E aqui em Vit3ria voc4 come3ou.

A1: Eu nasci em 1981

A: L3 no INES j3 tinha acabado o internato, entendi.

A1: Em 1984 eu comecei na Escola Oral Auditiva.

A: Ah, j3 tinha mais ou menos 3 anos.

A1: Sim, tinha 3 anos.

A: Entendi. A3 voc4 come3ou a frequentar a Escola Oral Auditiva com tr4s anos. E nesse primeiro momento voc4 aprendeu Libras?

A1: N3o, era oraliza3o. S3 treino oral dos tr4s at4 os cinco, quando eu tinha uns seis anos um surdo me puxou at4 o banheiro e me disse que eu era surdo. E a3 ele sinalizou pra mim, fez o sinal de SURDO, eu nem sabia o que era esse sinal SURDO, nem sabia que eu era surdo. Eu achava que todo mundo era igual e que n3o escutavam como eu. Fazia o treinamento fonoaudiol3gico, achavam que eu ia escutar, mas eu era inocente, n3o tinha informa3o, n3o sabia das regras, eu era uma crian3a. Era um sentimento diferente.

A: Parecia natural.

A1: É... Foi muito estranho, eu não sabia o que era surdo. Sinalizaram que eu era surdo: *_ Mas o que é esse sinal SURDO? _ Não ouve nada, pessoa lá nasceu não era surdo, o seu ouvido quebrou (estragou) e o dele não.* Eu vi isso, pensei: meu ouvido quebrou? Aí eu passei a ter mais contato com os surdos, eles sinalizavam bastante comigo. No ônibus, na van, em todos os lugares, tínhamos muito contato, sinalizávamos bastante. Me ensinaram os sinais e o alfabeto manual. Soletravam os nomes das coisas com alfabeto manual, aí eu via uma palavra e soletrava em Libras. Os professores não aceitavam Libras. Eu comecei a aprender Libras com seis, sete anos. Aos cinco, seis eu comecei a abrir minha mente. Com seis, sete comecei a sinalizar.

A: Entendi, os surdos mais velhos começaram a te ensinar

A1: Sim, no banheiro

A: De forma escondida pra ninguém ver.

A1: Porque não aceitavam Libras lá.

A: Porque os professores não aceitavam, eu lembro.

A1: Porque eles queriam que falássemos a mesma língua que é a deles, dos ouvintes. Que respeitássemos a língua que era usada na escola.

A: Era o método do passado né. Então, daí a pergunta, como você descobriu que era surdo, foi quando os surdos mais velhos te ensinaram que você era surdo que então você descobriu! Muito engraçado!

A1: Eu não sabia. Eu comecei a observar que aquela pessoa ali tem um ouvido “quebrado” igual o meu. Nossas informações e regras eram as mesmas. E a minha mãe não, ela ouve bem, o ouvido dela não quebrou não. Ah, Isso significa ser surdo! Mas se alguém me dissesse que eu era surdo eu não sabia, pois não sabia o que significava esse sinal SURDO, eu era criança. Eu nasci com ouvido quebrado, minha mãe não.

A: Você fez uma comparação.

A1: Sim, uma comparação.

A: Depois que você começou a aprender os sinais, você usava os sinais lá na sua casa com a sua família ou continuou a oralizar com eles?

A1: Não, não usávamos sinais. Só falando e apontando as coisas. Eram gestos caseiros, mas não eram sinais de verdade. Eles não sabem Libras, só pronunciam oralmente mesmo. Porque na escola da Álpia, professora do treinamento fonoaudiológico, ela aconselhava as famílias para continuarem falando que seria melhor para desenvolver a fala. Podia falar pouca coisa, mas não precisava falar muito de uma vez, ou seja, era pra falar devagar. Repetir: *_ Não, não...* então, só usava gestos e falando um pouco.

A: (Sobre a professora Álpia) Ela influenciou a família, entendi. Muito bem, a primeira pergunta já foi, agora o segunda pergunta com o tema ensino, como foi sua educação básica, quando começou?

A1: Eu comecei a estudar primeiro na Escola Oral e Auditiva e repetia as séries da seguinte forma: Fiz pré-1 duas vezes, pré-2 duas vezes, primeira série duas vezes, segunda série duas vezes. Entendeu? Repetia a mesma série no ano seguinte.

A: Por exemplo, não era metade. Você fazia a primeira série e no ano seguinte fazia a primeira série de novo?

A1: Sim, no período de dois anos.

A: Não era dividido em seis meses não, era de ano em ano, somava dava dois anos?

A1: Era em dois anos. O pré-1 em dois anos, pré-2 em dois anos, primeira série em dois anos e assim por diante. Quando eu estava com quinze anos eu terminei a quarta série e fui estudar numa escola inclusiva.

A: Entendi, você foi para a escola inclusiva com quinze anos.

A1: A escola inclusiva era pública, do governo estadual, mas a escola vivia em greve. Estava ficando ruim, daí minha mãe me pegou e me matriculou numa escola particular e eu repeti a quinta série. A escola aceitou fazer inclusão para surdo, já tinha uma lei recente a respeito e eles aceitaram.

A: Eu lembro desse período, tinha muita greve mesmo. Eu sou da mesma época

A1: Sim, era bem difícil, daí mudei de escola e desenvolvi. A experiência foi boa, mas não tinha intérprete. Da quinta série à oitava série, eu não sabia nada! A minha mãe me ensinava em casa. Na sala de aula, o professor escrevia o conteúdo resumidamente.

A: Um resumo

A1: O professor ministrava a aula dele, explicava o conteúdo normal para os ouvintes, passava atividade para turma e depois ele vinha pra me dar atenção. Explicava resumidamente, mostrava a tarefa que era pra ser feita e dava um prazo de um dia ou uma semana para entregar. E no dia seguinte o professor repetia o mesmo procedimento com os alunos em geral que eram ouvintes e me dava um texto resumido e pedia pra realizar a atividade e entregar depois.

A: O professor era legal?

A1: Sempre fazia isso, mas era diferente do que ele passava pra turma. Era confuso.

A: O professor fazia adaptações?

A1: Isso, adaptava. Mandava tarefa para casa, texto com leitura, pouca coisa pra fazer ele me dava e eu ia respondendo. E nós fomos fazendo dessa forma. Mas com os demais era diferente, eles faziam na hora, e o meu era pra casa. Minha mãe me

ajudava, fazia algumas correções, e foi assim até a oitava série. Quando terminei, eu fui pra outra escola inclusiva que aceitava aluno surdo, agora para fazer o ensino médio com técnico em informática. Era ensino profissional, durava três anos. Eles aceitaram aluno surdo e a mesma situação se repetiu. O professor dava o conteúdo para a turma e resumia pra mim. Mas o curso técnico de informática era muito difícil. Era o mesmo que um professor de uma faculdade, a fala era igual. O professor era um ex-colega da minha irmã na faculdade. Ele era formado em administração e dava aula no curso técnico em informática e era o meu professor.

A: Usava termos pesados (específicos) da área de informática.

A1: Eu ficava assim, tentando, ele persistia que eu lesse em inglês. E eu já havia estudado inglês da quinta à oitava série, e no ensino médio continuei estudando. E os textos da área de informática eram todos em inglês, não tinha textos em português. Era inglês. Eles usavam muito a lógica, programas para desenvolver. Parecia que para realizar determinada função era necessário ter uma programação antes. Era muita coisa. Não era só anexar coisas aleatoriamente, era necessário escrever umas fórmulas que você organizava, estruturava, em inglês aparecia com números e letras que organizadas numa lógica funcionava. Era necessária muita leitura e isso estava sendo muito difícil. Precisava acostumar a ler. O professor me ensinava, mas também resumidamente. Eu lia em casa, treinava, treinava no computador, fazia os ajustes. Na sala de aula ele vinha sentava ao meu lado, depois acompanhava outro aluno, depois voltava a sentar ao meu lado, sempre assim. E no terceiro ano eu não conseguia entender Sociologia e Filosofia. Eram as disciplinas mais difíceis porque não conseguia interagir. Não conhecia entender aqueles termos. Eu nunca tinha estudado Sociologia antes. Os outros conheciam e eu não, eu sou surdo.

A: Mas eu acho que para os ouvintes é difícil também porque faz pensar, são conceitos e terminologias pesados.

A1: Filosofia eu também não conhecia lei, política. O professor queria saber a minha opinião, saber o que achava, mas como eu sou surdo. O professor me dava nota zero, nas apresentações nota zero. Eu não sabia, não sabia opinar. Não era apenas responder copiando do texto, ou pra encontrar no texto, ele queria saber a minha opinião, o raciocínio sobre aquilo, o que achávamos a respeito. E eu não sabia. Preocupado o professor foi procurar a pedagoga pedindo uma orientação pois eu estava tirando nota zero e nas apresentações também, como eles poderiam me ajudar. Foi quando a pedagoga lembrou que me viu conversando com uma funcionária da secretaria que sabia Libras porque ela era da igreja batista de Jardim Camburi. Sabia um pouco de Libras, não era intérprete, mas sabia Libras um pouco.

A: Só pra conversar.

A1: A conversa era assim: *_ Oi, eu preciso pagar alguma coisa...* E ela sabia Libras e isso era bom! E eu voltava pra sala de aula. Foi quando a pedagoga me viu conversando com essa pessoa. Me viu sinalizando, que eu uso Libras, e me cumprimentou. Quando ela precisou ela lembrou que essa funcionária poderia servir como intérprete de Libras. A pedagoga pediu para essa funcionária interpretar pra mim e ela aceitou. E em dois meses nós refizemos as atividades, interagimos, já estava quase no fim e eu fiz a segunda chamada. Também fiz apresentação. Tudo

em Libras e escrevi um texto, foi feita correção, e assim interagindo. Na Sociologia também consegui. E aí pensei na faculdade, não sabia qual fazer. O professor me deu uma lista de cursos. Eu li e escolhi três: administração, ciência da computação e direito. E eu ficava pensando qual vestibular fazer, o da Ufes ou outra faculdade, ficava procurando, pensando. Daí eu fui na igreja batista e eu encontrei uma intérprete. Aí puxei assunto: *_ Oi você é intérprete? Estuda na Ufes? Que bom..._* Eu queria futuramente tentar vestibular pra um desses cursos: administração, ciências da computação e direito, mas como vai ser a comunicação que não ocorre? Preciso dar um telefonema, mandar um email precisa escrever português corretamente, não dá! Parece que assim não vou conseguir um emprego. Vão chamar um surdo? Deficiente? Não vão chamar. Administração é comunicação toda hora seja por telefone ou e-mail. Ciência da computação eu preciso ter acesso às informações, sempre surge novidades na área tecnológica e eu fico sem informações? No direito, a barreira linguística com o ouvinte. Seja um caso de separação, como eu vou falar com o juiz? Intérprete naquele tempo não tinha, isso foi antes, como eu ia fazer? Fiquei pensando, era difícil. Aí eu pedi a opinião da intérprete e ela me sugeriu que eu fosse professor de Libras, dar aula para ouvintes, que eu receberia salário e não precisaria me preocupar com essa parte administrativa de fazer ligações, mandar e-mails, e etc... só ensinar Libras e escrever, assim como um professor de história, geografia. Ela sugeriu: *_ Melhor pra você é pedagogia. Você quer ir junto comigo na prefeitura de Vitória visitar?_* Eu respondi: *_ Mas, eu nunca... será que vão permitir? Eu não trabalho..._* *_ Não você pode atuar como se fosse um estágio simples, como voluntário. Eu vou pedir autorização da diretora.* Houve a autorização, eu fui, fiquei observando mas não sabia o que fazer. Ela atuava como professora de Libras e me mostrou como eu poderia fazer. Eu fui vendo como ela fazia e eu fui absorvendo aquilo ali e quando foi a minha vez eu fiz do meu jeito, adaptando a maneira como ela fazia, e fui seguindo o plano de aula dela. Daí eu gostei, fui acostumando. Depois de uns seis meses eu fui fazer vestibular, fui tentar. Primeiro tentei me comunicar, escrevi... no começo eu estudava na Faesa, ah! Faesa não! Não pode colocar isso! Eu estudava numa faculdade particular, eu estava fazendo Pedagogia, e não tinha intérprete. Os conteúdos eram reduzidos. Foi difícil! Demorou um ano e eu ficava solicitando intérprete até que eu processei a faculdade, mas eles se recusavam. Aí eu resolvi fazer uma prova, lembra aquela minha amiga da Ufes, intérprete? Eu perguntei a ela: *_ Lá na Ufes tem intérprete?_* Ela me respondeu: *_ Saiu uma lei nova há pouco tempo garantindo intérprete, então aceita intérprete, mas naquela outra não vai aceitar não.* Aí eu decidi tentar uma prova para transferir do curso de pedagogia. Fiz a prova e depois de um mês me avisaram me dando os parabéns que eu havia passado. Eu nem acreditei! Fiquei na dúvida, será que passei mesmo? Ligaram pra minha mãe e ela me avisou por torpedo. Eu estava trabalhando numa escola particular da Praia do Canto. Quando eu recebi o torpedo eu não acreditei! Voltei correndo pra casa pra perguntar a minha mãe o que havia acontecido. Ela me disse que ligaram avisando que eu passei na Ufes que eu poderia fazer a transferência para o curso de pedagogia. Aí eu fui rápido na Faesa trancar o curso e não paguei mais. Me desculpei com eles mas não tinha intérprete, eu vou mudar pra outra que tem. Aí eles disseram: *_ Não, não, nós vamos providenciar intérprete..._* Mas, não quis mais, sinto muito. Pedi o currículo, o histórico, a grade curricular, levei tudo e entreguei na Ufes. Depois começaram as aulas de pedagogia na Ufes, mas não tinha intérprete. Eu comecei a reclamar, fiquei uns três meses reclamando até que eu disse: *_ Se não contratarem um intérprete eu vou chamar a reportagem: TV... aquele do canal 7?*

A: SBT

A1: Isso, SBT... eu chamo o jornal A Tribuna, A Gazeta, tanto faz, eu vou denunciar. Também abro um processo no Ministério público. Daí a mulher ficou preocupada com o meu atrevimento e me respondeu: *_ Olha, eu vou ligar para o MEC e vou procurar me informar como proceder pois eu não sei como solicitar intérprete porque não tínhamos esse pedido antes, você é o primeiro a pedir.* Eu respondi: *_ Não tem problema, Faça!* Aí ela me pediu um prazo de uma semana, daí eu respondi: *_ Tudo bem, eu espero.* E eles conseguiram três bolsistas voluntários. Primeiro eles vieram como voluntários depois conseguiram bolsa. E assim foi minha trajetória até chegar no Letras Libras, fiz mestrado em educação e lá tinha intérprete de Libras, tudo certinho.

A: Parabéns! Muito bom, ótimo! Podemos dar uma pequena pausa.

A1: Sim.

Ambos mexem no celular

A1: Eu também recebi mensagem aqui

A: É... Agora sobre seu trabalho, está trabalhando atualmente?

A1: Assim que eu terminei o ensino médio eu comecei a estagiar como intérprete. Eu não era instrutor não, eu era intérprete!

A: Você intérprete?

A1: Sim! Me pediram para eu ser tradutor intérprete, mas não era pra ouvir e traduzir a aula, mas para fazer as traduções de livros e interagir com o aluno, só. Aceitei, ganhava pouco, porque era um estágio numa escola particular na Praia do Canto. E eu aceitei. Tinha dois alunos surdos. Eu ensinava, traduzia os materiais, fazia versões, porque a experiência que eu tive como voluntário pela prefeitura de Vitória como instrutor de surdos me ajudou, aquela experiência que a intérprete me convidou para ver se eu gostaria de fazer o curso de pedagogia. Foi quando eu comecei a receber salário. Meu primeiro salário foi em 2004... 2004?... Sim, como instrutor na Saberes, lá eu trabalhei como instrutor de Libras, ensinando sinais, mas antes eu fazia o estágio como intérprete fazendo as versões.

A: Foi no primeiro momento, depois você se tornou instrutor de Libras...

A1: Não, desculpa! Foi o contrário. Eu fui instrutor em 2004, e depois eu fui intérprete na escola. Tá certo, foi o contrário, desculpa!

A: Hoje você trabalha aqui na Ufes, tem ...

A1: Não, eu estava na Saberes, depois trabalhei um tempo como instrutor pra Sedu. Depois fui... tentar o mestrado porque eu estava um tempo atuando como professor substituto num curso de pedagogia e eu gostava muito! Era diferente da experiência na Sedu, porque tinha mais explanação, teoria e eu gostava mais! Achava interessante. Daí eu fiz mestrado, conclui, tentei concurso, passei para a vaga de

Alegre e pedi transferência pra cá, iniciou o curso Letras Libras e estou aqui até hoje.

A: Ótimo, que bom! Aqui tem estrutura...

A1: Já sou efetivo já!

A: Efetivou?! Ótimo! Porque eu vou te perguntar, aqui você conquistou algumas coisas, lutou, e conseguiu uma estrutura porque temos aqui uma equipe de intérpretes que acompanham o curso Letras Libras e te acompanham para reuniões ou qualquer outro assunto que apareça que isso é diferente dos outros casos de surdos que começam a trabalhar mas não tem intérprete. Se tiver alguma reunião, palestra ou outra coisa eles perdem a informação.

A1: Quando eu fiz o concurso já haviam alguns intérpretes atuando aqui. Foram vindo mais conforme foram tendo informações daqui. Eu cheguei depois, vim para o Departamento de Línguas e Letras e já tinham intérpretes no departamento, só isso. Não houve problema nenhum.

A: Ok, beleza.

A1: Mas antes já haviam intérpretes aqui, não estavam sem.

A: Ah, entendi.

A1: Você entrou quando?

A: 2014

A1: 2014? Em que mês?

A: Janeiro.

A1: Então, eu entrei em março!

A: Parece que foi ao mesmo tempo!

A1: Eu entrei dois meses depois! Então, você conseguiu como intérprete.

A: Verdade! Obrigada! A quarta pergunta é sobre família, relacionamento amoroso, você é casado, se tem filho ou não tem. Essa é minha pergunta, se você namora ou é casado, ou mora junto com alguém, se essa pessoa é ouvinte ou surda? E se tem filhos.

A1: Eu já namorei muito, e recentemente eu divorciei, porque realmente eu cheguei a casar numa união estável homo afetiva. Nós nos casamos mas acabamos divorciando e não tenho filho.

A: E ele era ouvinte? Surdo?

A1: Ele era ouvinte.

A: E você já namorou surdos, ouvintes, pra você essa escolha é livre?

A1: Sim, tanto faz. Escolho livremente. Esse meu ex é intérprete.

A: E como era a sua comunicação com os ouvintes, porque seu ex sabe Libras e os outros ouvintes, sabiam Libras também?

A1: Já aconteceu de eu namorar ouvinte que não sabia Libras, que não tinham vontade de aprender e a comunicação era difícil porque eu não dominava bem esse uso em duas línguas, achei que não estava legal oralizando, essa é a minha opinião, eu prefiro usar a minha língua, eu gosto mais de Libras. Mas falar..., eu não escuto, como a comunicação vai avançar? Eu não sou implantado. Eu não uso aparelho auditivo. Alguns usam, mas é limitado ouvir o falar. E eu sou surdo.

A: Aí vocês começaram a namorar e terminaram?

A1: É, terminamos. Com o surdo é bom, mas às vezes não combina o modo de pensar, o grau de escolaridade diferente. Porque eu já tenho ensino superior e às vezes não dá pra interagir.

A: Pois é, porque varia de pessoa pra pessoa

A1: Se nós tivermos o mesmo pensamento. Por exemplo, meu último relacionamento foi com um intérprete. Nós nos relacionávamos bem porque tínhamos o mesmo pensamento. Pensávamos em relação aos surdos, aos intérpretes, enfim... nossa comunicação era boa. Nos casamos e agora separamos, infelizmente.

A: Ah, isso acontece!

A1: É, acontece!

A: Você acha que a sua família é barulhenta ou quieta? Como?

A1: Eu acho minha família quieta.

A: Porque às vezes as pessoas falam: *_ Família de surdo é barulhenta ou a família de surdo é quieta.*

A1: Mas o meu perfil é quieto, calmo.

A: É, o seu perfil é calmo.

A1: Já aconteceu, por exemplo, da minha mãe sair e eu estar sozinho em casa no quarto, no segundo andar, e eu conseguia ouvir o assobio da minha irmã lá fora, um assobio alto, daí eu olhei pela janela e a vi. Agora o som da campainha varia de volume porque se na cozinha as portas e janelas estiverem fechadas o som da campainha é alto. Se estiverem abertas, o som se mistura com ambiente externo. Por exemplo, minha mãe está cozinhando e ela pede pra me chamar. Aí minha irmã assobia bem alto que chega lá no meu quarto. Eu escuto e já desço rapidinho!

A: Sua mãe?

A1: Não minha irmã, minha irmã que assobia. Minha mãe pede pra minha irmã me chamar pra almoçar e daí ela assobia!

A: Que engraçado!

A1: Também já aconteceu de eu estar sozinho em casa e minha irmã estar sem chave. Daí ela apertava a campainha, mas nem sempre eu ouço a campainha por conta do volume, às vezes parece baixo, às vezes parece alto, então depende. Aí minha irmã jogava pedra pela janela, e eu vi a pedra entrar no quarto, eu sabia que era minha irmã. Então, essas coisas aconteciam.

A: Você prefere namorar surdo ou ouvinte?

A1: Os dois

A: Os dois?

A1: Os dois!

A: Você se sente livre pra escolher! Legal!

A1: Mas precisa ser alguém que pense igual a você. Não comparando alguém como superior ou inferior, mas com a mesma mentalidade.

A: Agora sobre religião. Você frequenta ou frequentou alguma igreja? Nessa igreja o culto tinha intérprete ou era realizado direto em Libras?

A1: Antes eu frequentava a igreja luterana e lá não tinha intérprete. Eu era luterano porque a minha família é de origem alemã. Depois eu passei a frequentar a congregação de surdos na igreja batista e lá tinha intérprete e até hoje tem. Porém eu hoje não frequento mais a igreja, sou ateu.

A: Ok, mas lembrando o tempo que você frequentou a igreja batista, lá se utiliza Libras, você cantava louvores em Libras? Como você se sentia?

A1: Já, já cantei louvor na igreja batista. A tradução tem teor religioso, era normal.

A: E você gosta de música?

A1: Gosto! Mas não é aquela música que vem do aparelho de som, da caixa de som ou do fone de ouvido porque eu sou surdo, não me dá desejo de escutar. Mas, sim a vibração, a batida da música combina com o surdo. Mas na música não dá pra perceber as palavras, então essa parte não combina com os surdos.

A: Como foi o seu primeiro contato com a música? Lembra?

A1: Eu lembro da boate que eu ouvi um som bem forte, diferente. E também me lembro dos treinos fonoaudiológicos que eu ouvia alguns sons, mas não era a música, mas era uns sons que eu sentia. E há pouco tempo eu peguei o fone de ouvido da minha irmã. No fone eu percebia a variação do som, mas não conseguia identificar as palavras. Eu sentia o piano, a percussão, violão, harpa, são tipos diferentes que dá pra sentir, eu consigo ouvir, mas as palavras não.

A: Entendi. Como você sente a música? É um silêncio, é normal, ou emocionante?

A1: Não sinto.

A: Por exemplo, se você estiver sinalizando uma música, ou você vê alguém sinalizando uma música. Você se sente como?

A1: Depende. Na minha opinião, na igreja eu sinto a música como se ela fosse fria. Já na boate você sente a vibração da música, aí é bom. Mas na igreja não se pode colocar músicas tão vibrantes, pode assustar, não combina!

A: É, não se aplica ao contexto religioso

A1: É, não é esse contexto. Se fizerem uma interpretação musical bem vibrante, energética, aí dá pra sentir num instante, toca lá e nós sentimos aqui. Agora criaram uma nova tecnologia que você veste uma roupa que você sente a música. Eu nunca experimentei. Talvez seja melhor com essa tecnologia, não sei? Parece que no Rio já tem.

A: E se alguém estiver sinalizando uma música, você sente como? Gosta ou não gosta?

A1: Às vezes o contexto é bom, mas não sente a modulação. Dá pra entender o significado, mas é necessário acompanhar o tom da música. A pessoa que está sinalizando precisa acompanhar com as expressões faciais. Uma música forte, expressões mais vigorosas. Uma música suave, expressões suaves.

A: Hoje você participa da associação de surdos?

A1: Não. Sou associado somente a Adufes!

A: Então você não participa dos encontros e dos lugares em que a associação costuma fazer, ok. Mas, como é o seu lazer? O que você costuma fazer? Passeios, diversão, etc...

A1: Eu costumo ir à shoppings, praças, viagens, arrumo e cuido da minha casa.

A: Viajar, você gosta muito de viajar!

A1: Sim, nos interiores, nos estados. Às vezes algumas viagens internacionais, dependendo do câmbio. Mas eu tenho viajado mais pelo Brasil mesmo.

A: Certo. E a sua identidade? Como você se identifica?

A1: Minha identidade... parece ser de surdo mesmo, mas antes eu não sabia, eu era uma criança. Conforme eu fui crescendo eu fui percebendo que ser surdo é diferente. Eu sou diferente, sou deficiente. Mas não deficiente como uma doença, mas como uma classificação médica, pela falta de audição, eu não escuto. (ouvido quebrou). Mas eu comecei a reconhecer que tenho valor, que tenho uma língua de sinais que forma a minha identidade. Eu tenho interesse, gosto de aprender outras línguas de sinais como a ASL, de interagir com outros surdos, e aí eu consegui transformar a minha identidade. No passado eu não sabia de nada, só oralizava e a

minha identidade parecia ser indefinida. Comigo foi diferente. Se eu ouvisse, ou fosse implantado, eu poderia ter uma identidade híbrida. E comigo não foi assim, foi diferente. Eu fui acostumado a estar junto com os outros surdos na escola Oral e Auditiva e tive a influência deles. Antigamente eu frequentava a associação de surdos, depois ela parou, mas parece que agora estão retomando as atividades na associação.

A: Agora vou te fazer uma pergunta sobre literatura. Literatura surda. Aquelas histórias dos livros que são adaptadas, por exemplo, Cinderela do sapato de cristal?

A1: Sim, do sapato de cristal.

A: E na versão dos surdos, a marca registrada da Cinderela surda é o uso das luvas e não dos sapatos. O que você acha dessas versões, se identifica? Acha legal, interessante ou é indiferente?

A1: Essa literatura ela não é surda. Literatura surda seria uma história cômica, ou de suspense com sustos, ou instigantes, ou algo interessante, legal, diferente. E essa história é ficção, um mito, da história clássica da literatura e fizeram uma adaptação, uma tradução para Libras. Mas essa história (da Cinderela) não é originalmente em Libras, mas é um mito, um clássico da literatura europeia. Então, não foi uma história produzido por surdos, mas sim pelos europeus.

A: Ok, mas se a personagem da história original é ouvinte, daí tiram ela e colocam uma personagem surda, muda a história e a trajetória passa a ser de uma surda, você acha que ganha mais representatividade para os surdos? Representa os surdos ou não?

A1: A língua de sinais sim representa os surdos, mas a história literária não. Porque é um clássico. Essa tradução nos traz animação, nos diverte, é um entretenimento.

A: É lúdico.

A1: É, Isso é uma linguagem.

A: Desenvolve a linguagem.

A1: Sim, desenvolve língua, estruturas linguísticas e isso desenvolve a mente, a língua. Nós podemos dividir a essa área da língua em grupos: literatura, tem vários outros, notícias, literatura, jornal, revista, humor...

A: São tipos diferentes

A1: São tipos diferentes de linguagem. Mas essas histórias da Rapunzel, da Cinderela, foram os surdos que inventaram? Não, foram os europeus. E essas histórias são da cultura brasileira?

A: Não, são todas versões.

A1: A Cinderela foi criação da cultura brasileira? Com castelo? Não, isso é influência europeia.

A: Da Europa, isso mesmo. E sobre tecnologia, qual você costuma usar? Celular? Aplicativos? TDD? VPAD?

A1: Sim, eu uso celular, computador, mensagens, Whatsapp, MSN. Antigamente eu só usava MSN. Agora uso vários outros. Na minha casa eu utilizo um dispositivo de alerta visual que acende e apaga como um flash, acopla no celular e fica fixo na parede. Não é conectado diretamente à lâmpada.

A: Ah, eu ia te perguntar sobre isso (sobre a casa). Mas o VPAD você não usa?

A1: Não, eu não tenho VPAD.

A: Beleza. Na sua casa você fez uma adaptação. Mas no trabalho, ou outros lugares como escola, tem adaptação para surdos?

A1: Não tem.

A: Alguma videoconferência? Nada?

A1: O que a gente usa na sala de aula são tecnologias utilizadas pela população em geral como data show, uso de slides, mas algo realmente adaptado como alerta visual e VPAD nós não temos. No DLL (Departamento de Línguas e Letras) não tem nada disso, infelizmente.

A: E você já sofreu preconceito por ser surdo? Alguém já te desprezou?

A1: Sim, porque antigamente as pessoas não conheciam a língua dos surdos. Nunca tiveram esse contato com a língua de sinais, nos encaravam como deficientes, daí não se importavam. E as pessoas me encaravam como um outro, não da comunidade surda e nem da comunidade ouvinte, mas sim como deficiente. E a reação das pessoas era me deixar de lado, como se largassem pra lá, ele não fala, ele não ouve. E eu ficava muito sentido pensando qual é o meu lugar? Aí eu resolvi conviver com os surdos e usar a língua de sinais, porque com a língua de sinais me dá liberdade, eu consigo produzir, consigo me expressar. E aquelas pessoas que me rejeitaram, deixa pra lá, desprezo elas também. Se não fosse a Libras eu seria hoje uma pessoa transtornada. Então não quero isso.

A: Dessa forma então você não oraliza, só usa língua de sinais.

A1: No passado eu oralizava, agora não, uso língua de sinais e oralizo só com minha mãe.

A: Mas algum surdo já te repreendeu por oralizar?

A1: Não porque eu costumo oralizar só em família então nunca fui chamado a atenção por outro surdo.

A: Você já usou aparelho auditivo ou implante coclear?

A1: Sim, eu não sou implantado, mas já usei aparelho auditivo e ele era bom pra me deixar alerta. Por exemplo, em casa eu percebo o barulho do avião passando, barulho de chuva, pessoas conversando, eu consigo perceber e entender o que está

acontecendo. Só que o aparelho não é capaz de deixar nítida as palavras, mas consigo perceber os sons.

A: O aparelho ajuda a ter atenção né. Entendi, mas essa novidade do implante coclear tem se desenvolvido tecnologicamente. O que você tem achado disso?

A1: Eu acho que o implante coclear diz respeito a área médica e eu não tenho nenhum julgamento a fazer. Eu acho que é bom, mas tecnologicamente muito feio porque fica visualmente estranho os dispositivos externos na cabeça, próximo a orelha. Eu acho que futuramente eles possam produzir um dispositivo mais discreto que possa ser implantado internamente e assim vai ser maravilhoso. E aí vai ser bom, essa é a minha opinião. Mas alguns desempenhos não tem dado resultado porque alguns implantados ao invés de tentarem escutar mais, falar mais, estão preferindo manter apenas a língua de sinais, e aí não conseguem escutar porque perdem os estímulos auditivos. Porque pra ouvir é necessário a exposição aos estímulos auditivos, assim como um bebê ouvinte pra ele aprender a falar ele precisa ficar exposto as pessoas falando para que ele absorva o maior número de palavras até adquirir uma língua. Assim como um bebê surdo que é implantado logo cedo e que é exposto a esses estímulos auditivos, ele é capaz de aprender uma língua oral rapidamente. Então, isso depende muito de cada pessoa e do quanto ela se esforça. Mas eu não acho que o implante coclear é algo negativo. Algumas pessoas fazem e aceitam seguir a risca as recomendações médicas de exposição sonora e contato linguístico com uma língua oral, e aí com esforço elas conseguem. Olha lá...

Fomos interrompidos nesse momento por uma professora avisando que usaria a sala que estávamos logo em seguida que terminássemos. Avisei que estávamos terminando e continuamos a gravação.

A1: Então, o implante coclear é a respeito da área médica, do controle deles. Mas eu acho que isso não impede o uso da língua de sinais. Essa pessoa pode se tornar um bilíngue, e isso é maravilhoso! Qual problema? Se a pessoa não quer ser implantado, tudo bem, usa língua de sinais, interage com os surdos. Se é implantado e tem contato com os ouvintes, tanto faz!

A: Ou os dois!

A1: Mas fazer como antigamente, proibir um ou outro é impossível! Parece que colocaram um contra o outro. Se permanecerem assim, tentando separar um do outro, não vai ter pros surdos nem língua de sinais e nem implante coclear. E aí como vai ser? Uma bagunça. Como vão obter uma língua? O surdo não vai obter uma língua. Se o surdo desenvolver bem com a língua portuguesa, tudo bem pode ir. Se o surdo não quer ser implantado, quer usar a língua de sinais. Essas duas coisas tem que conviver em paz! O surdo pode ser bilíngue, trilíngue, multilíngue... Como que os ouvintes conseguem aprender tantas línguas? Nós podemos ser assim também! Mas são modalidades diferentes. Ah o bebezinho...

Eu estava com o meu filho na gravação e ele começa a reclamar...

A: Já está acabando filho, já está no final.

A1: Já terminou?

A: Sim, era só pra saber se você é implantado ou não, se tem coragem de fazer essa cirurgia ou não, mas você disse que o implante ainda tem muito que desenvolver tecnologicamente.

A1: Sim, eu acho que o implante coclear pode ir fazendo alguns ajustes porque hoje é visualmente feio assim como os computadores no começo eram grandes e foram se transformando até se tornarem cada vez mais finos como um laptop.

A: É as coisas vão se modernizando

A1: Assim como a internet, hoje a internet não é tão boa, mas no futuro eles poderão trocar por outra coisa que seja mais rápida. Você viu agora que lançaram a fibra óptica? Então, criaram uma outra tecnologia mais rápida que a internet atual. Assim como o implante coclear, no futuro podem criar uma outra coisa. Você lembra, é igual o aparelho auditivo, ele não é a mesma coisa que o implante coclear. Porque o aparelho é limitado, porque se a pessoa não tem as células ciliadas do ouvido o aparelho não irá funcionar corretamente. Mas, o implante conseguiu avançar nesse limite que o aparelho tem. E no futuro eles podem ainda criar algo menor, menos invasivo. É igual uma comparação com aqueles computadores de mesa enormes, foram reduzindo até ficarem fininhos como os laptops.

A: Agradeço pela sua entrevista, finalizamos meio rápido, mas foi muito bom!

A1: Agradeço a você!

A: Beijo, até mais! **A1:** Beijo!

Transcrição de áudio: Voz 14 em 03 de agosto de 2017

Entrevistados: J1 e J2

Entrevistadora: A.

Tempo de duração: 01:42:24

A: Show... já está valendo já pessoal! Então eu quero agradecer primeiramente aqui ao J2 e ao J1 por terem aceitado o meu convite de estar participando dessa entrevista né, da minha dissertação, e a gente já pode iniciar e tal, a gente não precisa combinar quem vai ser o primeiro, a gente vai conversando né. Eu preparei um roteiro, nesse roteiro aí a gente vai trabalhar assim por temas. Aí o primeiro seria a trajetória. Queria que vocês me contassem como que é a trajetória de vocês assim, vocês nasceram numa família de surdos? Ou numa família ouvinte? Como que vocês aprenderam a língua de sinais? E tal...

J1: Os mais velhos primeiro... (risos)

J2: Ok, vai o mais velho primeiro. Mais velho três meses.

J1: Então, é... o meu primeiro contato com os surdos, é... eu lembro, eu tenho marcado assim na minha mente, até por conta da minha família mesmo é, com seis anos de idade. Porque eu era mascote né, num clube de desbravadores que é tipo escoteiros né. E como eu não podia fazer todas as atividades do grupo por ser muito pequeno aí quem tomava conta de mim enquanto os maiores estavam fazendo as atividades era uma surda.

A: Ah, que legal!

J1: E aí ela que ficava comigo ali. E com ela eu aprendi né, tive o meu sinal, foi quem me deu meu sinal e tive... e aprendi o alfabeto manual. Pequeninho ali, aprendi ali com ela. E foi ali o meu primeiro contato com surdos, mas assim, conversando comigo por meio de sinais, não tinha nem noção do quê que era, a extensão de língua de sinais nem nada, minha percepção da extensão da língua de sinais eu estava com treze, doze, treze anos de idade foi quando caiu a ficha assim do quê que era a língua de sinais por conta dos meus amigos também, dos meus vizinhos que são surdos né. Três surdos que cresceram comigo, na mesma comunidade, estudaram comigo na mesma escola, na mesma sala, onde ampliou mais minha percepção com a língua de sinais. Somos amigos até hoje! Vizinhos também né, até hoje! Então eu aprendi língua de sinais com eles. Aí depois com o passar do tempo, isso foi o que... 2000, 2002 que teve um curso na Faesa, não sei se você lembra disso J2, foi uma coisa assim, foi bem antes da Casa do Cidadão, e aí um amigo meu, eu nem sabia desse curso, um amigo meu falou comigo que tinha esse curso, ele disse: *Tem um curso daquele negócio que você mexe com as mãos aí com seus amigos lá na Faesa. Por que que você não vai lá fazer?* Aí eu fui lá. Era um curso de quinze dias, então tipo, não tinha muito o que aprender porque a gente já sabia alguma coisa já, o que foi mais interessante foi o contato com outros materiais que eu não tinha contato antes né, é... de revistas, de vídeos, na época VHS, nós somos velhos né? É... e dali assim mais ainda abriu a minha mente mais ainda pra questão da língua de sinais, e foi assim que eu aprendi. Se você tem

surdos na família? Também tem a pergunta aqui na primeira né? Hoje eu tenho surdos na família sim. Tenho um primo que é surdo né, que é o esposo da B., é... mais assim como a gente não tinha muito contato, a gente foi ter contato mais mesmo, inclusive descobri que éramos primos tem o quê... uns oito anos mais ou menos. Assim, a gente sempre teve amizade, isso desde sempre, a gente sempre foi muito amigo desde a associação de surdos e tal. Mas, foi a minha tia que falou comigo. Eu disse: _ *Estou na casa de um amigo surdo*. Ela: _ *Que amigo surdo?* Falei assim: _ *O J3*; _ *Que J3 não é seu amigo não, J3 é seu primo!* (risos)

A: Aí descobriram um parentesco?

J1: Foi, foi aí que fomos descobrir um parentesco bem depois. E o meu filho mais velho, que é o filho do coração, que é o E1 né, que hoje está com dezesseis anos. E está com a gente desde os sete anos de idade. Então lá em casa nós somos bilíngues. Eu falo língua de sinais, a minha esposa também fala a língua de sinais e a nossa filhinha caçula que é a E2 está com cinco anos hoje, que também conversa com ele em língua de sinais. E é interessante que ela, tudo o que a avó vai conversar com o neto que é surdo, ela pede à E2 pra interceder, gente que comédia! (risos)

A: É uma família bilíngue mesmo né? Legal! E você J2?

J2: Você quer ir direto, ou a gente vai intercalando?

A: Não, pode ir direto

J2: Você respondeu qual?

J1: Eu respondi a primeira

J2: A primeira... então vamos lá, como foi o seu primeiro contato com o surdo? Eu acho que foi quando eu saí da...(risos)...

A: Da maternidade...

J2: ...da mesa de operação lá, quando tiram o bebê e colocam na cara da mãe? Foi ali. (risos). Foi até antes, da onde que eu vim, o ovo ou a galinha? O que vem primeiro? (risos) mais ou menos isso. Brincadeiras à parte né, meus pais são surdos. Surdos na família por parte de mãe tem dois tios em primeiro grau e também tenho primos distantes. E por parte de pai, hoje, são 11 porque por parte do meu pai é a síndrome de Waardenburg, meus tios e primos, os tios são e os primos, então somando hoje, eles estão em Salvador, por parte de pai é mais. E aqui em Vitória tem a minha mãe e meus dois tios. Então, como aprendi Libras? É...

A: Desde sempre né?

J2: Desde sempre. Aí eu fico viajando, Libras a gente fala do reconhecimento legal em 2002, antes eu aprendi o quê? Era Libras? Que língua é essa? Então, não sei. Já era Libras? Era Libras antes de saber que era Libras? Não sei. Então tipo assim,

o quê que é Libras? Se for pegar pelo marco legal o que a gente utilizava antes era o que? Era uma língua?

J1: Eles falavam que era linguagem

A: Falavam, falavam muito linguagem.

J2: Então, quer dizer, só fugindo um pouco...

A: Filosofando...

J2: Que o J1 falou: _ *A preguiça causa terremoto!* (risos) Eu quero viajar em outra parada! Quer dizer que as formigas dão o quê?

J1: Criam correntes elétricas! (risos)

J2: Então eu estou querendo viajar também, é J1 está nesse nível aí. Então é mais ou menos isso, a questão dos filhos de... que a gente é, você também, os Codas né, Como aprendeu Libras? Então, aí entra a questão do balbucio, é interessante né? Porque tipo assim, quando é bebê você aprende é Libras mesmo? Você tem seu filho, ele aprende o português primeiro ou a gente usa um outro tipo de linguagem para se comunicar e a partir dali ele desenvolve uma língua? É muito a se pensar né? Para problematizar.

A: Verdade. (risos) Beleza. E na questão do trabalho assim, qual é a sua ocupação? Isso, a número dois.

J2: Hoje eu faço mestrado em educação e estou num projeto novo com o J1, numa empresa de network marketing, de marketing de rede, atuando como intérprete de Libras. Já atuei né, minha primeira... assim, desde sempre, mas profissionalmente minha primeira ocupação...

J1: Remunerado... (risos)

J2: Remunerado...

A: Eu falo isso também

J2: Remunerado foi em 2003

A: Eu ponho esse marco também, eu falo assim: _ *Profissionalmente ano tal...*

J2: Profissionalmente 2003. Foi pela Prefeitura de Vitória, na Casa do Cidadão. Então, 2003 a gente está em 2017, são 14 anos mais ou menos. Assim que foi aprovada a lei em 2002, 2003 já contratou...

A: Legal!

J1: E é interessante assim a gente ter essa história porque a história de J2 e a minha acabam se cruzando nesse período. É, e a gente sempre junto ali trabalhando né, tanto na militância quanto profissionais, quanto alunos né.

J2: Então efetivamente como intérpretes nós fomos os primeiros né... na carteira, ali.

J1: No Espírito Santo sim, profissionalmente sim. A primeira ocupação minha mesmo como intérprete de Libras foi realmente ali na Casa do Cidadão por conta desse processo, porque o processo foi legal também, foi uma primeira banca que a gente enfrentou de uma coisa que era tão nova que nós não sabíamos como que iria ser.

A: (risos) Inédito do inédito!

J1: Muito inédito porque você chegava no espaço onde ia acontecer, era no Aristóbulo Barbosa Leão, acho muito interessante porque é um marco histórico, o Aristóbulo,

J2: Eu lembro até hoje a salinha

J1: E você chegava, pegava um texto e lia aquele texto. Chegava lá dentro, agora você vai traduzir, interpretar este texto aqui para uma banca. Foi bem interessante. Então, assim... já atuei pro governo do Estado, pra Prefeitura de Vitória em diversas áreas né J2? Porque a Casa do Cidadão ela foi uma escola pra gente porque nós trabalhamos com Polícia Federal, é... Juizado Especial Cível, PROCON, Criminal, Família, Correios, Bancos, tudo a gente trabalhou ali né, na Casa do Cidadão e fora também.

J2: Tanto ali quanto fora, pro estado, nos municípios. Onde precisava eles deslocavam a gente. Foi uma experiência incrível, naquela época! Imagina, isso em 2003! Sem formação!

J1: E os eventos da Prefeitura também né. Eventos da prefeitura que tinha...

J2: Foi muito engraçado quando saiu o edital, aí pediu curso de Libras... Aí eu...(cara de espanto e de dúvida) que curso? Existe isso? Aonde que eu vou fazer curso de Libras? (risos)

A: Talvez na FENEIS né? Acho que na época as pessoas pegavam muito da FENEIS.

J2: Sim, não, mas... antes disso, a gente foi só que não era curso de Libras, era uma carteirinha para ser intérprete. Eu tenho essa carteirinha. Foi eu, L, K, tenho até hoje lá guardada, deve estar jogada lá nas minhas tralhas. Foi em 2000, 2001. A gente ficou dois dias lá. Elas foram primeiro e eu fui depois. Então, era uma carteirinha, era uma banca da FENEIS. Eu lembro que era: P. A, A. R, aquela... H, aquela galera toda bem antiga, N. P. Então foi uma banca e você tinha uma carteirinha: Intérprete de Libras. Só que o edital pedia: Curso de Libras. E lá na FENEIS não precisava de nada, você chegava tava na mão, eles olhavam a sua

fluência, pronto acabou. Só que o edital pedia curso de Libras... aonde que eu vou fazer curso de Libras?

J1: E nesse caso aqui, nessa surpresa que teve do edital, é que eu já tinha feito aquele cursinho de quinze dias. Tanto é que... só que tipo ... eu não fui pegar o certificado. Eu falei assim: Poxa, eu fiz um negócio que eu já sabia! Aí eu fiquei meio assim. Quando saiu falaram assim: *_ Vai lá fazer.* Eu pensei assim: Ah!, eu não vou fazer um concurso da prefeitura... Aonde?! Eu converso com os meus amigos, com os meus vizinhos, que são surdos e tal. Eu não sei nem o que vou fazer lá dentro de Prefeitura? Eu intérprete? Mexer mãozinha lá dentro da Prefeitura? E aí o professor, que tinha sido meu professor lá na Faesa, ele falou assim: *_ Não, você tem tudo pra poder você entrar e passar, vamos que eu te ajudo!* Que foi o Elcio e aí ele falou assim: *_ Vamos lá!* Fui lá na Faesa pra ver se encontrava esse certificado. Eu tive que pedi uma segunda via porque eles já não tinham os negócio lá (risos) E aí consegui lá e a gente entrou.

J2: Engraçado A, porque esse processo foi uma conquista da Associação de Surdos, eu lembro que foi o vereador, aquele P. C, que era cadeirante. A associação procurou ele. Ele fez o projeto de lei e cobrou da associação e nisso eu ia interpretar, porque ele era da CPD, antigamente existia a CPD: Associação capixaba com Deficiência, ele era o presidente. A associação procurava ele, eu fazia as interpretações. Aí nisso ele apresentou um projeto de lei e foi aprovado. Só que eu nem... aí quando eu vi no edital, olhei: curso de Libras? (risos) Agora o choque maior, vou te falar a verdade, eu até comentei isso com J1, quando eu cheguei no ABL e vi uns trinta, quarenta ouvintes.

A: Da onde surgiu tanta gente? Uns trinta, quarenta assim, logo na primeira? Na primeira seleção?

J1: Isso, você joga no Google que aparece

J2: O edital aparece

J1: E quando você joga seu nome, aparece lá (risos)

J2: Então, Pô... 2003. Eu lembro quando a gente se apresentou. Lembra? Era o prefeito, era tipo um salão, era o primeiro concurso público nacional para contratar intérprete, meteu quatorze, então... Casa do Cidadão, aquela questão da acessibilidade, 100% acessível. E a gente pegou um prédio zerado...

J1: Estava novinho tudo

J2: Quatorze pessoas... Eu já falei com o J1, vou falar novamente, que tipo assim, aí quando a gente começou a ter amizade e a falar: *_ Pô, vamos lá na associação,* falava com todo mundo, vamos participar. Daí muita gente reclamava: *_ Ah, minha igreja é lá não sei aonde e só tem um surdo, e só tem culto domingo;* *_ Minha igreja é lá não sei aonde e eu só encontro uns dois dias na semana.* Eu falei: *_ Gente, Vamos lá pra associação!* Ninguém procurou, foi só o J1. J1 teimoso, foi, foi, foi, foi (risos) eu acho assim que isso contribuiu bastante

J1: Foi muito, muito mesmo!

J2: A gente conseguiu enxergar isso, aí foi muito rápida a aceitação

J1: É porque nessa questão...

J2: Hoje em dia acontece muito, mas antes era muito mais a questão da referência. Eram quatorze, só que os surdos chegavam só procuravam a gente.

A: Só procuravam vocês, dos quatorze?

J1: Por conta de quem estavam presentes na associação.

A: Ah, lá na frente né...

J2: Acontece! Você sabe que até hoje, se o surdo puder escolher, ele vai escolher, concorda?

A: Isso é verdade!

J2: Eles falam: *_ Pô, eu confio mais nesse. Eu sei que esse aqui tem mais fluência, o outro ainda.* Se ele tiver essa oportunidade de escolher, ele vai.

A: Fica um pouco inseguro né?

J2: Também. Isso é fato, isso é fato.

J1: Chegar na associação, na ASSURVI, pra mim foi igual a história do “Seu nome é Jonah”, eu cheguei olhei assim: *_ Caraca vé!* Realmente... Eu encontrei uma galera que tipo assim, que eu via, que eu encontrava em alguns lugares, em alguns trabalhos voluntários que eu fazia e tal, eu falei assim: *_ Nossa, Então essa galera se encontra aqui!* Os meus amigos de infância, então pô, essa galera estão aqui.

A: Se essa galera está aqui, então eu vou participar, legal!

J1: Então, isso contribuiu muito, mas muito mesmo. E assim, a questão aqui ainda fala assim: Como foi a sua formação? Eu acho que a minha primeira formação foi justamente com a comunidade surda né. Hoje, a minha ocupação, como o J2 falou, eu trabalho com o mercado network marketing, no quesito de tradução e interpretação dos materiais de uma empresa específica onde o nosso objetivo nessa empresa é mostrar que não existe apenas um único campo para os surdos atuarem que eles podem ter liberdade financeira, qualidade de vida escolhendo outros caminhos, não precisa ter só um caminho da educação né, hoje o foco é ser professor né, professor de Libras. Não, tem outras coisas que vocês podem fazer também, coisas que muitas pessoas ouvintes né, consegue sua liberdade financeira e qualidade de vida, sem precisar ter formação em faculdade, ou universidade, porque que o surdo também não consegue? Então hoje a gente tem mostrado isso. Mas, eu ainda estou me formando, todos os dias, no nosso caso como nós trabalhamos com uma língua, então a língua está o tempo todo em movimento, ela está o tempo todo em transformação. Então, acaba que nós temos que fazer isso

todos os dias, e por nós estarmos dentro dessa é, sendo aculturados, tendo sido aceitos pela comunidade surda quanto intérpretes porque melhor do que você ser qualificado quanto intérprete por um certificado qualquer, é melhor você ser qualificado pelo próprio surdo, pela comunidade surda, isso é mais do que gratificante né. Quando o surdo fala: *_ Você é intérprete!* Eu digo: *_ Não, eu estou aprendendo!* (risos) Lembra disso J2? Eu ainda estou em formação, faço Letras Libras aqui na Ufes e é lógico é muito interessante, nós vemos coisas que nós construímos né J2? Que nós escrevemos por conta da associação, por conta da militância.

J2: Só abrindo um parêntese, eu estava brincando até com as meninas lá da sua turma, teve a prova do IFES. Aí, tinha uma pergunta lá: “Os militantes antigos continuam atuando e tal, tal, tal”... Aí a maioria errou. Eu falei: *_ Gente, Era só lembrar de mim!* (risos) *_ O que vocês acham que eu estou fazendo hoje desde criança?* A pergunta está falando de mim! (risos) Estava falando lá: (...) “de cunho religioso”, a pergunta clara gente! Era só lembrar!

A: Bobearam né!

J2: Como é que vocês erram um negócio desses!

J1: Aí vem a terceira aí sobre relacionamento. Você é casado ou namora com uma pessoa surda? Não. Eu não sou casado com uma pessoa surda e nem namoro com uma pessoa surda. E em caso negativo, o que você pensa a respeito entre surdos e ouvintes se relacionarem. Igual o meu primo mesmo, que é surdo é casado com uma ouvinte, que é a B., que por coincidência é intérprete inclusive aqui da universidade e eu não vejo, assim, problema nenhum do surdo se relacionar com um ouvinte. Eu acho que é uma questão independente, não é nenhuma questão de escolha, eu não vejo como uma questão de escolha, mas é uma questão mesmo de coração.

A: Se fosse o caso, vocês se relacionariam com um surdo ou surda?

J1: Eu me relacionaria, porque olha... vou te contar, tem cada surda linda! (risos)

J2: Eu já namorei já, com duas surdas. Não foi namoro de muitos anos não, alguns meses. Eu acho normal.

J1: Eu também acho normal, tranquilo.

J2: É o que o J1 falou, é a questão do...

J1: É gente, é uma questão do coração. Não tem como você falar: *_ Eu escolhi isso,* ou *_ Eu escolhi aquilo;* *_ Eu escolho namorar ouvinte;* *_ Eu prefiro namorar surdo;* ou *_ Eu prefiro namorar ouvinte.* Não, eu acho que você olhou para a pessoa, deu aquele clima tal, aqueles coraçõezinhos apareceram? Deu aquele friozinho na barriga? Então, tenta ver se vai dar certo.

A: Agora vamos jogar ao contrário, assim... como é que você acha que os surdos têm mais assim... porque eu estou vendo que vocês estão mais abertos: *_ Pô, namoraria tranquilo, já namorei... e tal.* Agora, da parte deles; ou delas né, das

surdas; Têm mais abertura? _ *Ah, é intérprete...* ou _ *É um ouvinte que não sabe Libras e que quer aprender...* eles são mais abertos para namorar os ouvintes ou eles ficam muito ainda...

J2: Pelo que eu vejo, isso é muito relativo. Opiniões são opiniões né? Alguns falam: _ *Ah, namorar surdo é melhor porque comunicação com ouvinte é difícil.* Outros falam assim: _ *Melhor ouvinte porque tem cabeça melhor do que surdo. Surdo cabeça pequena.* Então, é muito complicado você pegar um grupo e pegar como referência, é muito complicado, igual o J1 está falando acho que o sentimento passa muito mais do que a questão da comunicação.

J1: Porque são sentimentos...

J2: São sentimentos, bate ali aquela emoção, deu empatia, acabou entendeu? Então tipo assim, isso e a questão da língua como, porque eu tô falando isso? Porque a questão da língua, eu acho muito mais além, porque existem vários casais seja ele ou ela surdo ou ouvinte que a língua de sinais não é em comum. Seja tanto da parte do homem ou da mulher não sabe língua de sinais, nos temos o caso aqui...

A: Eu estou tentando me lembrar...

J2: Posso falar o casal aqui? O marido da M. não sabe Libras. Tem coisas que... então, quer dizer, é muito relativo.

J1: A língua não foi uma barreira para eles na questão do relacionamento.

J2: Existem as preferências. Tem uns que falam: _ *Não, eu prefiro surdo!* Ou, _ *Eu prefiro ouvinte!* Só que isso também é muito relativo, não tem como chegar e afirmar. Então, a gente vê muito isso e tem vários exemplos disso daí. Agora, tipo assim...

J1: Não podemos generalizar também primo, porque tem aqueles que querem simplesmente se relacionar com os surdos para aprender a língua de sinais até! Isso tem! Tem sim! Isso acontece!

J2: Quer levar pra casa...

J1: Mais parece que quer cuidar, quer salvar...

A: Tem essa coisa assistencialista

J2: Maternalismo, paternalismo...

J1: Um relacionamento que não envolve nem tanto o amor, mas a questão do assistencialismo mesmo

J2: Eu vejo muito assim, por exemplo, tem casais aí que tem filhos, nossa! Na época da minha mãe então... do Banestes, naquela época de uns vinte, trinta anos atrás, vários surdos são casados, ou surdas são casadas com pessoas ouvintes e têm

filhos criados e você não vê a língua de sinais entre eles ali. E eles se comunicam do jeito deles e vivem a vida e...

A: E tudo bem...

J1: Tranquilamente.

J2: Entra numa questão, existe uma outra, pode ser também, uma questão da não aceitação da pessoa ser surda. Existem também casais que olha uma pessoa e diz que ela não é surda não, escutou um pouquinho, falou alguma coisa, ah ela não é surda não, e aquilo ali...

A: Eu lembro de um casal lá de São Paulo que foi mais ou menos assim.

J2: Aqui tem muito! Aqui tem muito! Tipo assim: _ Não, ela fala! E, tipo assim, ela aceita aquilo também.

J1: É um condicionamento. É o ceder

J2: Não é só uma questão da língua. Vamos ampliar um pouquinho: as pessoas que são diariamente violentadas dentro de casa? Se você for olhar a questão da língua, se for fazer uma comparação, é uma violência linguística.

J1: E a questão do relacionamento também tem uma questão de ceder. Então tipo assim, eu me libero de aprender a sua língua ou não, entendeu? Simplesmente porque eu não vou exigir isto, mas o que eu quero pra você é você estar comigo independente de língua ou não, então, independente é questão de ceder. Tem muito disso também.

J2: Mas, tem um fator interessante. Isso também acontece muito! Aqueles que não têm contato com a língua quando são inseridos no contexto de língua, não sei se por influência externa, ou por ter pouco conhecimento interno, o pensamento começa a... Têm vários exemplos, ele sabe, desse exemplo de pessoas tanto homem quanto mulher que quando estão com os surdos parece que eles estão em outro mundo, o relacionamento...

J1: É... de repente casou cedo, e ficou muito preso ali, e não sabia do universo surdo. Conhece o mundo, o mundo é isso aqui ó, pequenininho. Mas, aí quando você sai desse mundinho aqui você vê, existe um universo com outros mundos.

J2: Hoje em dia os casais nem conversam direito! Ninguém conversa mais com ninguém, não é verdade? (risos)

A: Pior que é né?

J1: Vamos olhar o whatsapp! (risos)

A: Então... a língua não é o problema!

J2: Não conversa nem pessoalmente, só por mensagem: _ *Curte!* (risos)

J1: Os filhos estão saindo aí né... mas aí vem falando, tem filhos surdos? Eu acho que pode entrar aqui também, J2, a questão: Tem filhos surdos? Se não tem, mas eu sou filho de surdos, pode ser também isso. Mas, a questão de ter filhos surdos: a nossa história, da nossa família em ter um filho surdo foi muito além do que nós esperávamos. Porque o E1 ele é nosso a vista, eu até brinco que o E1 veio pra nós à vista e a E2 veio à prestação. (risos)

A: E como que foi isso? Por que tipo, é... vocês não tinham filhos, daí já pegam pra adotar e adotam, e aí o menino é surdo.

J1: A minha família é uma família de adotivos, né. Minha família toda, são muitos adotivos. E muitos desses adotivos, justamente foi nessa onda aí que a gente acabou descobrindo que J3 era nosso primo por conta dessa mistura toda que a gente tem. Então, por exemplo, os meus dois irmãos mais velhos são adotivos, o meu irmão mais velho e minha irmã mais velha são adotivos. Aí depois desses dois irmãos veio o meu irmão biológico e eu, que sou o caçula da família. A irmã mais nova da minha mãe é adotiva, que casou com um primo primeiro da minha mãe.

A: É tipo assim, é meio que uma tradição, né?

J1: A filha mais velha do irmão da minha mãe também é adotiva, entre tantos adotivos que a gente tem aí na família. Eu tenho isso de adoção, já minha esposa não. Tanto é que a minha esposa, ela tem os sobrinhos dela que tem tudo com ela até onde ela tem um limite dela. Tem que seguir né... capricorniana! (risos) Aquela coisa toda de tudo ser certinho, tem que tá tudo no lugar e tal, então se pisou na bola com ela, tirou o negócio do lugar, ela não gosta. Tem que estar tudo certinho. Mas, com o E1 foi uma exceção. O E1 foi uma exceção por que o E1 ele tem tudo com a gente, e com ela principalmente. Ele brinca com ela de algumas formas que nenhum dos sobrinhos dela teria coragem de brincar com ela dessa forma porque ela deu essa liberdade. Mas, ela é muito séria. Tanto com ele quanto com todas as pessoas, né J2, porque às vezes olham pra S. e falam que ela é séria demais, não! Depois que você pega uma amizade ali tal, conhece a S. de verdade. Então o E1, ele veio pra gente, eu fui intérprete dele na escola, uma história muito longa, porque o pai dele, a família dele, principalmente o pai dele. A mãe dele abandonou ele com dois anos de idade. Foi nessa idade que ele ficou surdo, por conta de uma infecção, e o pai dele, infelizmente assim, por conta da sociedade, não sei, envolvido num mundo de crimes. Então, quando eu conheci o E1, eu queria que ele se envolvesse com a comunidade surda pra ele aprender a língua de sinais. Porque ele era pequenininho, sete anos, e não tinha contato com a comunidade surda, em casa era só sinais caseiros. E a partir daí, eu conversando com a diretora, a diretora me perguntou: *_ Você sabe de quem ele é filho? Aí eu falei assim: _ Sei. _ Mas, você sabe com o que o pai dele se envolve? _ Sei. _ Você não tem medo? _ Não, estou aqui quanto profissional, inclusive eu preciso que vocês liguem pra ele, pra ele dar um jeito de aparecer, para que eu possa conversar com ele sobre a condição linguística do filho dele.* Aí eu conversei com ele, uma pessoa super simpática, super aberta de ver o filho progredir. Eu falei com ele assim: *_ Todo final de semana eu estou na casa de um primo que é surdo, e a casa dele vive cheia de surdos, eu queria que o E1 conhecesse o seu igual linguístico; _ Não, pode sim!* Então, toda sexta-feira terminava as aulas ao invés do E1 ir pra casa dele, ele ia pra minha casa

pra gente ir pra casa do meu primo, e aí ele passou a ficar assim. Nesse meio tempo o pai dele acabou sendo preso, a tia dele que é responsável, que era responsável dele 100%, ficou meio confusa com a situação porque era ela quem tomava conta 100% dele e o pai só dava uma assistência porque ele aparecia de vez em quando. E a mãe biológica nada. Nesse período aí acabou a gente ficando grudado mesmo! Muito grudado! E a gente acabou indo além do assistencialismo, não só porque a nossa família sabia a língua de sinais, S. já sabia a língua de sinais por conta do contato com os surdos da igreja. Ainda não tínhamos a E2. E na família dele, ninguém sabia língua de sinais. E quando ele descobriu a língua de sinais, ele só queria ficar com a gente, por quê? Porque na nossa casa ele tinha uma comunicação.

A: Ele também meio que adotou vocês.

J1: A gente até brinca muito com isso porque a gente não sabe quem adotou quem aqui nessa história! A gente brinca, e... minha esposa muito centrada, eu sou meio loucão, faço as coisas muito no de repente assim, ela falou assim: *_ J1, nós não vamos adotar o E1 no papel.* E eu falei assim: *_ Mas, por que amor? _ Não J1, é porque nós temos contato com a família biológica. Isso pode causar um problema mais pra frente.* Eu me lembro que K. conversou comigo muito sobre isso. Ela falou assim: *_ J1, você tem que ter cuidado, olha o coração J1!* Ela falava muito isso comigo! E aí eu falei com ela assim: *_ Então tá bom, vamos fazer o seguinte: a gente vai dar toda a assistência que ele precisar, enquanto for possível.* E uma coisa que a gente sempre falava com ele e fala com ele até hoje: *_ Enquanto você nos considerar quanto pais, enquanto você nos aceitar quanto pais, enquanto você andar nas nossas regras quanto pais, é a mesma regra que você segue é a mesma que E2 segue, é a mesma que eu segui quando criança, aí você está com a gente.* E aí quando o pai dele saiu da prisão, o pai dele veio agradecer a gente, e tal. Foi uma choradeira porque bateu um sentimento que eu nunca tinha sentido na vida que foi o egoísmo. Porque eu pensava assim: ele é meu! E aí ele falou assim: *_ Não sei como pagar vocês pelo o que vocês fizeram pelo meu filho!* Eu falei com ele assim: *_ Só não tira ele da gente. Só nos permita que ele continue nos considerando como pais.* E é o que a gente tem vivido até hoje. A gente até brinca que nós estamos vivendo uma vida de pais separados porque ele passa a maior parte do tempo com a gente, somos nós que respondemos pela questão educacional dele, é a gente que vai nas reuniões da escola. Quando tem algum problema na escola, eles ligam é pra gente. Questão religiosa também, eles nunca interferiram por nós sermos adventistas. De repente poderiam achar assim: não, eu não quero que meu filho seja...

A: Poderiam criar algum caso.

J1: Poderiam criar, mas não tem. E até mesmo o próprio E1, o nosso menino mesmo, ele está convicto: *_ Não, é isso que eu quero!* E nós nunca obrigamos ele. *_ Você que sabe, nós somos adventistas, todo o sábado nós estamos na igreja, nós temos a nossa programação da igreja. O que você quer? Você quer estar com a gente? Ou você não quer?* A gente nunca obrigou, *_ Não, você vai ter que ser adventista porque nós somos.* Não, a gente sempre deu liberdade a ele, conversar, a gente conversa muito. Até mesmo em relação, inclusive essa questão mesmo sempre ele me perguntava: *_ O que é melhor: namorar com surda ou namorar com ouvinte?* Aí eu falava com ele: *_ Meu filho, isso é uma questão de escolha do*

coração. De repente você vê uma pessoa e gostou. Sexualidade, de conversar com ele. Eu me lembro a primeira vez que conversei com ele sobre sexo, ah meu Deus! Ele falou comigo bem assim: *_ Pai, eu posso assistir um DVD?* Aí eu falei assim: *_ Pode! O case está aí, você vai lá e pega.* Eu estava mexendo no computador, fazendo os trabalhos da faculdade. Aí, tá, daí a pouco ele volta na mesa e fala bem assim: *_ Pai, que sinal é esse?* Ele foi e fez o sinal: *_ O que significa isso?* Eu... ah meu Deus! Era o sinal de ejaculação! (risos) Aí: *_ Onde você viu isso, menino!* Aí ele: *_ No DVD!* Aí no DVD era sobre uma aula falando sobre sexo em língua de sinais. E aí eu falei: *_ Vamos lá, chegou o momento!* (risos) E aí a gente ficou conversando com ele, então ele tem essa liberdade de conversar comigo, com S. né, S. fala muito com ele: *_ Não é qualquer menina que você vai namorar, você precisa observar.*

A: Mãe né? (risos)

J1: Uma vez S. viu uma cena que ela não gostou, S. ficou muito brava, não com ele, mas com as meninas, com a situação. Ela chamou ele pra dentro, não brigou com ele, mas de forma que ela estava brigando, mas não brigando: *_ Não é uma menina boa pra você! São meninas que ficam rindo por trás de você! Não te consideram. Ficam falando “mudinho”, “mudinho”, eu não gostei disso!* Então, S. tomou as dores de mãe, conversou e explicou pra ele direitinho, explicou o que estava acontecendo. Então, a nossa relação em casa é muito assim, uma família, é uma *modern family*, você já assistiu a esse seriado? *Modern family*, a nossa família é dessa forma. Então, a gente acaba dividindo o E1 com a família biológica. Às vezes, as pessoas chegam e casa e perguntam: *_ Cadê o E1?* Aí eu falo: *_ Está com os biológicos!* (risos). Está com os biológicos! Mas, ele tipo assim, entende muito. J2 mesmo já viu: *_ Cadê seu pai?* A primeira pessoa que ele fala onde está seu pai é J1. O primeiro indicativo de pai é J1. Todos que perguntam, a referência que ele tem somos nós. Mas a gente sempre, como ele tem esse contato com a família biológica, a gente sempre fala com ele a questão do respeito que ele tem que ter, independente do que tenha acontecido na família. E foi bem parecido com minha irmã, que é irmã de criação, que a minha mãe adotou também, não adotou ela no papel, mas garantiu a ela todos os direitos que ela tem quanto filha e a gente está fazendo da mesma forma, garantindo esses direitos pro E1 também, mesmo não estando no papel, então foi bem parecido com a história da minha irmã.

A: Acontece né, meio que compartilhar, mas legal! Por isso que eu entendi a questão assim, por que ele e por que ser surdo? Mas, na verdade, foi uma série de situações que foram acontecendo que levaram a esse ponto, entendi. E ele também escolheu vocês.

J1: Sim, essa mãe dele, que é tia dele que é irmã de criação do pai dele biológico.

A: Que é a responsável?

J1: Que é a responsável, por assim dizer, ela não era no papel e tal. Hoje nós temos algumas documentações que dizem: está conosco! Né, principalmente as questões de documentação.

A: Respaldo?

J1: É. Principalmente questão de documentação educacional. Mas, assim, foi um período que essa tia dele teve, passou por um problema de saúde muito grave, que foi um AVC que ela teve. Aí foi onde ele realmente ficou muito mais tempo, a gente nem estava dividindo, ele ficou quase uns sete meses só com a gente. Isso ajudou muito a relação. Quando eu fui falar com a S., a primeira vez que eu falei com ela: *_ S., está acontecendo alguma coisa sim e eu acho que o E1 está confundindo um pouco as coisas.* Foi no dia dos pais, que eu mandei ele recortar umas famílias, e ele recortou uma família específica, onde tinha um pai, uma mãe, um filho e uma filha. Ele recortou, fez um coração e tal, e colocou assim: J1, E1, S., amor. Aí eu falei assim: *_ Ele está confundindo as coisas. Preciso deixar ele entender que ele tem a família dele.* Foi a primeira vez que ele tinha feito isso. E ele falou assim: *_ Essa menina vai nascer depois.* E acabou que nasceu a E2! (risos)

A: Certo! Viu, estava prevendo já!

J1: Mas a nossa relação em casa, com a família, é dessa forma. J2 que não tem filho surdo, mas é filho de surdo! (risos)

A: Em casa, J2, você já era Libras direto né? Pai, mãe, irmãos...

J2: Tios, amigos... eu morava no ponto final né? No final da minha rua era onde o ônibus parava. Eu estava brincando na rua, quando chegava um surdo, já sabia que acabava a brincadeira! (risos) Eles iam lá pra casa pra resolver alguma coisa. Até hoje, na verdade! Ontem eu fui jogar bola na associação. Enquanto você descansa, parece que faz uma fila né? Pra conversar, pra tirar dúvidas, mas isso acontece de forma natural, a gente acaba nem percebendo.

A: Isso é verdade né? É bem natural.

J1: Acontece mesmo: *_ Aqui, eu fui na loja tal, e me deram um negócio lá, eu acho que tava errado. O que você acha disso aqui?* (risos)

J2: Você acaba resolvendo as coisas, os problemas, dando orientação, de forma natural.

A: E a questão de religião aí, vocês...

J1: Assim, igual eu falei né, você pertence alguma instituição religiosa? Sou adventista. Não sou adventista por questão de tradição ou de geração, sou adventista por questão de convicção mesmo! Não é porque minha família é adventista que eu sou adventista também, não. Até porque nós quanto cristãos adventistas o nosso foco é, a missão global de estarmos todos unidos. Nós temos uma plaquinha de igreja ali escrito adventista, mas nós somos todos irmãos. Tanto é que eu não prego essa questão assim: Ah, tem que ser adventista. Eu interpreto em todas as igrejas. Me chamou pra interpretar, se eu estiver livre, então tem muitos surdos que frequentam igrejas que não tem surdos, lógico garantindo toda ética que pede a interpretação. Porque se o pastor falar que quem construiu a arca de Noé foi Moisés, eu vou interpretar que foi Moisés, é ele quem está falando, não sou eu. Tem o J2 que é católico, tem a B. e o J3, que são meus primos, que são católicos. Eu

nunca neguei a eles de estar na igreja católica com eles pra poder interpretar lá na igreja católica. Tem algumas coisas que eu não sei, os sinais específicos né.

A: Eu imagino que tenha um ritual né? Que fica diferente

J1: Geralmente, eles me colocam pra fazer a mensagem, porque mensagem a bíblia é uma só, então a gente já sabe o que vai ser dito ali. Agora a questão da liturgia, da doxologia que eles fazem, isso não eu não sei. Algumas coisas fica por conta dos intérpretes deles lá. Então, tipo assim, lá na igreja a gente tem, as celebrações são feitas em Libras, direto em língua de sinais. Nós temos dois momentos: A igreja ela tem um momento que é geral, o primeiro momento é geral, então o culto ele é interpretado, às vezes vai pastores surdos ou pregadores surdos, então esse surdo vai lá pra pregar, a nossa congregação é pra mil e poucos membros. Então, ele vai para pregar, igual foi há duas semanas atrás, quem fez uma parte específica pra igreja toda foi o meu filho né. É o que a gente chama de carta missionária, os nossos dízigos e ofertas ele são direcionados a cada semestre pra uma determinada região que necessita de amparo. Então, aí nessa região eles mandam geralmente uma história interessante daquela região durante o trimestre, histórias de pessoas que foram transformadas pelos projetos sociais que a igreja faz. E uma dessas histórias quem contou foi o meu filho, contou em língua de sinais para toda a igreja. Então, eles tem a participação deles na igreja. Tem surdos que são diáconos na igreja, então eles tem uma atividade muito longa. E um momento específico deles que a gente chama de Escola sabatina que é o estudo que a gente faz durante a semana toda que é feito uma recapitulação. Lá é bem dividido, é bem acessível, tem a classe de quem é visita, de quem não é adventista, mas eles podem participar de qualquer classe. Tanto é que na nossa classe de surdos sempre vem algum visitante: *_ Ah, eu vim conhecer aqui pra ver como que é.* Tem a classe para as pessoas que são imigrantes, tem classe que é toda em inglês, tem classe que é toda em espanhol. É a mesma lição, porque no trimestre a gente estuda a mesma lição a nível mundial, só o que diferencia é a língua. Então nós temos a lição em língua sinais. Então a lição é estudada durante a semana em língua de sinais. Eles têm acesso a esta lição, então a gente tem ela no DVD, tem também no Youtube também é disponibilizado lá. E aí toda a programação é feita em língua de sinais. Então, tem gente que fala assim: *_ Ah, mas e os surdos, como eles participam...* porque o meu menino é responsável pela questão do som. Aí as pessoas perguntam: *_ Como assim? Um surdo sabe as questões do som?* Gente, Ligar um microfone não é coisa de outro mundo não! Pegar, esticar um fio, colocar o microfone no lugar onde deve estar. Qualquer pessoa pode trabalhar na sonoplastia. Cada um com as suas atribuições. Eu mesmo, cheguei a trabalhar na sonoplastia da igreja, eu não sabia ligar os microfones, mas eu sabia como lidar com eles na mesa de som, aumentar o volume, mudar um timbre, esses tipos de coisa. Então cada uma nas suas atribuições. Inclusive a gente vai viajar com o coral, fazer uma turnê com o coral, e o E1 faz parte da sonoplastia. Ele vai um responsável junto com uma equipe pelo som, para ligar os microfones. Há coral em Libras? Como são feitos os louvores? Nós não temos um coral em Libras, mas nós temos algumas participações musicais dos surdos, mais aí vai entrar onde vai falar lá na frente da questão de Música. Eu acho que eu comentei com você em uma outra conversa que nós tivemos, sobre um tapa de luvas que eu tomei de um dos surdos, quando ele veio comigo, porque eu também tinha o mesmo pensamento de outros intérpretes dessa influência que os surdos trazem pra gente: Ah, coral de Libras, pra quê, por quê, como? E ele veio

com essa onda pra mim: _ *J1, eu queria que você ensaiasse uma música com a gente.* Aí eu falei com ele: _ *Não, não vou ensaiar não porque eu não tenho tino pra isso.* E ele falou assim: _ *Não, você vai fazer, vamos fazer. A gente chama os surdos daqui da igreja. A gente vai fazer...* _ *Oh E3, eu não acho legal fazer e tal, o pessoal fala isso e aquilo outro, então eu acredito que é dessa forma.* Então, ele me respondeu assim: *J1, o quê que a bíblia fala? O quê que Paulo fala? Esquece as questões lá fora. Vamos pensar aqui dentro da igreja. Esquece as questões lá fora. Nós estamos em uma comunidade aqui dentro da igreja. Paulo fala o seguinte: Pra alcançar as pessoas fracas ele se fez de fraco, pra poder alcançar essas pessoas fracas. Pra alcançar as pessoas de outras culturas, ele se fez próprio daquela cultura para alcançar aquelas culturas. Tem pessoas J1, que pensam que nós surdos não podemos evangelizar os ouvintes só porque somos surdos? O quê que os ouvintes gostam? Eles não gostam de ver a gente fazendo sinalzinho ali na frente, pegando uma música deles e levando lá pra frente?, Por que quê nós não podemos nos fazer de ouvintes para alcançar os ouvintes?* Aí eu... ele pegou a bíblia e só faltou dá na minha cara! (risos). Aí eu falei assim: _ *Tá bom E3, então vamos fazer só uma vez!;* _ *É pro dia do surdo;* _ *Então vamos fazer.* Aí fiz a tradução, escolhi uma música, fiz a tradução, mostrei pra ele. Era ele, F., R., tinha uns outros surdos que estavam sempre ali. Mas, eu mostrava mais para ele. Ele estudava Letras Libras e tal, e aí ele ia me orientando: _ *Vamos fazer dessa forma, tira isso aqui, vamos usar classificadores aqui.* Então, ele estava sempre ali me orientando. E foi legal porque nós não fazíamos a música em si, a gente fazia uma, tinha uma encenação antes da música que representava a música. E aí depois que eles colocavam a música e a gente vinha sinalizando. Essa questão de : Ah, mas está copiando o ouvinte! Não está! Tinha o ensaio e o intérprete regente, sei lá, nunca dei nome pra isso, mas vamos colocar aí na minha área que é de música que eu canto, participo de corais e tal , o regente ele está ali pra dar suporte. Tanto pra dar suporte porque eu comentei isso com você também . Eu fui cantar uma música e eu esqueci a letra. E no que eu esqueci a letra, a maestrina ela balbuciou a letra pra mim. Ela fez uma cola pra mim. Então quando ela balbuciou a letra, opa, voltou aqui! E continuei, entendeu? Então, as músicas que são sinalizadas, depois com certeza nós vamos falar sobre música, são ensaiadas, não são tipo ah peguei aqui e tal. Como J2 já fez a interpretação de *jingles* de candidatos e tal, é toda uma tradução, tem toda uma poética naquilo ali. Não é simplesmente pegar e balançar mãozinha! Não é isso! Tem toda uma estrutura pra você construir pra que realmente saia. Eu quanto cantor, eu faço algumas traduções do inglês para o português, então a gente chama de tradução, versão e adaptação. É quando você traz uma música do inglês para o português , você pega e cria uma versão pra dela e você faz uma adaptação cultural. Então você criou uma versão, ela não vai perder o seu sentido, ela não vai perder o meado dela, não vai perder..., mas aí você vai ter que fazer uma adaptação por questões de rima, por questão de ritmo, não vai ser qualquer palavra que você vai poder colocar. Então, vai manter a essência, tanto da questão poética quanto da...

A: Mas, aí vai ser uma versão.

J1: Isso, aí você faz uma versão sem você perder o sentido real daquilo ali. É a mesma coisa que gente faz com a língua de sinais quando a gente vai fazer uma tradução de música. E é aí onde a gente vai falar já, já.

A: Isso, beleza. Aí o J2, essa questão de religião a sua experiência é na igreja católica, eu até naquele vídeo que você postou no grupo, eu vi umas fotos de você novinho interpretando casamento.

J2: Eu tinha doze anos. Foi quando o papa João Paulo II veio aqui inaugurar a praça do papa, eu que fiz a interpretação, eu tinha doze anos! Nessa época dos dez aos doze anos eu fazia parte de uma pastoral dos surdos...

J1: E não lembraram de você no concurso hein?! (risos)

J2: E eu representei o estado num encontro nacional lá em Recife, foram várias congregações, e em Santo Antônio né. E é muito legal ver aqueles surdos que eu interpretava há vinte anos atrás hoje eles estão com a B., lá S1, mamãe também. E, hoje visito, mas não frequento assim, não tenho uma certa frequência, mas eu visito, participo em eventos. Às vezes ajudo na interpretação, o J1 ajuda também com a B. lá. Então, a gente tem um trabalho bem legal. E, então, as celebrações são feitas em Libras, não tem coral em Libras, e os louvores, nesta que eu acompanho, tem a questão da homilia, os intérpretes acabam se revezando. É muito interessante quando entra na questão dos louvores, os surdos já sabem que é uma música, então aqueles que se sentem à vontade acompanham. Então, acaba uma estratégia colocando aquele intérprete como referência: Olha, se aquele intérprete estiver traduzindo, estiver interpretando é porque é uma música.

A: Meio que fica combinado que a pessoa...

J2: E quando você se sente à vontade, você acaba acompanhando.

A: Mas ali, na parte do louvor, eles não ficam expostos ali na frente? Fazendo música?

J2: Não, não, não... até pelo que eu vi ali não.

A: Eles cantam os louvores assim como os outros fiéis cantam.

J2: Normal, Eles não tem aquela visibilidade, aquele espaço fixo...

J1: Legal isso aí, igual. Lá na central da nossa igreja os surdos são convidados a ministrar ou participar do *back*, no nosso caso, do *back vocal*. Então, como a gente está sempre ali, e os surdos estão sempre ali sinalizando, as músicas são as mesmas. Nós temos um hinário com 610 músicas. Pra gente que já cresceu na igreja já sabe praticamente todas as músicas. E com o passar do tempo, essas músicas também vão ficando em língua de sinais. Eles já vão saber qual música que é que está tocando e tal. Pra ter visibilidade de todos, de todo o trabalho que é feito em língua de sinais na igreja, os surdos também são convidados. Muitas vezes, igual por ser uma doxologia, por ser uma coisa que já é repetida, muitas vezes os próprios surdos mesmo dizem: eu vou fazer a doxologia. Porque nós temos os *feedbacks*, um telão que está atrás da gente que está interpretando pra quem ta assistindo ali, e tem outro lá no fundo pra gente poder ver. O surdo sobe ali, já está vendo lá qual é a música? A letra é aquela lá, então eu já sei qual é a música que vai ser cantada. Então quando começa, é interessante que tinha um surdo que fazia isso muito que

era o E3 e o R. E eu olhava assim, ele falava assim: *_ Eu estou acompanhando pelo violino.; _ Como você está acompanhando pelo violino?* Ele só ouve sons agudos. E o violino é considerado um instrumento chorão, a primeira vez que eu entendi que ele ouvia sons agudos foi quando eu entrei na igreja, a igreja estava vazia, e eu entrei assobiando. Aí ele pegou e repetiu o assovio. Aí eu: *_ Ah, tá bom! Você é surdo?; _ Não, eu percebo fininho eu percebo; _ Ah, que legal! Ai pelo violino, na hora que ele parar você vai ver o que vai te acontecer!* (risos) Então, ele seguia tranquilo. Tem essas questões lá na igreja. Eles procuram colocar ao máximo os surdos em evidência. Sempre tem as trocas né, a gente precisa estar reformando, reformulando as informações de que a igreja tem ali uma comunidade surda presente. Mas, sempre procuram manter em foco, que existe um trabalho com a comunidade surda e com as outras culturas que estão envolvidas ali.

A: Mostrar que estão presentes ali também né? Beleza.

J2: Esse trabalho musical é muito interessante porque na igreja católica, por conta de toda a questão de estrutura, parece que não tem uma abertura para de repente essas participações... A igreja é tradicional, é um outro foco, é bem diferente. Igual, por exemplo, teve a crisma, não sei se você foi. Então os surdos foram lá na frente, mas foi aquele momento.

J1: Já tem toda uma liturgia.

J2: Então não é essa participação constante, por exemplo, como uma missa vai cantar um louvor. Então, já tem aquele grupo ali específico que canta.

J1: Que é diferente, igual na igreja católica geralmente são os ministros lá que fazem toda a programação, na igreja...

J2: Não que não possa, mas hoje...

A: Hoje provavelmente não vá mudar. Não é uma igreja renovada, um outro tipo de proposta não, mas beleza então, tranquilo.

J2: Mas, da participação assim tá bem interessante

J1: Vamos tentar lembrar né A, essa questão daquela conversa que a gente teve lá na sala!

A: Porque quando eu falei com o J1, eu falei: *_ J1, eu vou ter que te entrevistar!* Porque ele falou alguma coisa tão interessante sobre a música que eu acho, vê se é isso mesmo que você falou: *_ Quem fala pro surdo que a música não serve pra ele é o ouvinte!* Eu fiquei assim... falei assim: *_ Gente, eu sempre vi, ouvi, os surdos falarem que a música não nos pertence, não faz parte da nossa cultura.* Aí vem ele me vem com essa resposta! Eu fiquei... aí falei: *_ Ah J1, você vai ter que repetir isso na entrevista!* (risos)

J1: Porque tipo assim, essa questão, eu comecei a observar muito quando o E3 falou comigo essa questão: *_ Vamos fazer porque nós podemos mostrar para os ouvintes que nós alcançamos eles também.* Então, eu peguei falei bem assim: *_ Tá.*

Então eu comecei a perceber isso. Quem falou para o surdo que ele não pode apreciar a música? Só que aí eu comecei a entender, o ouvinte ele tem o pensamento de que, a música enquanto som. Ele esquece toda a estrutura musical, tudo o que envolve a música. Ela vai muito além de notas, de uma partitura, de uma pauta de um pentagrama. Ela vai muito além de letras rimadas, ela vai muito além de sons, né, de harmonia, de melodia, vai muito além disso! A música não precisa ter todos esses componentes pra ser música. Eu não sou formado em música, eu cresci no meio musical, mas eu não sou formado em música. Canto, eu já toquei alguns instrumentos: piano, flauta, escaleta ... mas eu não tenho formação quanto músico. Então, é um pensamento meu. Inclusive eu até tinha... A, eu não tenho nada escrito, eu não tenho teorias, nada assim, não parei pra pesquisar, mas é um pensamento meu que de repente, lá pra frente, possa virar uma pesquisa, ou escrever alguma coisa sobre igual temos muitos escrevendo. Um dos que veio na minha mente agora é o N. S e o T. M. é o que está mais em evidência hoje lá da UFSC (inaudível), o I. ele nunca foi muito focado, agora que ele está mostrando algumas coisas aí num blog, algumas coisinhas assim. Mas, aí quando a gente pensa em música, a primeira questão quanto a nós como ouvintes que vem é a questão sonora. Melodia, harmonia, pronto, música! Aí você fala assim: Música para surdo. Como assim? Música para surdo? A música ela tem ritmo, ela tem uma poesia, uma poética que envolve ela ali. Ela tem uma vibração. E essa vibração ela acaba trazendo uma cadência rítmica, isso acontece no nosso respirar, no nosso andar, no nosso bater do coração. Então, isso tudo é música! Entendeu? Existe uma poesia que eu lia quando era criança que eu me amarrava de ler sozinho a poesia! E eu brincava com ela. Eu não lembro agora o nome da poesia, mas eu me lembro que a poesia falava sobre a Maria Fumaça. Depois foi reprisada essa poesia naquele... Castelo Rá-Tim-Bum, e a poesia falava sobre o trem. E quando o trem começava a andar até ela chegar e sumir lá no final. Quando você começava a ler, você percebia o chacoalhar do trem, você lendo, por conta das pontuações, por conta da rima. E, tipo assim...

A: Conforme a poesia vai se desenvolvendo, parecia que a Maria Fumaça estava caminhando...

J1: Parecia que a Maria Fumaça estava andando, e só ganhando velocidade, velocidade, até que sumia no horizonte. Então, aí você vê, precisou de algo sonoro pra isso existir? Ou é por que eu, ouvinte, tenho uma lembrança sonora? Só que aí, aonde eu venho com o F. P., porque eu moro em frente à linha férrea, eu acho que é por isso que eu gostava da poesia, e ele foi dormir na minha casa uma vez, e o trem passava, a gente tinha acabado de chegar de uma festa, Lembra? Aí o trem passou, era três horas da manhã, o trem passou e aí ele falou assim: *_ Nossa! Estou sentindo um negócio... legal né?* Eu perguntei: *_ Você está sentindo o quê?* Eu tinha ligado a televisão né, *_ Eu tô sentindo... o que é isso? _ É o trem que está passando ali em frente.* Aí ele: *_ Nossa, é uma vibração gostosa!* (risos) Aí eu: *_ Nossa! Vibração gostosa do trem né?* Porque, realmente, quando vocês tiverem uma oportunidade, o trem faz um compasso muito interessante mesmo! Às vezes meu irmão e eu brincávamos com o compasso do trem quando ele passava em frente da nossa casa. A gente brincava com esse compasso, eu fazia um contratempo com o bater dele. Então, tipo assim, se os surdos percebem esses contratempos, se ele percebe essa vibração, se ele percebe esse ritmar, então ele tem música! Não é a música oral-auditiva que nós pensamos. Isso que limita o surdo a acreditar que ele possa

usufruir dessa cultura musical, dessa arte. Então, tipo assim, eu vejo que essa fala é totalmente ouvintista, mais uma imposição ouvintista, de que a música não é para os surdos, de que é bobeira estar tendo música. Principalmente isso acontece muito no meio religioso, que é bobeira o intérprete está lá na frente interpretando uma música, ou o surdo copiando música, e tal. Igual J2 falou, nas igrejas, principalmente nas igrejas católica, há toda uma liturgia. Na nossa igreja também tem uma liturgia. As coisas são praticamente as mesmas em todos os cultos. Então, não é simplesmente: Ah, cantou uma música que já está fazendo ali tal... não! Teve um ensaio, eles já conhecem a música. A música diz: *_ Vós sois o sal da terra*. No início nós tivemos que estudar com eles o que era o *“sal da terra”* o que significava isso *“sal da terra”*. E aí, a gente até já faz uma tradução interpretação estrangeirizadora. A gente não precisa mais fazer uma interpretação contextualizadora.

A: Não precisa fazer o tempo todo né?

J1: Não precisa mais, eles já sabem. Quando tem surdos que não conhecem a gente tal, *_ Ih, vai tocar tal música...* a gente já vai na explicação. Aquela música é assim, assim, assim, tal, tá falando disso, significa isso, pronto! Então, a gente já não fica mais o tempo todo. Também as pesquisas, né primo, já estão abrindo muito isso. Então, a música é para os surdos? Depende em como você acredita na música, e essa pergunta está sendo pra quem né? A música é para os surdos? Se você perguntar para a pessoa que é leiga: *_ Não, a música não é para os surdos porque a música tem áudio, a aquilo outro*. Tem muitos músicos que não sabem que a música pode ser para os surdos.

A: Mas, você acha que não?

J1: Eu vejo a música para o surdo, no quesito rítmico, no quesito poético, na essência da poesia que ela trás. Tanto é que a própria posição, o seu corpo quanto o cenário, o seu próprio corpo sendo o próprio palco pra essa atuação artística, ela muda de postura. Então, se ela muda de postura, ela mudou o contexto. Se ela mudou o contexto, ela é outra coisa. Entendeu?

A: E você J2, o que acha? A música é para surdo?

J2: Então, eu acho que música tem que ser pra todo mundo. É muito interessante né, eu venho de uma questão muito plural né. Eu mesmo, eu não sou musical. É até engraçado, a V., ela é minha namorada, ela é assim, muito eclética. Ela dança, canta, toca, ela faz tudo.

A: V. é surda ou ouvinte?

J2: Ela é ouvinte. E, é muito engraçado porque ela faz tudo: samba, dança, toca. Ela é muito musical. E quando ela para, tipo assim, quando a gente está no carro, eu não ligo o som. Ela que liga. Pra mim é indiferente.

J1: Eu também! Quando eu entrou no carro dele, eu ligo! (risos)

A: E pra você interpretar música em Libras?

J2: Em casa não tem som.

A: Mas, desde criança, nunca teve?

J2: Nunca teve. Engraçado que meus irmãos também, tipo assim, tem gente que acorda e já quer ligar o som. Arruma a casa, tem que ligar o som. (risos) Pra mim é indiferente. É muito engraçado. E eu olho pra ela, e ela brinca comigo, qualquer música eu pergunto: _ *Quem canta?* (risos) _ *Você não conhece?* _ *Não!* (risos) Parece que é o fim do mundo!

A: Tá tocando aquele clássico e você assim...

J2: Aí você para pra pensar: Música é para surdo? Depende. Porque eu não sou surdo e a música não é pra mim. Tem ouvintes que são assim. Então, quer dizer, é o que o J1 fala, essa questão é muito... é igual à questão da fala, da língua, é uma questão muito presa a fala, por isso a questão surdo-mudo, da linguagem, por quê? É a questão da fala. Nesse caso é a questão da modalidade. Eu aprendi muito a questão musical com o J1, porque ele não é um estudioso, mas como ele falou, ele cresceu no meio, então ele tem um conhecimento. A gente sempre discutiu isso, eu tinha , por que, ele falou bem assim: _ *Ah, muitos vezes os ouvintes impõe.* Tipo assim, por quê? Pela questão, eu penso, a questão do paternalismo. De saber o quê que é bom para o surdo, e o que é ruim, e decidir por eles. Hoje como a gente tem ampliado muito mais esse leque tanto de informação, as possibilidades são outras, as visões são outras, isso tem mudado. Então, tipo assim, eu consegui até mudar. Porque música eu até interpretei! (risos)

J1: Na televisão! (risos)

J2: Ninguém imaginou! Surdo mesmo me perguntou: _ *Você conseguiu?!* Porque todo mundo sabe

A: Então você tinha dificuldade?

J2: Muita! Porque, tipo assim, igual aqui ó: estratégia. Igual o J1 falou, tem todo um estudo, é tudo uma questão. Igual, quando ele traz a questão da música é muito mais do que somente o produto final, isso já responde tudo. Então, é o que você mais vê. Se você procurar no Youtube, você até passa mal! (risos)

A: Realmente, pra fazer uma coisa qualquer, então não vale à pena! Tem que ser uma coisa legal.

J2: E, é, a questão musical hoje eu consigo ver com outros olhos. Mas, me arrisco, mas a gente sempre tem uma conversa com os surdos. Eu sempre falo assim que a gente trabalha muito junto. Então, parece que se encaixa. Tem música que ele já olha pra mim: _ *Não, pode deixar que eu vou fazer!* (risos) Tem alguma coisa, a gente já sabe, não precisa nem falar. Quando eu tô lá interpretando, aí vem a musiquinha, J1 já sabe já, parece que a gente tipo. Mas é legal porque cada um entende, mas tipo assim, não me fecho à questão, tanto que com o *jingle*...

J1: E foi legal essa do *jingle*, a parceria que nós tivemos, bom quando vai né, um escreve a letra, o outro escreve a música. E foi bem legal isso porque a experiência que J2 tem desde a infância com a comunidade surda me ajudou muito a criar estratégias pra fazer a tradução daquela música, daquele *jingle*, e pra alcançar também as rimas necessárias! As rimas e o ritmo que pedia. Então, esse conhecimento dele me ajudou muito ali na hora porque já era uma coisa que, tipo, tava indo muito além, tava indo ao alcance de surdos que sabem muito a língua de sinais, surdos que ainda estão aprendendo língua de sinais e da forma como nós pensamos e criamos a estratégia para levar isso para o público, a nível estadual, foi assim, foi bem legal porque a gente conseguia ver o resultado final. A gente não conseguiu ver tudo né, J2, porque acabou a gente não acompanhava muito na mídia como que estava, a gente teve o *feedback* dos próprios surdos. Quando a gente chegava aqui na universidade, os surdos já vinham cantando a música! Eles já vinham né, J2? Eles já vinham cantando a música pra gente.

A: Então, gravou né?

J1: Eles zoavam a gente! Falavam: _ *Ah, vocês vão votar no Lelo!* Eles já vinham pra gente: _ *Eu quero Lelo, eu voto Lelo, Vitória merece Lelo!* (risos) Então, tipo...

J2: _ *Lelo é massa, massa, massa!* (risos)

J1: Então, tipo assim, a gente viu: Caramba! Realmente surtiu efeito que a gente queria.

A: E eles perceberam que era música!

J1: Sim!

A: Porque tem essa questão. Vocês estão interpretando a propaganda política de um candidato. Aí, no momento que eles estão dando as proposta do que eles vão fazer, blá, blá, blá, aí tem um momento que entra a música. Eles conseguiram diferenciar o momento de proposta, de fala, do discurso e o momento música. Coisa interessantíssima!

J2: Então, não foi de uma hora pra outra, de um dia para o outro, a gente sofreu pressão externa assim, lá de Brasília, por que a gente tinha que gravar e nós: espera! A gente poderia ter feito de qualquer jeito, mas não nós...

A: E valeu a pena!

J2: Com certeza! Com certeza! A experiência foi muito boa e hoje, como o J1 fala, você entende música num contexto muito maior, música é pra todo mundo! Cada um interpreta de uma forma. Teve uma mulher que apanhou: _ *Ah, que saudades do meu ex!* Quase tomou uma surra? Então, a música não é pra ele! (risos)

A: Tecnicamente essa não é

J1: E tem uns ouvintes que não gostam de música. Eu fico assim, gente... onde eu tenho que falar assim. Eu ficava assim: _ *Gente, como que você não gosta de*

música? Não, aí tem que ver né, da onde a pessoa veio, e tal, tem todo um contexto. Eu, diferente, igual J2 falou, eu lá em casa, eu levanto tenho que ligar a música. O E1, por questão corporal, ele vê, ele gosta muito do *Glee*. *Glee* é uma série musical e ele acha mais legal. Um dia ele me perguntou: _ *Eu posso ver o Glee?* Eu disse assim: _ *Mas, por que você quer ver Glee?* Aí ele: _ *Não, é porque eu acho muito legal eles dançam, eles se expressam,* e tal, aí eu falei assim: _ *Mas, você sabe que é música né?* Aí eu já aproveito pra fazer minhas pesquisas né! Aí ele: _ *Sim, eu já sei, eu acho muito legal.* Porque eles estão falando daí aí a pouco muda a cena, eles já estão numa cena musical.

A: E como ele sabe que estão cantando né?

J2: A questão da inserção é muito legal. Quando começa a reter o conhecimento. De uns três anos pra cá os surdos descobriram comigo a Escola de Samba. Então, quer dizer, e hoje eles participam, J1 já foi né?

J1: Já, já...

A: E como é a reação deles na Escola de Samba?

J2: Eles gostam e a Escola recebe muito bem. A minha namorada ela é musa da escola, vai ter um carro sobre acessibilidade, eu até já falei com J1, a gente vai traduzir e interpretar o samba enredo da escola.

A: Ah, que massa! (risos)

J2: A gente quer encher os surdos na avenida, e vai ser muito legal! Inclusive, tem uma Escola de samba do Rio de Janeiro que o pessoal do Ines foi.

A: Não, no Rio de Janeiro, os surdos desfilam,

J1: A gente tem que dar umas ideias pra ele de como vai ser esse carro alegórico.

J2: Esse ano a Piedade, eles vão falar das flores, e nesse carro alegórico ele vai falar daquela Frida... sei lá como que é?

J1: Sim, sim, sei qual é.

J2: Ali ele quer colocar todas as pessoas deficientes.

J1: Vai ser legal! Já temos umas ideias para o carro deles já entendeu (risos)

A: Vai ter umas mãozinhas né? Com certeza! Que lindo, nossa!

J2: Eles gostam muito, eles participam.

J1: Nós já fomos em boates, né J2, pra interpretar pra surdos em boate! Então, tipo assim, era coisa de louco gente!

J2: Agora, tem uns que vão e gostam, tem outros que vão e não querem mais. E aí?

A: Acontece também né?

J2: Sim!

A: Beleza, entendi.

J2: Hoje em dia eu escuto música sertaneja. Tem gente que gosta e tem gente que não gosta. Então, quer dizer né, independente é música, mas e aí? Então, é muito mais complexo se for assim fechar ou afirmar.

A: E a associação?

J1: E a associação? Você participa na associação dos surdos? Desde quando, né J2, que convidou a gente está sempre envolvido com a associação de surdos. Às vezes mais, às vezes menos, por questão de tempo né, mas sempre que eles precisam ou alguma coisa que a gente possa ajudar, a gente tá ali. Antes, com certeza, era muito mais por conta de muitas coisas que precisava ser organizada para eles né, na questão educacional, na questão de direitos sociais e tudo mais, então a gente ia muito pra rua né, com faixa né J2?

A: Manifestação né?

J1: Manifestação, é... uma das manifestações maiores que nós tivemos foi 2011 lá de Brasília, né? De Brasília, então eram coisas assim que nem tudo a associação podia arcar né, então nós mesmos, a gente tira do nosso bolso mesmo, vamos pagar passagem aérea aí, vamos pagar hotel, e vamô embora! Que o negócio é as coisas acontecer e dar certo!

J2: Hoje a empresa patrocinou o uniforme da...

J1: Sim, a empresa que nós atuamos de marketing network patrocinou o uniforme dos surdos né, da associação

J2: Feminino e masculino

J1: E foi muito legal! Foi uma participação bem interessante. E, então assim, participar na associação de surdos, a gente participa. Hoje eu vejo assim que as associações de surdos elas, não sei dizer se são estratégias do governo, o quê que é, mas a educação bilíngue, fazendo entre aspas, a educação bilíngue, ela parece meio que abafou um pouco o movimento das associações e tal porque parece que muitos surdos...

A: A carteirinha da associação...Associação de integração dos surdos de Vitória!

J1: A minha vai sair

J2: Na verdade, ela foi fundada em 89 pelo meu tio S2, aí minha mãe hoje é a vice-presidente.

A: Ela é presidente?

J2: Vice

A: Ah, é vice

J2: Presidente é a B1, você lembra da B1?

A: Lembro da B1.

J2: Do Letras Libras?

A: Sim, ela morava em Minas, está morando aqui agora.

J2: M., tem um grupo legal .

J1: E como é a sua participação na comunidade surda? Eu participo bastante, atuando hoje, a comunidade surda ela se expande né, hoje nós temos, eu trabalho com uma equipe de surdos à nível nacional e internacional, então é... tanto eu, quanto J2 e B. tem feito um atendimento a nível nacional e internacional por conta da empresa, por conta da empresa ser internacional né. É, então, nós temos os surdos daqui do Brasil, de todos os estados do Brasil, nós temos surdos que fazem parte da nossa equipe nessa empresa, então nós estamos o tempo todo envolvidos com eles, dando as orientações, tirando dúvidas deles, treinamentos, palestras, e tal, a gente está sempre junto. E a nível internacional, mesmo não sabendo a língua de sinais de outros países, nós estamos aí em quinze países diferentes, não sei falar todos, mas temos: Egito, Turquia, Alemanha... são muitos, muitos surdos! Então, a gente tem atribuído ao Gestuno, juntamente com o apoio do W., que é o primeiro líder surdo nessa empresa. Então, a partir dele nós temos feito todo esse trabalho né, com esses surdos, a questão de imagem, da língua mesmo em si, então o nosso envolvimento com a comunidade surda tem sido muito sim.

J2: Hoje na associação de surdos, especificamente, eu sou intérprete voluntário. Então eu sou tipo uma referência assim na tradução interpretação, nos contextos que ele saem, reuniões.

A: Você quis se voluntariar ou a associação pediu que fosse voluntariado?

J2: Sim, eu acabei indo, porque lá em casa, mamãe né

J1: Tem história também né primo?

J2: Tipo, eu venho dali e é lá que eu volto.

A: Não, porque, de repente, não sei como que eles contribuem financeiramente, de repente há a possibilidade de pagar um intérprete.

J2: Não, tipo assim, envolve por exemplo, é até engraçado essa questão de pagar o intérprete. Aconteceu uma coisa muito interessante. Essa carteirinha, ela é... aí eu tô vendo lá em casa tal, o vermelho aqui é azul. Todo mundo. Aí chega a minha, é

vermelha! Aí eu: *_ Por que vermelha?* Aí minha mãe: *_ Porque ouvinte é separado.* Aí eu: *_ Como assim, ouvinte separado? Não, peraí!* (risos) Aí, ontem eu fui receber, aí eles de surpresa: *_ Não, a gente fez a vermelha porque justamente alguns vão receber a vermelha por se voluntariar e não vão pagar a mensalidade.* Então, foi uma forma de organização.

J1: Ah, legal!

A: Deu uma melhorada! (risos)

J2: Aí eu quebrei a cara né! Porque eu já ia tomar um quizú!

A: Então, quem faz voluntariado recebe uma carteirinha vermelha, a azul é quem contribui.

J2: Que é o mensalista.

J1: E4 tem me cobrado todos os dias: *_ J1, os documentos J1? Cadê os documentos pra eu fazer sua carteira!* Aí eu: *_ Tá bom, eu vou mandar!*

J2: Identidade... identidade é uma coisa muito... vamos lá, como você imagina...

A: Identidade surda, quando você ouve "identidade surda, qual a primeira imagem que vem em sua mente, faça uma tradução intersemiótica! (risos)

J2: O que vem a sua mente com esse termo identidade surda? Hoje a gente consegue discutir mais amplamente o conceito de identidade surda. Eu acho que existe o lado negativo e o lado positivo. Eu acho que hoje no mundo que a gente vive a questão da identidade é um lado muito mais político, só que também tem as suas armadilhas. Então se você não souber lidar com isso você pode acabar dando um tiro no próprio pé. Você pode acabar indo contra o seu próprio discurso.

A: O J2 matou a minha... a minha pesquisa é essa! A minha hipótese é essa!

J2: Igual agora, a gente tá falando de surdo, por exemplo, é igual agora saiu uma, eles estão querendo fazer uma primeira emenda constitucional no decreto 5626.

A: Sério?

J2: É, com umas afirmações, respondendo até essa última aqui, "quem são os melhores, tem que ter surdo ou ouvinte, quem pode ser professor." E tá lá na emenda só quer que afirme que seja professores surdos. Se você for olhar por um lado, ainda hoje 2017, século XXI os surdos têm que discutir ainda sobre isso? Sobre documento de doze anos atrás? Então realmente que inclusão é essa que a gente vive que essa afirmação tem que ser feita diariamente? Entendeu? Então tipo assim, se é um documento, se é um decreto, por que ainda tem que vir uma emenda pra dizer: ó, tal artigo... pra garantir?

A: Garantir o garantido né?

J2: Aí quando ele fala a questão da identidade surda exatamente entra por essa luta? Então tipo assim, se eu olhar só identidade surda a gente pode discutir...

A: “n” coisas

J2: Pra você entender todo o contexto, hoje os movimentos minoritários tem que se reconhecer como tal, as conquistas só vem através disso.

A: Então a identidade surda é uma questão política?, É discurso?

J2: Hoje sim, porque é...

J1: É a questão da afirmação A, porque tipo assim, eu enquanto negro né, eu não preciso falar, não precisaria falar pras pessoas que eu sou negro. Poxa, está em mim isso aqui, mas eu tenho hoje por questão política e social, eu tenho que fazer essas afirmações. E se eu não fizer essas afirmações, eu penso até nessas afirmações quanto nos permeiam uma certa pirraça, porque você só é visto porque você dar a atenção pro seu filho quando ele faz uma pirracinha, você: Opa!, Calma aí. O quê que está acontecendo aqui? Isso pode, não pode, vou aceitar a sua pirraça ou não? Então torna-se essa afirmação, a identidade surda quando veio né, à tona né, a identidade surda, inclusive tem outras coisas aí que vem vindo ligado ao surdo, tem o folclore surdo né, o *the flore* né que vem falando aí com outros termos aí e tal. Vem pra afirmar né, pra afirmar a cultura, afirmar a comunidade, afirmar a pessoa surda. Afirmar que eles estão ali e que eles estão atentos ao que está acontecendo.

J2: Outra coisa, é muito arriscado generalizar, eu vou até falar por conta da questão do negro. Muitos negros não estão no movimento negro e muitas vezes até discordam dos discursos do movimento negro. Como você vê surdos também que não se consideram surdos e falam que... (inaudível)

A: Que são o quê?

J2: Que são deficientes auditivos. Então quer dizer quando a gente começa a olhar mais, acho que é marcação de espaço, acho que isso é necessário, é político, só que também é arriscado, é um risco que se assume. Só que é uma luta diária, a gente costuma falar que a gente vive na, a gente que está numa comunidade surda, o surdo ele nasce lutando, ele sai do ventre da mãe já, tipo assim, lutando. Se ele pudesse seria que todo mundo quer fazer alguma coisa por ele, quer fazer intervenção. Então é a vida toda lutando, lutando, lutando, a vida toda! Já sai do ventre olhando tipo assim: Pô, já é um pobre coitado.

J1: Já vem com aquela marca já: *_ Você nasceu agora, o mundo é sonoro tá! Só pra você ficar esperto.*

J2: Então tem todo o discurso da identidade, vou falar até a questão dos muçulmanos. Tem a ala radical, a não radical, na identidade surda você vê quem são bastante radical, os que são moderados, todos os movimentos são assim. O mundo hoje é de marcação, acabou, é a sua identidade. Então, eu acho que a

identidade surda hoje no campo político ela é se faz necessária. Tanto que a gente vê pelas lutas. E é como você falou, é um discurso.

J1: É um orgulho de ser surdo, como eles falam.

A: É, orgulho de ser surdo...

J2: Eu acho que tipo assim, nós que fazemos parte de todo esse contexto temos que, eu acho que, entender melhor tudo isso, você escuta às vezes até alguns discursos assim pegando como base alguma teoria e aplicando, ou muitas vezes generalizando, e aquilo dali não é uma verdade. Então quer dizer... (inaudível)

J1: Até as armadilhas do governo (inaudível)

J2: E as pesquisas acadêmicas, as discussões que a gente tem, muitas vezes não chega aos surdos. Quem fala de identidade é a gente, se for numa associação você falar o que é identidade, pra eles ó... (cara de indiferente)

A: Na associação, ali no dia a dia, com os surdos, na rotina, no dia a dia, ninguém fica discutindo o que é identidade?

J2: Os que têm acesso acadêmico sim. Só que hoje a gente sabe que isso é minoria. Quando você vê o time de futebol lá ontem, tinha uns trinta, se for olhar só tinha o G. que é daqui. Poderia talvez discursar. Os outros...

A: Pros outros tanto faz como tanto fez. Entendi, legal, beleza.

J2: Sei lá, é muito complexo, muito arriscado, envolve uma discussão muito maior. Preconceito...

J1: Você já sofreu? Eu também não. Eu me coloco...

J2: Eu já sofri algumas situações interessantes, mas eu não vejo como preconceito. Por exemplo, aconteceu no futebol lá no ano passado? Foi em 2015... é, no ano passado, teve futebol no Cas, no dia do surdo do ano passado. Aí veio surdos de vários municípios. A gente fez um time de CODA. E a gente foi campeão. Nossa, a gente quase tomou uma surra! (risos) Por quê? A gente não era surdo.

A: Campeonato de surdo, fizeram um time de CODAS, aí os CODAS ganharam...

J2: A escola aceitou. A escola aceitou. Tinha eu, J4, M1, W2...

A: Aí eles ficaram recalçados?

J2: Eles não aceitaram! (risos) _ *Ah, é ouvinte! Ouvinte é mais fácil.* Tem toda essa...

A: Na perna é mais fácil para o ouvinte?

J1: Mas, quando eles jogaram contra os cegos?

J2: É... você lembra né?

J1: Quando eles jogaram contra os cegos, os surdos ganharam né!

A: Aí acharam melhor, né!

J1: Aí foi tranquilo!

J2: Eu não vejo como preconceito, eu vejo como choradeira do futebol! (risos)

J1: Eu também vejo muito isso!

J2: Eu vou dar um outro exemplo. Quando eu entrei aqui no Letras Libras, em 2015, entrou eu e F. No processo seletivo entraram alguns surdos. No dia da prova, não veio ninguém. E a gente entrou. Só que olha só como acontece à discussão. Eles estavam pedindo muito a licenciatura. E colocarem professores surdos para atuarem aqui. Quando teve uma reunião lá na reitoria foi passado pra eles que só podia com mestrado. Só que, não falaram que era o caso de ser professor efetivo, olha como que a comunicação acontece. Quando souberam que eu F. entramos aqui e nós não tínhamos mestrado...

A: Hum... eu acho que eu lembro disso.

J2: Imagina o tamanho dessa confusão. Então isso aí eu fui taxado assim, de eu chegar em casa minha mãe disse assim: (*J2 sinaliza em Libras*) Tipo assim, de surdos foram fazer vídeos

A: De surdos te acusando que você está pegando o lugar deles...

J1: Até acusando a banca!

J2: Sim, é. Eu não vejo como preconceito, entendeu?

J1: Foi um chororô!

J2: Eu sou bem visto e tudo, mas são momentos específicos. Terça-feira eu fui jogar com os surdos, não sei o quê e tal, tal, tal; aí foi tirar o time, aí: _ *Sei lá, você é ouvinte, sai fora.* Eu não vejo como preconceito. Eu não consigo ver como preconceito, entendeu? Eu acho que é tipo assim: _ *Você é profissional e eu sou amador, ou, Você joga mais do que eu.* Eu não consigo enxergar isso como preconceito.

J1: Lá em Goiânia mesmo, eles diziam: _ *Ah, vamos fazer uns passos de dança e tal.* Com os surdos lá, mas não tinha música! Aí a V.: _ *Vai J1, você já deu aula de música, faz aí.* Aí foi, depois o pessoal disse assim, o pessoal lá não sabia que eu não era surdo, _ *Não, mas ele é ouvinte!* Aí V... V. ficou brava: _ *Nada a ver!* Mas nem música tem? Nem música tinha pra gente pegar o ritmo, era só pra mostrar alguns passos e tal. Mas também, igual o J2 está falando, a gente não vê assim...

A: Às vezes rola umas marcações assim: *_ Ah, mas ele é ouvinte!* Ou então, não sei o quê: *_ Mas, é ouvinte!* Em todo o momento, às vezes tem essa...

J2: Eu vejo como questões pontuais, entendeu?

A: É, não é a todo tempo, mas...

J1: Não valeu, porque você é café com leite (risos)

J2: Preconceito é você querer ter aversão, e não querer ter... não é?

J1: Até porque nós temos um certo tempo na comunidade surda envolvidos ali com o pessoal, você pode ver que, a gente é sempre chamado para atuar na assembleia legislativa, na câmara dos vereadores, e quando vão intérpretes que, pseudo intérpretes que, são os primeiros que eles ligam né J2? Ligam para o J2 e para o J1, que mesmo nós não tivermos a disponibilidade de ir, nós vamos encaminhar alguém, intérpretes né, eles são qualificados, que eles aceitam, porque esses intérpretes vão ser aceitos, entendeu? Então, tipo assim, num é a questão do preconceito.

J2: Também não vejo como uma questão de preconceito. E isso não me incomoda em nada. Eu não vejo incômodo nenhum, entendeu? Tanto que ... eu falei: *_ Chora, chora...* (risos) *_ Ouvinte nada, você chora mesmo! _ Ouvinte é fácil! _ Ouvinte não é fácil não, é você que chora mesmo! _ Vai treinar! Vai treinar!* Então, assim, entendeu? Então, quer dizer...

A: Tira de letra né!

J2: Quando fizeram o vídeo, quando eu cheguei em casa, eu realmente fiquei chateado porque chegou uma informação completamente distorcida pra minha mãe. Depois que eu fui entender... ah, depois

A: Depois a coisa ficou esclarecida.

J2: Então, quer dizer, foi uma falta de comunicação que pegaram aquilo como verdade, como discurso, realmente...

A: Deu tempo de você pelo menos se defender e aí e ficou esclarecido

J1: Essa questão da comunicação atrapalha muito na questão do curso

J2: Os próprios surdos que não foram, que conheciam, é tipo, infelizmente, "onde um boi vai, a boiada vai atrás", então muitos surdos são assim. Então se eu colocar um vídeo aqui

A: Falando mal de tal pessoa...

J2: Olha lá no Ifes lá, teve concurso no domingo, tinha uns dez surdos lá. Então assim, só porque tinha gente que sabia Libras, eles estavam lá. Então, quer dizer, o que tem ou o que não vai ser, não. Vamos usar aquele momento pra conversar e se comunicar. Ah, aí: *_ Vamos pra reitoria!* Aí quem estava no processo conhecia a

coisa. Só que tinha surdos que nem participa. Aí pegou o discurso, não viu aquilo, e pá! Se você for olhar hoje no facebook tem cada surdo que fica postando uns negócios que você fica...

A: Nada a ver né?

J1: Essa é uma questão de comunicação. Por exemplo, na nossa empresa mesmo por conta de ser marketing network, tem alguns problemas que tem que os surdos simplesmente viu a imagem, e tipo assim, ah, vou deduzir que isso é ruim, e que não é bom. Aí, uma vez eu perguntei pro surdo: *_ Vem cá, só uma pergunta, você é surdo ou você é ensurdecido? Você tem uma percepção sonora legal? _ Não, não. Eu sou surdo profundo. _ Você sabe que tem um áudio nesse vídeo, né? _ Tem? Eu falei assim: _ Tem! Tem um áudio nesse vídeo. E esse áudio, outra coisa, está em espanhol! Aí, ele: _ É mesmo! Eu falei assim: _ É! Pois o áudio que está em espanhol nem é uma voz de verdade, é uma voz do Google.* Aí, teve que explicar a ele tudo certinho para que eles pudessem entender que aquilo que estava ali não era uma coisa real. Então, ele estava tomando aquilo como uma verdade de uma coisa que era inverdade, era uma mentira, na realidade não era uma inverdade, era uma mentira mesmo! Não só os surdos, como os ouvintes também. Mas, para o surdo era mais complicado porque existia um áudio, só aparecia à imagem. Entendeu? Então eles não estavam ouvindo o que estava sendo dito né,

A: E interpretaram da maneira deles.

J1: Então, tem essas situações de coisa a falta de comunicação, o acesso à informação...

A: Às vezes causa mal entendido

J1: O que você acha dos surdos usar aparelho auditivo ou implante coclear? Ué, se ele quiser usar! (risos) Na verdade, aí tipo assim, mas a gente sabe que existe uma imposição patológica. Eu, particularmente, quanto pai de surdo, vejo muito assim que essa imposição patológica ela tá muito ligada ao capitalismo né, porque a gente vê como que a gente vê como a tecnologia tem avançado desde lá de trás até chegar a nós aqui, tanto tecnologia quanto internet, tudo mais, então a gente chega ao implante coclear. O implante coclear ele serve para todos os surdos? Não serve para todos os surdos. O aparelho serve para todos os surdos? Não serve para todos os surdos. Então, quando eu vejo um médico, ou um profissional da área de fono, chegar e falar pra uma mãe ou para um pai igual chegaram pra mim, chegaram como seu eu não sabia, de que o seu filho precisa do aparelho, ele pode usar o aparelho, e ele vai conseguir ouvir. Sabendo que o seu filho tem surdez profunda e severa. Então é aonde envolve, distorce tudo, e você cria uma certa aversão àquilo ali. E pra gente que já está envolvido ali na comunidade surda, você já fica com o pé atrás. E eu vejo a questão do capitalismo nisso, por quê? A instituição que oferece o aparelho, eles oferecem o aparelho pra que eles tenham um tempo de manutenção desse aparelho e manutenção do ser humano que está utilizando esse aparelho. E esse período que ele vai estar em manutenção eles vão estar recebendo recursos ali.

J2: Mas, é engraçado, quando a gente fala isso com as pessoas, elas só faltam matar a gente! _ *Como assim, você é contra?*

J1: Não é que somos contra, é a forma como é passado isso.

J2: Agora, quando o discurso deles vem

A: Mercadológico né

J2: É completamente aceito. Agora, quando você discute ou questiona, nossa! Você é botado numa cruz e, igual tava falando das instituições, minha mãe com mais de cinquenta anos, até hoje a questão do laudo pra conseguir Passe Livre, essas coisas, sempre quando ela vai eles oferecem aparelho, querem implantar. Mesmo sabendo que pra ela já não...

A: Oferece o produto né! *Olha, isso aqui é bom, você vai ouvir...*

J1: O implante coclear hoje a manutenção é caríssima, sai do nosso bolso de imposto.

J2: Se tiver a livre espontânea vontade, não vejo problema nenhum. Então, quer dizer, são as possibilidades de, se ele entender aquilo como uma melhora...

J1: Para alguns surdos, eu vejo o aparelho, não só vejo como eu aprendi também, que o aparelho auditivo ele é um alerta de vida. Ele não é para que ele tenha o mesmo alcance auditivo que nós ouvinte temos. A gente sabe, eu não sou fonoaudiólogo tá galerinha, tô zoando, mas eu tô falando do que a gente teve de contato com fonos que são intérpretes de língua de sinais, ou que estão envolvidos com a comunidade surda, de que é um alerta de vida. É apenas uma alerta de vida, que os surdos com o aparelho auditivo eles não fazem a seleção auditiva igual nós fazemos. Né, igual você e a A, que está nos entrevistando, você decidiu ouvir a minha voz, mas ao mesmo tempo existe outras pessoas conversando na sala ao lado, passando lá fora, mas você selecionou. O surdo recebe tudo de uma vez. Né, por isso que eles dizem: _ *O surdo é agressivo!* Não, gente! Dentro de uma sala de aula, imagina, aquele monte de menino encapetado, falando na sua cabeça recebendo aquele monte de som ao mesmo tempo, som agudo, som grave, som isso aquilo outro, alto, baixo, forte, fraco, vai dar um... na cabeça daquela criança. E ele vai ficar nervoso, até eu ficaria! Então, é, não sou contra o aparelho, não sou contra o implante coclear. Eu sou contra a forma como eles iludem, e muitos iludem mesmo, e nós temos gravado aí no programa da Ana Maria Braga, essa forma de ilusão e até mesmo de agressão, agressão contra a comunidade surda em falar que o surdo ele não vai ser capaz se ele não tiver o aparelho, que se ele não for implantado, a pessoa vai e faz um implante. Eu tive um aluno surdo que ele ia uma vez por mês, duas vezes no mês, para poder fazer a manutenção do implante coclear dele, com tudo pago pelo governo: avião, hotel, sabendo que o menino tem surdez profunda severa.

J2: Nem usa hoje mais.

J1: Nem usa, lá na sala de aula ele falava comigo: *_ Posso tirar o aparelho? Eu falei assim: _ Por quê que eu vou te impedir de tirar o aparelho? _ Porque senão você vai contar pra minha mãe.* Eu disse: *_ Não, eu tô aqui dentro da escola, sou profissional, o que você faz ou deixa de fazer é responsabilidade do professor e da escola. Agora você é seu corpo é seu corpo, eu estou nem aí. _ Você não vai contar pra minha mãe não? _ Eu não.* E ele falava: *_ Quando eu crescer e a minha mãe morrer, minha vó morrer, eu nunca mais vou usar o implante coclear.* Por quê? São os pais que...

A: É mais um desejo dos pais, da família, do que às vezes da própria criança.

J2: Na maioria das vezes é desejo da família, na maioria das vezes. Muitas vezes é o desconhecimento mesmo e por influência, assim, externa mesmo. Daquela questão de vender esperança. É meio complicado. As melhores pessoas pra ensinar Libras são surdos. O que pensa a respeito? Então, a língua é uma língua. Eu acho que respondendo a questão da formação, da capacitação, qualquer pessoa pode estar apta a ensinar a língua, desde que tenha uma formação, alguma capacitação, que esteja realmente qualificado. Só que, por um outro lado, falando no que é uma complexidade dessa língua pela sua modalidade, existe as dificuldades que muitos que...

A: Só a formação também não dá conta.

J2: No papel, na exigência legal, sim. Só que a gente está falando de uma língua. Vou dar um exemplo: Se você for no Centro de Línguas ali. Existe professores que são de outros países que ensinam a língua. Então se você for olhar aquele ou outro você vê claramente algumas...

J1: Hoje a gente vê isso nas escolas de línguas mesmo que eles oferecem assim. Eu, particularmente, eu preferiria...

A: Algumas nuances que a pessoa é um nativo né.

J2: Não que legalmente os dois estão no mesmo patamar

A: Os dois estão amparados, se eles tiverem formação, documentos, eles estão amparados.

J2: Lembrando que o decreto ele dá prioridade para os surdos e muitas vezes isso não é respeitado. Na maioria das vezes não é respeitado. Até pela questão mercadológica, questão do capital é muito mais interessante colocar uma pessoa ouvinte.

J1: Quando você vê os cursos de Inglês...

J2: Colocar um surdo, eles veem a questão da dependência surdo com intérprete...

A: Já fica mais caro...

J1: Quando você vê uma escola de inglês, assim, professores nativos, cara, tem um quê maior.

J2: Tem um quê maior. Você vai aprender com um nativo. Você vai aprender com um surdo. Olha como é interessante, no caso da língua oral, isso não é discutido.

A: Até que é também. Porque nesta questão do inglês, por exemplo, deles falarem do nativo, e os portugueses, oh... os portugueses, os professores de inglês brasileiros eles são bem discriminados pela forma de falar porque eles falam um inglês *abrasileirado*, né, então tem isso também. Então se valoriza muito o inglês americano ou britânico.

J2: Então, se essa pergunta fosse quem era melhor para ensinar inglês, são os ingleses?

A: Ou os americanos?

J1: Ou os britânicos?

A: Porque no caso do inglês, vamos supor, se você for ter o inglês na Irlanda porque tem a questão da variação, então, vai ter na Irlanda, vai ter na Austrália, esse inglês da Irlanda, da Austrália e da Índia, por exemplo, eles são um pouco desprestigiados em relação ao inglês britânico ou americano.

J1: Entre o americano e o britânico já tem uma...

A: Já tem uma rixa!

J2: Então, vamos pegar essa comparação surdo e ouvinte, britânico e o inglês?

A: Acho que dá. Dá na questão assim, do ouvinte, vamos supor, ele sabe Libras bem, não precisa nem ser intérprete, mas ele sabe Libras bem, tem uma fluência legal. Daí ele passa num processo seletivo, de repente tem uma proficiência do Prolibras, tem formação Letras Libras, tá legal, tá bacana a Libras dele, beleza, pra ser professor de Libras. Ele está respaldado pela documentação, passou por um processo seletivo, aí vem um surdo, que ele sabe muito bem Libras e tal, mas de repente ele não tem a formação. Aí ele entra como instrutor. Pela lei, ele entra como instrutor ensino médio. Tem que ter alguma coisa né. Mas, assim, é às vezes, no discurso da cultura surda a gente percebe assim, muito privilegiando o surdo pelo fato de ser surdo do que da formação dele. Ele pode ser um excelente profissional, só que ele tem que ter uma formação. Tem que passar por alguma licenciatura, ou tem que passar por alguma formação.

J2: Você viu a opinião do Capovilla sobre isso?

A: Não, não.

J2: A opinião dele é voltada para neurociência, neurolinguística que ele estuda. Ele fala que o apropriado é a bidocência.

A: Bidocência?

J2: Um intérprete com um professor surdo.

A: Dividir né.

J2: É uma outra opinião né. Interessante o que o Capovilla falou.

A: Interessante isso que você me falou, se você tiver depois esse material pra me passar. Eu nunca tinha visto isso. Legal! É outro pano pra manga!

J2: Às vezes podem olhar como uma questão de dependência. Mas, ele não vê como uma questão de dependência.

A: É de parceria. E o surdo, vai aceitar? Ou vai dizer: *_ Ouvinte sai, ouvinte sai! Intérprete precisa não!* (risos) Beleza, mas eu acho que já encerrou aqui. Essa foi a última pergunta, não foi? Beleza, quer fazer alguma pergunta J1?

J1: Eu quero agradecer esse momento tão importante na nossa vida, de fazer parte da sua história!